



Historias

para

Crianças

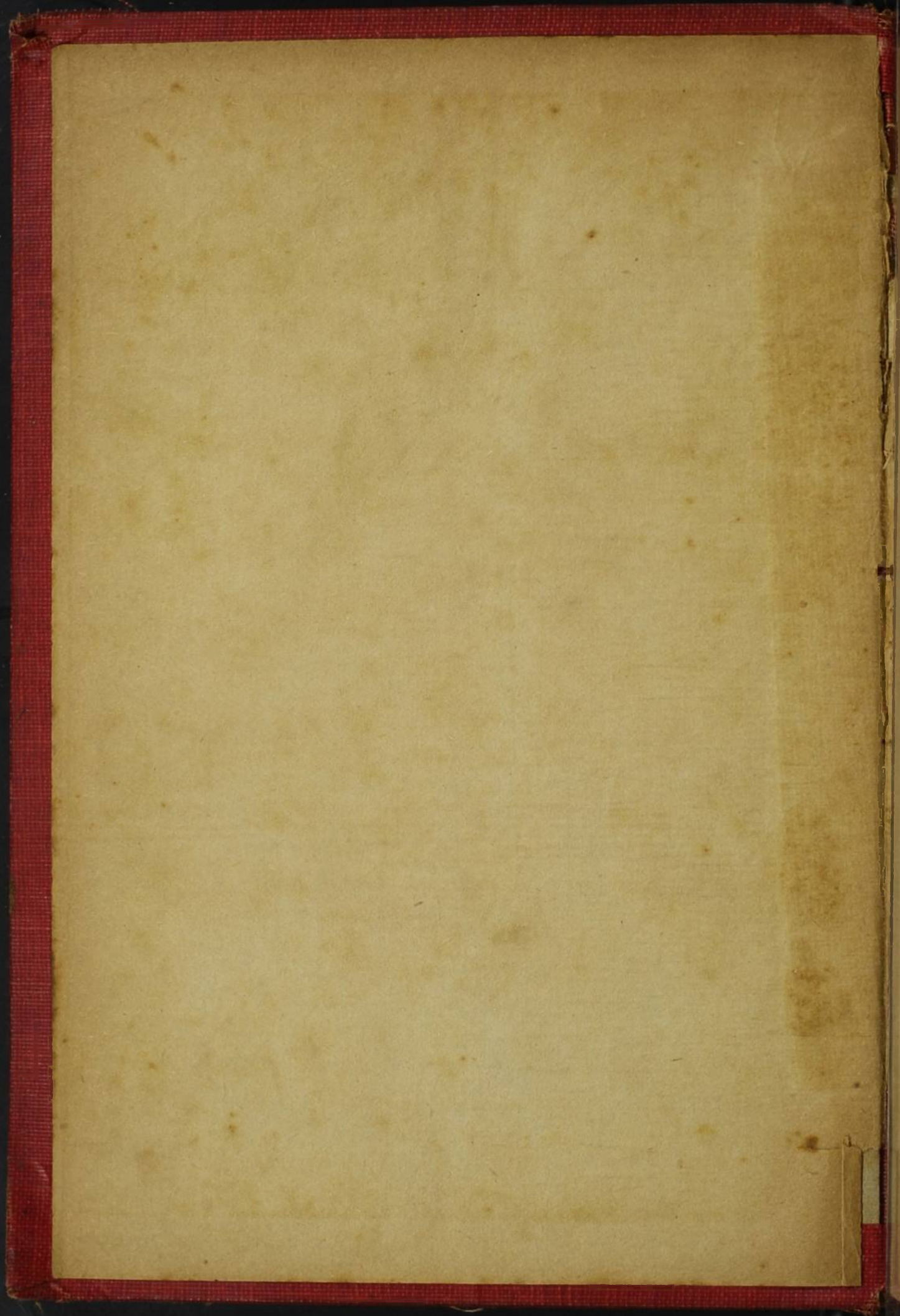
Jane Craig Smith

LIVRO N. 2



LIVRARIA DA LIBERDADE
RUA DA LIBERDADE, 117 — SÃO PAULO

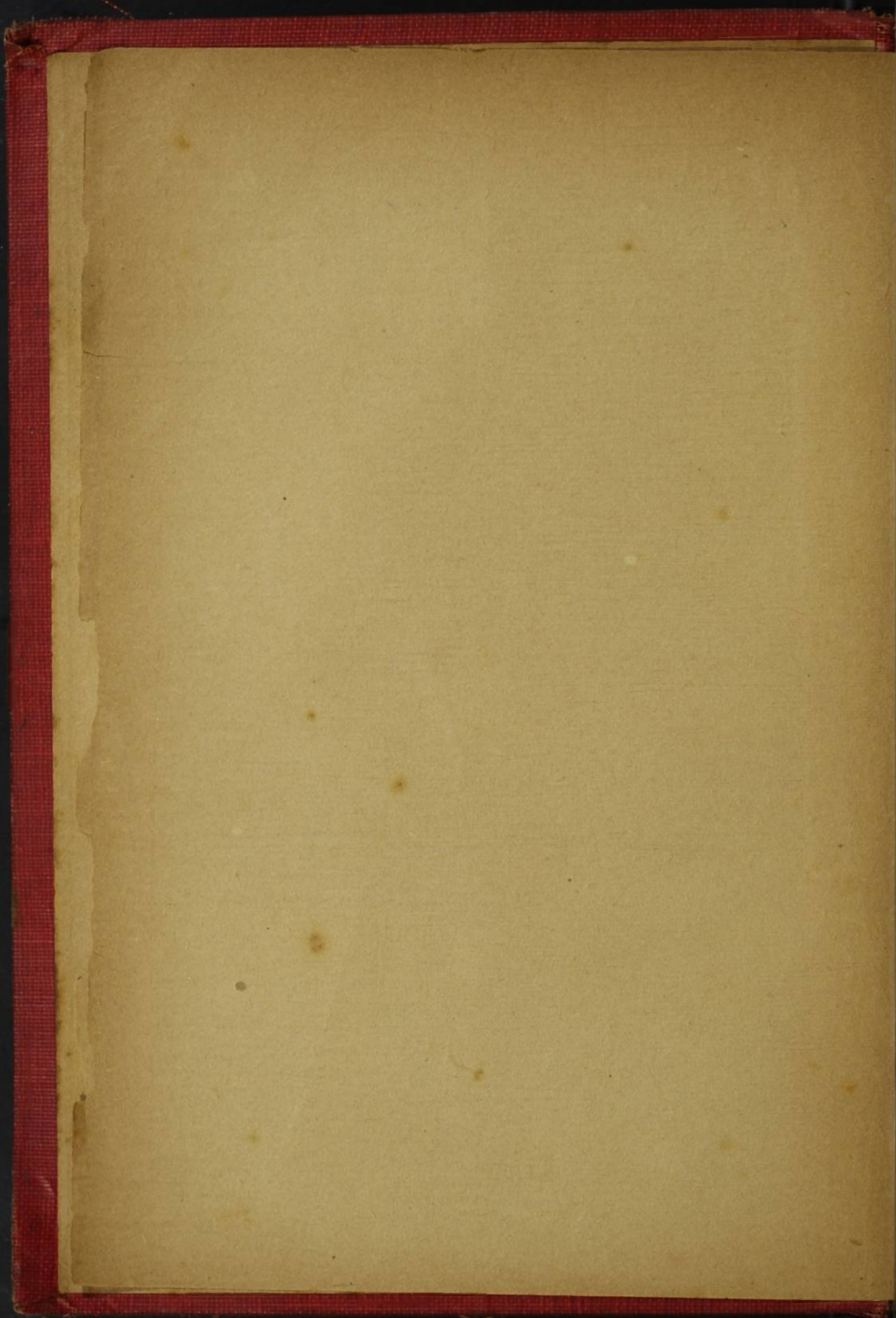
1929



B L A

374-1

7. no



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

Livros da mesma autora

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

LAGRIMAS E RISOS

CONTOS PARA MENINAS E MOÇAS

HISTORIAS

PARA

CREANÇAS

POR

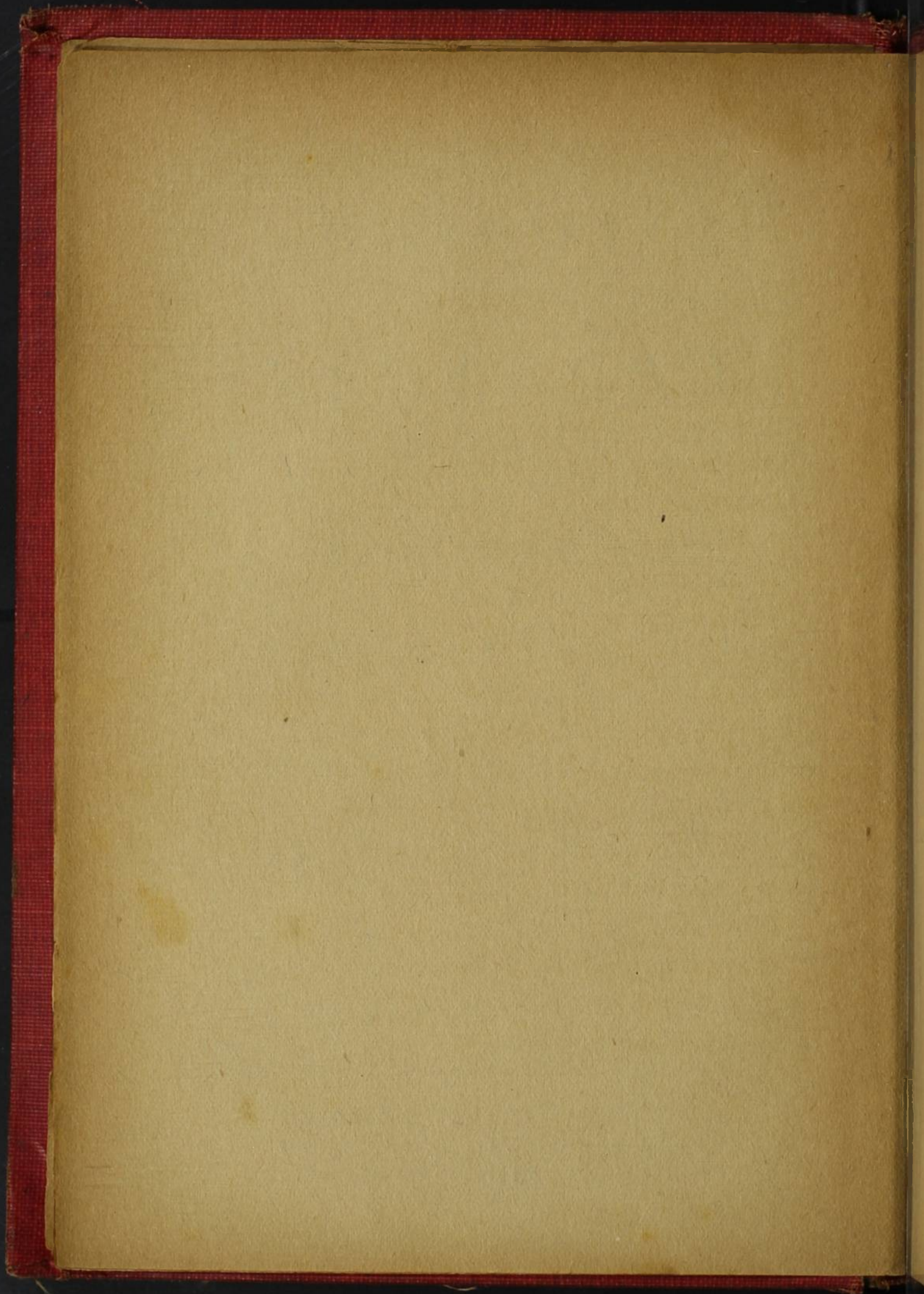
JANE CRAIG SMITH

*Cecilia A. de Almeida
Brado
17-17-1932*

||| LIVRO N.º 2

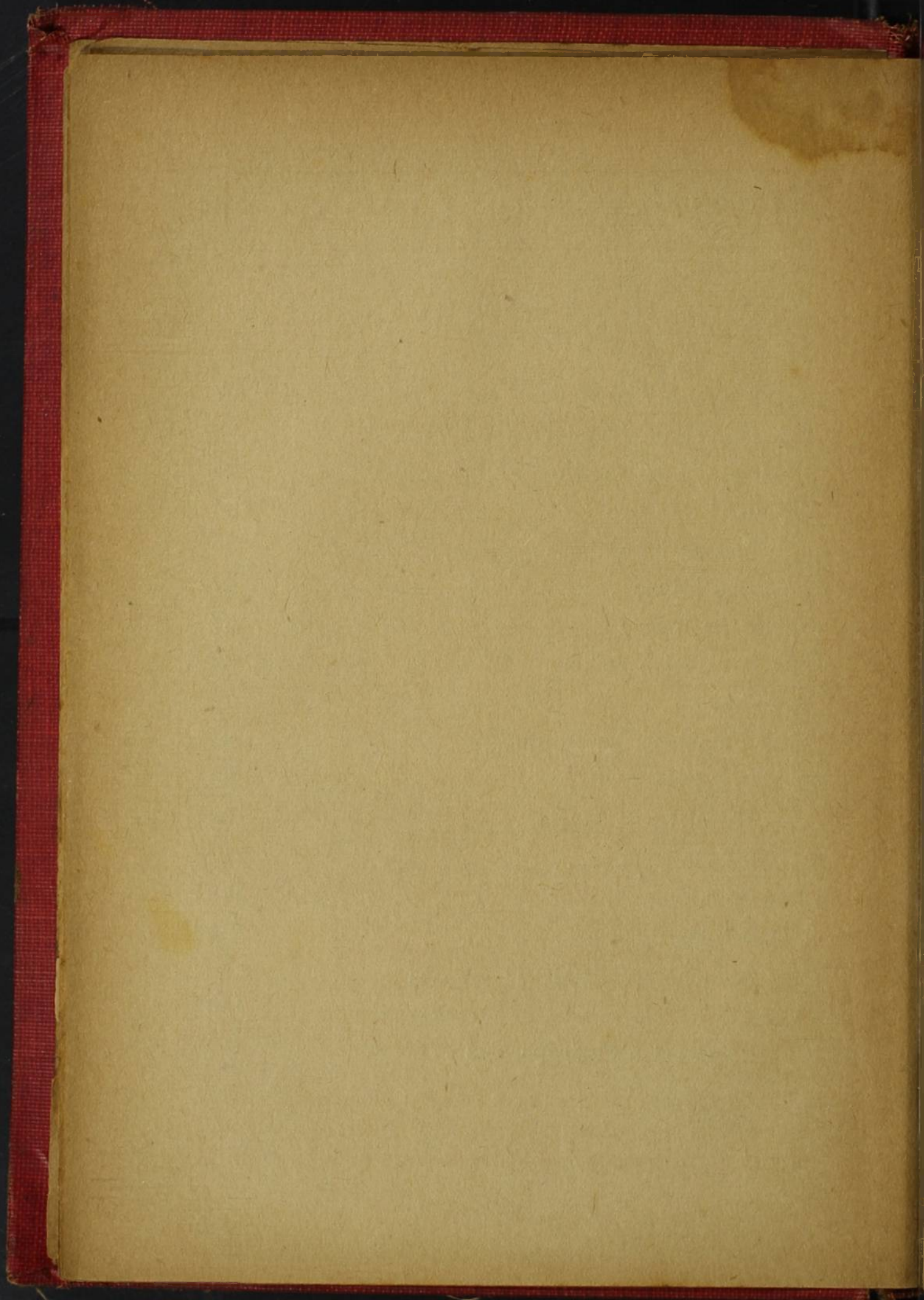
LIVRARIA DA LIBERDADE
RUA DA LIBERDADE, 117 — SÃO PAULO

1929



INDICE

X O Sapateiro Corcunda	7
+ A Arvore do Natal	13
X As Verrugas do tio Jesuino	26
X Chuvas de Ouro	34
+ A Vassourinha	39
X Zé das Favas	47
+ Dias de Escola	57
X O Cavalheiro Jorge	63
X O Sacy	72
X Os Principes Anõezinhos	81
+ A Lampada Azul	90
+ A Bicycleta de Mario	103
X A Cidade Branca	112
+ O Phantasma	126
+ O Rei dos Cysnes	134
X O Pequeno Vendedor de Jornaes	142
+ Leão	153
X A Rainha das Madreperolas	159



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O SAPATEIRO CORCUNDA

Vivia ha annos um sapateiro muito bom e trabalhador, mas que tinha a infelicidade de ser excessivamente feio. Tinha os olhos vesgos e além de ser corcunda era tambem bastante capenga.

Quando elle sahia á rua, os moleques gritavam: Olha o capenga!... Olha o capenga!... As meninas da escola corriam a passar as mãos por sobre a corcunda, diziam que era para dar sorte e o paletot nesse logar, já estava lustroso por causa disso.

O pobre homem ficava desgostoso por ser tão defeituoso e resolveu sahir de casa muito pouco e viver só para o seu trabalho.

Dia e parte da noite, passava na sua triste sala, sentado sobre o rude banco sem conforto, a martellar solas para os sapatos daquelles que nasceram mais afortunados do que elle. Os enfeites das paredes eram botas já promptas dependuradas pelos fios, formas de madeira, pedaços de couro, emfim um mundo de pequenezas necessarias ao seu officio.

A filha do homem mais rico da cidade ia se casar e o nosso corcunda recebeu ordens para fazer sapatos para todas as pessoas de maior impor-

tancia do logar, porque elle fazia o serviço mais bem feito do que qualquer outro.

Elle tinha innumerous pares de calçado para entregar antes do fim do mez e trabalhava até tarde para poder entregal-os na data promettida.

Uma noite elle estava trabalhando e tão cansado ficou que adormeceu com a cabeça sobre a mesa e começou a sonhar.

Estava fazendo umas botas muito lindas; já eram horas de entregal-as e não estavam ainda promptas.

Ficou tão triste e fatigado que deitou a cabeça sobre a mesa e poz-se a chorar.

De repente, ouviu que alguém batia á porta da rua. Ficou todo assustado, imaginando que seria algum malfeitor, mas falou:—Póde entrar...

Então, viu, com grande espanto, entrar uma velha, muito velha, que chegando-se a elle sorriu e passou-lhe as mãos por cima da corcunda.

Elle ficou triste e disse: Quem és tu que vens a estas horas, perturbar-me o socego e zombar de meus defeitos?

A velhinha respondeu: Socega... Eu sou o genio protector dos feios e infelizes. E's bom e serás recompensado. Toma lá esta medalhinha; guarda-a sempre no pescoço e serás satisfeito em todás as tuas ambições.

O sapateiro pôz a medalha ao redor do pescoço e beijou agradecido as mãos de sua bemfeitores, que foi-se para a porta e desapareceu.

E o homem, satisfeito, olhou para o par de botas nas suas mãos ainda por acabar e

disse: Oh! medalhinha encantada, faça com que estas botas appareçam promptas e envernizadas em cima da mesa! Apenas acabou de falar, o par de calçado que era o ultimo que tinha a fazer, appareceu sobre a mesa completamente acabado.

O homem sorriu cheio de alegria, dizendo: Agora estão todos promptos para serem entregues aos freguezes. Depois, lembrando-se que não tinha quem os levasse, falou: Oh! medalhinha encantada, faça-me apparecer um criadinho para levar este calçado ao seu destino! No mesmo instante appareceu deante d'elle um rapazinho muito preto, com os dentes muito alvos a sorrir alegremente, Vestia um uniforme chic e disse: A's suas ordens, meu senhor.

O sapateiro não cabia em si de contente, por causa de achar um criadinho tão attencioso. Deu-lhe as botas e mandou-o entregal-as aos freguezes.

Notando depois que estava mais mal vestido do que o seu criado murmurou:—Medalhinha encantada, faça-me apparecer vestido com distincção e elegancia. No mesmo instante viu-se com uma roupa de casimira muito bem feita, e gravata, meias, sapatos, tudo de perfeito accôrdo.

Depois, olhando em volta, e vendo que o quarto era miseravel, para um homem tão bem vestido e que tinha um criado tão luxuoso; exclamou: — Medalhinha encantada, faça com que a minha casa se transforme numa vivenda elegante, com mobílias finas e confortaveis.

Na mesma hora, elle se viu num salão cheio de tapeçarias finas e sentado numa cadeira fôfa e linda.

Sentindo fome, pediu: — Medalhinha, encantada, faça apparecer nesta mesa, ao pé de mim, os manjares que mais poderei apreciar. A mesa encheu-se de finas iguarias e ali perto á espera de suas ordens achava-se o criadinho preto.

O homem comeu e descançou commodamente por algum tempo. Depois lembrou-se de olhar a sua linda figura num dos espelhos enormes de crystal que cobriam as paredes.

Quando foi andar, notou que estava ainda capenga, e ficou muito triste, mas consolou-se ao lembrar-se de que era bonito e elegante. Foi mirar-se e, oh! decepção!... Viu-se medonho, vesgo, bocca torta e corcunda tanto como antes. Soltou um grito de angustia terrivel e o choque foi tão grande que accordou do sonho e esfregando os olhos ainda espantado da transformação, achou-se na salinha miseravel de sapateiro, sentado num banco tosco e com o par de botas ainda por acabar.

Percebeu que tinha sonhado e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas; notou que já era de madrugada e estava ali tão pobre e abandonado como sempre.

Tomou de novo entre as mãos o par de calçado e pôz-se a trabalhar. Assim que ficou prompto, mandou-o junto com os outros, para a casa do governador que os havia encommendado.

Estava nesse mesmo dia trabalhando em novos sapatos, quando ouviu um batido na porta e disse: Póde entrar...

E então viu deante de si um lacaio com uma farda muito bonita enfeitada de botões dourados e fóra da porta achava-se um lindo automovel preto e lustroso, todo forrado de seda azul.

O pobre sapateiro não podia comprehender nada daquillo. O automovel pertencia ao governador e o lacaio acompanhava a senhora do governador que viajava nelle.

O servo disse: Deixa o serviço e segue-me porque o meu patrão deseja falar comtigo.

O sapateiro não podia recusar e subiu á frente do carro com o criado.

Todo o mundo olhava com inveja para o corcunda, feio e capenga num carro de gente tão poderosa e rica.

Ao chegarem á casa do governador, as portas do palacio abriram-se para dar passagem á senhora que voltava e o empregado levou o sapateiro á presença do seu senhor.

O homem olhava admirado em volta de si, e ao ver tanta riqueza, lembrava-se do sonho que tivera.

Quando o governador entrou, disse-lhe:—Meu bom homem, gostarias de trabalhar sempre aqui, ter casa, comida da melhor, e um regular ordenado no fim de cada mez?

O pobre corcunda não podia comprehender tanta fortuna, e não sabia o que responder. O governador continuou:—Minha esposa e meu filho es-

tão encantados com o teu trabalho e desejo fazer-te nosso empregado particular si quizeres aceitar o meu offerecimento.

O sapateiro respondeu que nunca tivera tamanha sorte na vida e beijou agradecido as mãos do seu bemfeitor.

Voltou para casa e pensou em acabar com a loja nesse mesmo instante, mas viu no chão, alguns pares de botinas ainda para acabar e disse:—Entregarei primeiro aos freguezes, os sapatos que faltam terminar.

Trabalhou até acabar todo o serviço; depois pouco a pouco vendeu os seus pobres trastes e mudou-se para os bonitos quartos que lhe estavam reservados no palacio.

Elle viveu muitos annos nessa casa, e como era bom e trabalhador, tornou-se estimadissimo por todas as pessoas que moravam ali.

Mais tarde, quando ficou velho demais para trabalhar, permaneceu no palacio, ganhando o mesmo que em outros tempos, a pedido dos filhos do governador que lhe tinham grande estima.

A ARVORE DE NATAL

Era no tempo de Natal. Nas casas dos ricos e pobres, havia grande alegria.

Os paes esforçavam-se para fazer felizes os seus pequenos nessa data.

Os ricos gastavam muito; os que tinham pouco dinheiro gastavam menos; todos, porém, faziam o que estava ao seu alcance, para que o dia de Natal fosse de grande jubilo no seu lar.

Mas ai! Nem todos podiam estar contentes nesse tempo de alegria!

Felizes os que tendo filhos, saúde e dinheiro, tinham vontade de fazer festa!

Os que não tinham filhinhos, avistavam através das janellas mal fechadas de alguma casa, uma arvore carregada de brinquedos e suspiravam com inveja de quem morava ali.

Tambem muitas creancinhas, nesse dia, gemiam enfermas, num pequeno leito de hospital.

Muitas mães choravam em silencio, porque não possuiam dinheiro para comprar ás vezes pão e o seu filhinho aguardava impaciente a chegada do grande dia.

Papae Noel ia de certo trazer-lhe, tantas cousas bonitas!

Era um tempo de grande contentamento, mas havia tambem bastante tristeza.

Num dos bairros pobres da cidade, morava uma senhora viuva.

Seu marido havia fallecido, deixando-lhe uma encantadora criança de cinco annos e dinheiro quasi nenhum.

A infeliz, depois de passados os primeiros dias de desespero, encheu-se de animo e resolução.

Tratou de procurar serviço. Necessitava trabalhar muito, para manter-se e á sua filhinha.

Felizmente, tivéra sempre gosto pela costura e em pouco tempo, conseguiu arranjar uma bôa freguezia.

Ganhava apenas o sufficiente para viver, da maneira mais simples possivel.

Coitada, precisava pagar o aluguel da casa, gaz, luz electrica; comprar alimentos, roupa e sapatos para si e a criança, tudo á custa de seu trabalho.

Que vida de soffrimentos e amolações! Passava grande parte da noite a coser um vestido encommendado ás pressas. A's vezes não acertava bem no corpo da fregueza e era obrigada a desmanchal-o quasi todo.

Quanto cuidado, para que não ficasse estragada a fazenda que não era sua. E muitas mulheres vaidosas e sem consciencia, mandavam fazer toilettes chics e, depois, não pagavam a costureira!

Os tempos foram-se passando.

A viuva emmagrecia, cada vez mais, de tanto lutar pela vida; mas a pequena sempre bem tratada, enchia-se de viço e formosura.

Pois bem; chegou o tempo das festas do Jesus Menino.

Em casa da costureira havia grande tristeza.

A sua filhinha adorada cahira gravemente enferma.

Emquanto as outras mães felizes e ricas entretinham-se a collocar os ultimos adornos nas suas arvores, a viuva costurava sentada á cabeceira do leito da menina que ardia em febre.

Mais logo, ouviu-se um batido. Era de certo o medico que tinha promettido vir.

A mulher levantou-se e foi depressa abrir a porta.

O doutor acompanhou-a ao quarto da doentinha.

Examinou-a bem e disse á mãe:—Ella tem muita febre.

Deverá tomar hoje á noite, si fôr possivel, os remedios que eu receitar.

Rabiscou alguns papeis e entregou-os á costureira; depois ficou muito quieto a olhar para a creança doente. Tomou de novo o seu pulso; tinha um ar pensativo o doutor. A viuva seria capaz de jurar que via lagrimas nos seus olhos.

Então ella encheu-se de afflicção e chegando-se perto d'elle disse:—Oh! doutor, acha que a minha filha, está muito mal? Diga-me a verdade por favor!

O medico, cahindo em si, largou o pulso da creança; levantou-se e dirigindo-se á mulher falou: — Ella está bem doentinha, mas não ha motivos para desesperar.

Os remedios apropriados e uma dieta rigorosa auxiliarão a cural-a depressa.

A viuva, mais consolada, murmurou: — Obrigada, doutor; Deus ouça as suas palavras.

O scientista retirou-se e a viuva voltou ao quarto.

Olhou para os papeis que tinha na mão, olhou para a pequena enferma. Tinha medo de deixal-a, mas não havia remedio.

Não havia ninguem na casa e as receitas deviam ser aviadas immediatamente.

Poz um chale por sobre os hombros e sahiu trancando a porta pelo lado de fóra; dirigiu-se apressadamente á pharmacia que ficava á esquina da rua. O pharmaceutico prometeu mandar os remedios á casa della, assim que ficassem promptos.

A pobre senhora agradeceu-lhe muito e voltou correndo á casa com receio de que a pequena soffresse alguma cousa durante a sua ausencia.

Os desvelados cuidados do medico e de sua mãe não conseguiram fazer com que a menina melhorasse muito depressa.

A viuva extranhava os modos do facultativo. Tratava a doentinha com uma solitudine que era mais do que o simples interesse que um homem de sciencia costuma tomar pelas suas clientezinhas.

O homem fitava a creança com um ar triste. A's vezes passava a mão por sobre os seus lindos cabellos louros. A viuva por mais de uma vez surprehendeu-o a suspirar distrahidamente.

Um dia depois de ter feito a costumada visita o doutor foi para sua casa.

Elle tinha uma esposa joven e muito dedicada.

Viveram felizes até que um terrivel golpe veio despedaçar-lhes o coração.

Tinham uma filha encantadora e linda, a quem adoravam. Mas, um dia, adoeceu e Deus levou-a para o céu.

O medico, ao ver pela primeira vez a pequena da viuva, sentiu um grande aperto no coração.

Tinha a mesma apparencia de sua filhinha quando morrera.

Passaram-se tres dias assim.

Chegou a vespera do grande dia.

Havia um movimento desusado pelas ruas. As pobres empregadas das casas de bombons, brinquedos e outros artigos para presentes, não tinham tempo nem de respirar.

Veio a noite. Grande animação e alegria pelas ruas da cidade.

Pelos arrabaldes a mesma cousa. As casas tinham as janellas illuminadas e através de muitas dellas podia-se ver o tradicional pinheirinho todo a brilhar de prata e luzes.

Algumas familias tinham, ao canto da sala, mimosos presepinhos.

Bandos de moços alegres andavam pela rua a fazer serenatas de guitarras e bandolins.

A pobre costureira tinha o coração amargurado.

A creança não estava ainda muito melhor.

As suas costuras estavam todas atrasadas: passava mal as noites e de dia não tinha energia para trabalhar.

As freguezas vinham reclamar os vestidos e retiravam-se contrariadas, por não os acharem promptos como esperavam.

A viuva estava sentada no quarto.

O medico tinha estado ali de tarde e não pareceu muito alegre ao retirar-se.

A mulher tinha sobre os joelhos, um vestido de seda escura, que devia ter ficado prompto na vespera.

Tinha mais vontade de dormir um bom somno, do que qualquer outra cousa.

Olhou para a criança adormecida. Nesse mesmo instante passava na rua um grupo de foliões. Alguns riam, outros cantavam modinhas sentimentaes ao som de uma viola quebrada.

A costureira ouviu a barulhada e murmurou: Que gente feliz! Que triste Natal é este para mim!

Abaixou a cabeça desconsolada; duas lagrimas grossas rolaram pelas suas faces e cahiram sobre o vestido de seda.

A creança naquella noite dormiu um pouco melhor.

Chegou o dia abençoado. A viuva acordou bem cedo e correu a examinar a doentinha.

A pequena já tinha despertado e assim que viu sua mãe, sorriu e disse: — Quero agua mãe; estou com muita sêde!

A mulher passou a mão por sobre a testa e as faces de sua filhinha e viu que não tinha mais

febre; louca de alegria abraçou-a e falou: — Oh! meu anjo, estás muito melhor hoje, graças a Deus!

A menina bebeu a agua e mais logo adormeceu profundamente. Mas o somno era tranquillo e reparador.

Quando acordou estava alegre pela primeira vez desde que adoecera, sentou-se na cama e pediu os seus brinquedos.

A bôa senhora com os olhos cheios de lagrimas, dirigiu-se a um canto da sala. Abriu um armario e tirou de dentro d'elle um embrulho.

Correu para junto da pequena e disse-lhe:— Olha meu amor, o papae Noel trouxe isto aqui hontem á noite. Sabes que hoje é dia de Natal, o dia das creanças ganharem presentezinhos?

A pequena arregalou muito os olhos e bateu as palmas das mãos dizendo:—Eu quero ver, mãe, os meus brinquedos.

A viuva abriu o pacote e deu á creança uma boneca e diversas cousas miudas.

Entre ellas havia uma arvore de Natal pequenina, de um palmo de comprimento mais ou menos.

A creança ficou toda contente. Pediu a sua mãe que puzesse o pinheiro por sobre o creado mudo, ao pé de seu leito.

Depois ficou entretida a brincar até que lhe veio a fadiga e deitou-se muito caladinha.

Sua mãe deu-lhe uma colher de remedio e dahi a pouco ella estava a dormir, com a boneca nos braços e os outros brinquedos espalhados ao redor do travesseiro.

Dahi a pouco bateram á porta.

A viuva foi abril-a depressa. Era o medico a quem esperava. O seu auto estava em frente á casa.

A costureira percebeu dentro d'elle, uma senhora.

O doutor, antes que ella fallasse alguma coisa, disse: — Minha senhora veio commigo.

Tenho lhe fallado sobre a pequena e ella por diversas vezes tem mostrado desejos de visitál-a. Sempre recusei-me a trazel-a, mas hoje cedi aos seus rogos e trouxe-a commigo. Seria incommodo deixál-a entrar para ver a doentinha, por quem muito se interessa?

A costureira disse commovida: — Oh! doutor, que bondade da parte de sua esposa!

Mande-a entrar; dar-me-á um grande prazer.

O medico voltou para junto do automovel e ajudou sua esposa a descer.

A dona da casa recebeu-a amavelmente e entraram todos para o quarto.

A menina acordou com o ruido das pessoas que entravam. A principio ficou a olhal-as meio desconfiada, mas assim que viu o medico, sorriu mais tranquillamente.

Sua mãe chegou-se ao pé della e falou: — Olha, meu amor, a esposa do doutor—veio fazer-te uma visita.

A joven senhora acceitou a cadeira que a outra lhe offereceu á cabeceira do leito e poz-se a fazer mimos á doentinha.

Emquanto isso o medico, satisfeito, dizia á mãe:—Sim senhora, ella está parecendo muito melhor hoje. Já não tem febre e está mais animada.

Perguntou se a menina tinha passado bem a noite. A viuva disse que sim.

Emquanto isso, a meiga esposa do doutor conversava com a pequena. Examinava os brinquedos e perguntava-lhe quem lh'os tinha dado. A creança disse-lhe que fôra o Papae Noel.

Apontando para a arvorezinha que estava por cima do criado mudo fallou: — Elle trouxe-me tambem aquillo.

A joven senhora viu o pinheirinho e tomando-o entre as mãos disse: — Que linda arvore, não? Ficou pensativa por algum tempo e depois fallou:—E' linda, mas é muito pequena.

Não gostarias de ter uma de verdade, uma grande arvore com enfeites prateados, velazinhas e brinquedos?

O rosto da creança illuminou-se todo, mas logo entristeceu e ella murmurou: — Eu gostaria, mas mamãe não tem dinheiro.

A esposa do doutor acariciou-lhe as mãozinhas e disse: — Quem sabe se Papae Noel te mandará um presente.

A menina sorriu feliz; virou a cabecinha para o outro lado e ficou muito quieta a pensar naquillo.

A esposa do medico fitou a creança e achou que o seu marido teve razão de impressionar-se quando a viu pela primeira vez. Tinha realmente

algo de parecido com a filhinha que tinham perdido.

Sentiu uma grande magua no coração. Que saudades lhes vinham naquelle instante!

O doutor notou que a sua joven senhora principiava a entristecer-se. Compreendeu bem a razão.

Chegou-se perto della e disse: — Agora si me deres licença, examinarei a minha clientezinha. A moça levantou-se e a dona da casa ficou a entretel-a.

O doutor dahi a pouco falou: — A pequena está realmente melhor. Já poderá comer um pouco e levantar-se amanhã. E' necessario, contudo, evitar alguma friagem.

O sympathico casal retirou-se da casa da viuva agradecida.

A doentinha não se tinha esquecido das palavras da gentil senhora.

Assim que sua mãe entrou no quarto, exclamou: — Mamãe, a senhora do medico disse que podia ser que o Papae Noel me mandasse uma arvore grande com enfeites e tudo. Será verdade, mamãe?

A costureira sorriu tristemente e falou: — Acho que não, minha filha; mas começou a imaginar: — Porque diria a esposa do medico, aquillo a sua filha?

Geralmente as creanças adoecem de repente, mas tambem recuperam a saude com rapidez.

No dia seguinte a pequena estava bem melhor e sua mãe, conforme as ordens do doutor, fez-a sair da cama.

A mulher sentia-se muito fatigada, mas muito feliz. Deus tinha lhe poupado a vida de seu anjo.

A pequena estava sentada por sobre um tapete de pelle de animal, enquanto sua mãe trabalhava.

Ouviu-se um batido. A costureira foi ver quem era.

Abriu a porta e viu deante da casa, uma carrocinha e dentro della uma linda arvore de Natal toda enfeitada.

O carroceiro chegou-se á mulher e mostrando-lhe um papel que tinha um endereço, perguntou-lhe: — E' para aqui, não é?

A viuva olhou para a arvore na carrocinha, olhou para o papel com olhos incredulos e disse:— O endereço é o daqui mesmo, mas eu não encomendei pinheiro algum.

O homem falou: — Bem sei; foi uma senhora acompanhada de um senhor, que a comprou e mandou trazer-a para aqui.

A viuva disse consigo: — O doutor e sua esposa; oh! Que almas caridosas!

Depois toda contente mandou que o homem collocasse a arvore na salinha da frente da casa.

Deu-lhe alguns nicks e elle ia retirar-se quando disse:—E' verdade, a senhora mandou-me tambem entregar esta carta.

O carroceiro retirou-se. A boa mulher correu para junto de sua filha que rodeava a arvore com tanta alegria como uma borboleta nocturna a voar em redor das luzes.

Assim que viu sua mãe agarrou-se a ella dizendo:—Viu, mamãe, bem a senhora do doutor falou que São Nicolau ia mandar-me uma arvore de presente, porque você não tinha dinheiro para compral-a.

A costureira abraçou a filha com frenezi. Chorava e ria ao mesmo tempo. Agradecia a Deus, do fundo d'alma.

Sua filha recuperara a saúde e era feliz. O que mais podia desejar? Lembrou-se depois da carta e largou a menina.

Rasgou o envelope e leu:

25-12-1925.

Boa senhora:

Eu e meu esposo, o medico, tomamos a liberdade de offerecer este insignificante presente á pequenita.

Senhora, queremos que tenha a alegria que nós já não podemos ter. A nossa filhinha, encantadora como a sua, foi-se embora para o céu. E' em sua memoria que fazemos isso hoje.

Recommendações do doutor e de sua esposa,
S. Barros Werner.

O medico foi ver a sua cliente mais uma vez e, ao despedir-se, disse que já não seria necessario voltar.

A viuva rogou-lhe transmittir á sua esposa seus sentimentos de gratidão e amizade.

A menina estava perfeitamente maravilhada.

A felicidade faz tanto bem como os remedios e a doente em dois ou tres dias tinha feito progressos extraordinarios.

Sua mãe resolveu convidar em casa algumas creanças da vizinhança na vespera do Anno Novo.

As amiguinhas vieram e ficaram tambem encantadas com a belleza da arvore.

A costureira mais tarde apagou a luz electrica. Ficaram sómente accesas as vellazinhas do pinheiro.

Depois as creanças ficaram sentadas ao redor e a viuva distribuiu-lhes as prendas.

Foi uma noite de grande jubilo para todos.

Finalmente, as mães vieram á procura das filhas e terminou a festa do Anno Novo.

A costureira, mais tarde, ao fitar a menina adormecida no leito cheio de brinquedos, murmurou: — Pobrezinha de minha filha, como deve estar cansada!

AS VERRUGAS DO TIO JESUINO

Era uma vez um homem que era muito, muito feio. Tinha verrugas enormes no nariz, no rosto, no queixo e no pescoço. Elle era sózinho e no bairro em que morava, apellidavam-no de Tio Jesuino.

Além de ser tão feio, era casmurro e retrahido.

Tinha tido desde pequeno uma vida bem apertada. Seus paes eram pauperrimos e não tinham podido conserval-o na escola por muito tempo. Principiou a trabalhar muito joven, e como não tinha grande preparo, luctava bastante para ganhar pouco.

Contribuia para que o seu genio se tornasse irritavel e desconfiado, a attitudo imprudente de certas pessoas, que ao olharem o seu rosto todo cheio de verrugas, punham-se a cochichar e a rir.

O Tio Jesuino jamais tinha pensado em casar-se. Nunca havia se atrevido a fazer a côrte a qualquer moça.

Ora, entre os visinhos desse infeliz homem, havia um menino que era mesmo endiabrado.

Era sempre o chefe de todas as folias da rapaziada d'ali de perto.

Chamava-se Chico e gostava de fazer rir os seus amigos a custa do Tio Jesuino, quando de tardezinha elle passava de volta do serviço.

O velho aturava tudo com paciência. Fingia não ouvir as piadas maldosas do Chico e seus companheiros.

Uma tarde, porém, o homem voltava do serviço cansado e um pouco mais nervoso que de costume. Tinha tido um dia muito pesado no escritório.

Mil e uma cousas tinham-no aborrecido e o augmento de ordenado que havia esperado ha muito tempo, não tinha sahido.

De modos, que vinha n'aquelle dia triste e mal humorado.

Passava cabisbaixo pela casa onde morava o Chico.

O menino mau lá estava, sentado á beira da calçada, rodeado de outros.

Assim que viram o Tio Jesuino, começaram a cochichar.

O homem notou: cerrou os punhos mas não disse cousa alguma. Conteve-se e foi andando, fingindo não ter visto.

Assim que chegou pertinho do grupo ouviu o Chico dizer em voz alta: — Olha as verrugas do Tio Jesuino!

Os outros rapazes cahiram todos na gargalhada.

O infeliz homem não pôde mais conter-se; a tremer, e com voz alterada gritou: — “Seu atrevido, seu malcreado!

Deus permitta que o teu rosto fique cheio de verrugas muito mais feias, muito peores do que as minhas!”

O Chico então disse ainda: — “Praga de urubú não mata cavallo gordo!”

O homem, numa furia damnada, avançou para o menino e castigou-o a bengaladas.

A rapaziada, ao assistir áquella scena, debandou assustada. O menino malcreado, logo que se viu livre das garras do velho furioso, correu tambem para dentro de casa.

Sua mãe, ao vel-o entrar todo vermelho e a chorar, perguntou-lhe: — O que é isso Chico? Entraste de novo em algum barulho?

O rapaz disse: — Foi um menino que me bateu na rua.

A sua progenitora que já lhe conhecia o genio atormentador, indagou: — O que fizeste para que elle te batesse?

Chico murmurou cabisbaixo: — Eu não fiz nada, elle é que me provocou.

Em seguida o rapaz foi para o seu quarto e deitou-se na cama. Estava muito apprehensivo.

As palavras do homem tinham ido direitinho ao seu coração. Doiam-lhe mais do que as bengaladas que havia recebido. E si lhe cahisse a praga?

Fechava os olhos e imaginava-se todo horrivel e coberto de verrugas como o Tio Jesuino, victima de gracejos e risadas disfarçadas, por toda a parte em que ia.

Era objecto de escarneo das meninas todas que o haviam sempre achado tão attrahente.

Oh! Estremecia de horror! Elle que era mesmo physicamente bello e muito vaidoso.

Por muitos dias Chico soffreu e conservou-se muito retrahido. Olhava todos os dias ao espelho, para ver si via no rosto alguma cousa de novo.

Quando vinha a noite e a hora de deitar-se, rezava com fervor. Pedia a Deus que o perdoasse e livrasse da praga do Tio Jesuino.

Mas os dias se passaram e tambem os receios do Chico. Porém, elle não mais se aventurou a apparecer no caminho do velho.

Passaram-se os mezes. O rapaz tinha crescido muito e talvez por esse motivo a sua saude resentiu-se um pouco. Emmagreceu bastante e começaram a apparecer no seu rosto e no seu peçoço uns tumores, muito vermelhos e muito feios.

O menino, assim que os viu, lembrou-se da praga do Tio Jesuino.

Ficou todo horrorisado. E si fossem verrugas a nascerem-lhe agora?

Ao passo que os tumores iam-se tornando maiores, o susto do rapaz crescia tambem.

Sua mãe procurava acalmá-lo dizendo: — Não te incommodes, isso não é nada! E' proprio de tua idade.

Mas Chico não se convencia disso. Tinha a plena certeza de que as erupções da pelle eram verrugas. Não tinha mais socego, de dia nem de noite.

Apavorado via-se no futuro, horroroso como o Tio Jesuino, a passar triste e cabisbaixo pelas ruas, sem olhar para ninguem, desejoso de evitar risadinhas e gracejos á sua custa: a ouvir ditos insolentes dos rapazinhos malcreados como elle tinha sido.

Oh! afundava a cabeça dentro do travesseiro e chorava lagrimas desesperadoras!

Punha toda a especie de pomadas, sobre os tumores na esperança de cural-os e em vez disso, ficavam cada vez peores.

Sua mãe achou melhor leval-o a um medico. Elle de bom grado consentiu nisso.

Sahiram e dirigiram-se ao consultorio. Chico estava muito nervoso. Tinha horror de ver chegar a sua vez de entrar na sala do medico. Estava certo de que elle ao examinál-o diria logo:—São verrugas; nada posso fazer para curá-las.

Finalmente a moça enfermeira, auxiliar do doutor, abriu a porta e dirigindo-se á mãe do Chico disse: — Tenha bondade de entrar, minha senhora.

O rapaz acompanhou sua progenitora para dentro da sala de consultas.

O doutor examinou os tumores e em seguida falou: — Oh! Isso não é nada, é apenas uma erupção, devido á pobreza do sangue. O menino tem crescido talvez muito rapidamente e tem necessidade de tomar um remedio fortificante.

Chico, ao ouvir isso, quasi lançou-se ao peçoço do medico de tanta alegria.

Com lagrimas nos olhos perguntou-lhe: — Então não são verrugas?

O doutor riu-se muito e batendo nas costas do rapaz disse: — Qual verrugas, qual nada! Deus te livre que isso tudo fosse verrugas.

O medico rabiscou um papel, que depois entregou á mãe do Chico dizendo: O menino deverá

tomar este remedio, tres vezes por dia, após as refeições; isso e uma dieta simples, bastante frutas e verduras, em pouco tempo o deixarão bom.

Chico e sua mãe retiraram-se. O rapaz tinha o coração leve e cheio de gratidão. Certamente Deus tinha-lhe perdoado e livrado da praga do Tio Jesuino.

Jurou comsigo mesmo nunca mais maltratar e escarnecer das pessoas feias e defeituosas.

O sofrimento que o terror lhe impuzera durante os ultimos tempos, tinha-lhe feito aprender uma grande lição.

Chico tomou os remedios e ficou logo completamente restabelecido.

Tinha mudado tambem de genio. Mas, o seu coração não estava ainda completamente curado de todos os seus males.

Sentia remorsos pelo que tinha feito soffrer o Tio Jesuino.

Um dia contou á sua mãe a historia da provocação e da surra que levou do velho.

A mulher que tinha muito bom coração, ficou triste e disse: — Meu filho, não imaginas o quanto me magoa saber que o meu filho foi capaz de uma tamanha maldade.

Chico abaixou a cabeça e falou: — Pois, ninguem sente mais do que eu, minha mãe. Desejaria até pedir-lhe desculpas si tivesse occasião.

A bôa senhora alegrou-se toda e disse: — Bôa idéa, meu filho, pede-lhe desculpas.

Chico respondeu-lhe: — Mas, como? Eu não posso arranjar occasião.

Sua mãe disse: — Sabes? Tenho uma idéa. Convidal-o-ei hoje a tarde, a entrar aqui, sob um pretexto qualquer. Depois arranjarei um geito de falares sobre o assumpto.

Chico achou muito boa a idéa.

De tarde o velho passava de volta do serviço, quando avistou a mãe do Chico á porta. Ella foi logo dizendo: — Bôas tardes. Tio Jesuino. Eu necessitava muito falar hoje com o senhor.

Quer ter a bondade de entrar, um instantinho?

O pobre homem ficou a principio meio intriguado, mas viu logo que a mulher falava serio.

Acompanhou-a a scismar até a salinha da frente.

A mãe de Chico explicou-lhe tudo.

O seu filho tinha sido terrivel ha uns tempos atraz, mas tinha mudado muito ultimamente.

Arrependia-se de tel-o insultado numa certa occasião e desejava pedir-lhe desculpas.

O Tio Jesuino não podia acreditar no que ouvia.

Abaixou a cabeça todo commovido e duas lagrimas grossas correram-lhe pelas faces abaixo.

Muitos tinham-lhe offendido, mas jamais alguem lembrou-se de pedir-lhe perdão por isso.

Chico entrou nesse instante e ia falar, quando viu que o homem chorava.

Sentiu um grande peso no coração. Oh! Bem comprehendia agora a tristeza daquelle pobre homem.

Depois de alguns instantes de silencio, o rapaz chegou-se ao pé d'elle e estendendo-lhe as

mãos falou: — Perdoa-me Tio Jesuino. Tenho-me arrependido muito d'aquillo que fiz.

O homem agarrou nas mãos do outro e a tremer disse: — Oh! Estás perdoado meu filho. Eu tambem me arrependo bastante de haver rogado uma tão horrivel praga. Si ella tivesse cahido, nunca mais eu poderia gozar de algum socego na vida.

E agora que sei que não és tão máo como eu te julgava, sinto-me ainda mais arrependido. Desejo, tambem que me perdões.

O rapaz' murmurou: — Não falemos mais nisso. Desde esta hora ficará tudo esquecido.

O Tio Jesuino retirou-se finalmente.

Chico e sua mãe sentiam-se muito consolados.

Haviam tornado um pouco menos infeliz uma creatura que jamais soube o que foi alegria na vida.

CHUVA DE OURO

Morava numa cidade muito tranquilla e pittoresca, um homem que era o senhor de lindas propriedades e de uma fortuna bem grande. Esse homem nunca tinha se casado e dedicava toda a sua vida á pratica da caridade sob todas as suas fórmãs.

Nunca um pobre chegava á sua casa a pedir um auxilio que não fosse generosamente soccorrido. Nunca vinha uma pobre viuva cheia de filhos que não levasse os braços carregados de mantimentos e os bolsos cheios de dinheiro. O povo tinha uma grande veneração pelo seu bem feitor, que além de fazer tanto bem aos particulares, gastava tambem grande parte de seu tempo e de sua fortuna em trabalhar pelo progresso da bella cidade que lhe déra o berço e onde elle sempre residira.

Os cégos tinham, á sua custa, uma especie de lar, onde possuiam, além de boa cama e comida, mestres que lhes ensinavam a aproveitar o tempo com trabalhos uteis e rendosos, em vez de caminharem sózinhos e desolados, pela noite interminavel de sua triste cegueira.

Os doentes e aleijados tinham hospitaes apropriados, as crianças e as mulheres desamparadas, tinham os seus asylos; emfim, nada faltava ao conforto dos habitantes daquella cidade.

Os annos se foram passando, tranquillamente, até que uma grande epidemia de grippe que havia se alastrado por toda a parte, começou a espalhar o soffrimento e a dôr, em todas as cidades vizinhas.

Os doentes eram em grande numero e a cada hora do dia, a foice cruel da morte destruia vidas novas, vidas cheias de ambições e esperanças...

O nosso heróe bemfeitor, fazendo valer a sua grande influencia entre o povo, levantou uma verdadeira armada de enfermeiros que foram, na companhia de todos os medicos disponiveis, ás cidades vizinhas, abrir hospitaes novos e tratar das pessoas necessitadas.

Foi uma lucta pavorosa. O dinheiro corria fartamente para acudir ás necessidades dos flagellados e uma nuvem ameaçadora, pairava por sobre a população da cidade natal do caridoso millionario, enchendo os corações de tristeza e pavor. Mas, curioso, a nuvem passou por sobre a cidade abençoada e a tempestade de morte não victimou os seus habitantes.

Manifestou-se um caso ou outro da molestia, mas benigno, e quando a grippe já tinha acabado a sua obra nefanda noutras cidades, a população do logar que Deus poupou tão milagrosamente encheu as egrejas, para render graças, por tão grande misericordia.

O fanatismo apossou-se da alma das creaturas agradecidas.

Todos estavam crentes de que a cidade fôra

poupada devido aos grandes beneficios que o millionario fizera aos pobres e infelizes.

O amor que o povo lhe tinha transformou-se em verdadeira adoração.

Mas o homem tanto gastou, que a sua fortuna, grande como era, sentiu-se abalada. Viu que já não podia sustentar o luxo de seu palacio, seus automoveis, seus cavallos e seus criados. Depois de bem pensar resolveu vender o predio, retirar-se para uma casa socegada de campo e viver uma vida muito quiéta para ver se conseguiria salvar o que restava da fortuna para os dias de sua velhice.

Quando a população soube disso, teve uma grande tristeza.

A casa do bom senhor encheu-se de gente que ia beijar-lhe as mãos reconhecida e pedir-lhe que não deixasse a sua terra natal.

Quando o povo soube que o seu protector era obrigado a retirar-se e vender a sua residencia, começou a encher as egrejas e pedir a Deus que o auxiliasse, pois temiam que si elle se retirasse nunca mais a cidade gosaria de tantos favores da providencia.

A' sahida do templo o povo juntou-se deante do palacio e fez uma grande manifestação a seu morador.

Este olhava de uma janella os patricios que tanto lhe queriam, e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas de commoção, ao recordar-se de que seria forçado a deixál-os.

De noite, quando tudo estava em silencio, dei-

tou a cabeça desolada sobre o travesseiro e lembrou-se de que, dahi em deante, nem ao menos podia continuar a fazer os beneficios que tanto prazer davam ao seu coração..

A cidade esqueceu os seus trabalhos, as suas canceiras e cahiu no silencio profundo.

Quando foi de madrugada, os primeiros transeuntes que passaram pela casa do millionario, ficaram attonitos ao assistir a uma extraordinaria maravilha do céu. Por cima do palacio cahia uma chuva lindissima de pós de ouro. Cahia por sobre a casa, sobre os jardins e parques, não se espalhando por outro logar qualquer.

Vieram outras pessoas e ficaram a olhar e falar sobre o extranho caso e o ruido despertou os moradores da vizinhança que vieram tambem apreciar o curioso milagre.

Os pós de ouro cahiam em grande quantidade e a casa já estava toda dourada. Os passeios, os canteiros, as flores, os muros, estavam todos cobertos de ouro. Era um espectaculo extraordinariamente bello.

O dono da casa, por sua vez, acordou e ouvindo a grande algazarra lá fóra, abriu a janella que dava para o jardim e viu que os batentes estavam cheias de pós dourados. Olhou espantado para fóra. Os jardins, os parques, tudo, enfim, estava coberto desse pó, que se parecia muito com ouro.

O sol já principiava a nascer e na alegria da manhã a casa, com os seus parques dourados,

offerencia aos olhos um espectaculo de belleza surprehendente.

O bom homem dirigiu-se para a porta do jardim e notou que os passeios estavam tão cheios de ouro que seria difficil passar sem recolhel-o primeiro.

Todas as pessoas da cidade já sabiam do que se passava e se encaminharam a ver a linda casa de ouro.

O millionario mandou os criados ao quintal recolher o tal pó e arranjou tambem alguns empregados para varrer a enorme quantidade que tinha ficado por sobre o telhado e nos batentes das portas e janellas.

As paredes da rua estavam tambem cobertas, mas nem uma pessoa se atrevia a tiral-os, porque pertenciam ao seu generoso bemfeitor.

O ouro deu para encher tantas saccas, que um quarto ficou cheio dellas até á altura do tecto.

Já o amigo dos pobres estava mais rico do que nunca e não havia de faltar mais dinheiro para as viuvras e os orphams da cidade. As orações do povo foram ouvidas por Deus e a cidade privilegiada não ficou sem o seu protector.

A VASSOURINHA

Maria era orphã de mãe e apesar de muito mocinha, tinha por sobre os hombros uma grande responsabilidade.

Tomava conta da casa de seu pae e seus irmãozinhos, que eram quatro. A pobre menina tinha tanto serviço, que não sabia ás vezes o que fazer primeiro.

Era tratar das refeições, lavar as roupas, fazer a arrumação da casa, costurar, fazer remendos...

Mas ella queria muito ao seu paezinho e aos pequenos e sacrificava-se de boa vontade.

Numa certa noite, estava Maria a lavar a louça do jantar.

Era tarde, porque ella tinha feito adormecer o seu mano pequenino antes de ir tratar das arrumações.

A coitadinha lavava os pratos a toda pressa. Queria terminar o serviço para ler socegradamente um livrinho que lhe haviam emprestado.

Estava assim entretida, quando de repente ouviu um ruido leve de azas. Parou de lavar e voltou a cabeça.

Viu uma linda mariposa a esvoaçar ao redor da lampada electrica. O insecto deu alguns giros e foi pousar no chão.

No mesmo instante foi-se transformando até que se tornou numa deslumbrante creatura, que

sorriu amavelmente e falou: — Não te assustes, minha filha; eu sou a tua fada protectora. Tenho estado a velar pela tua segurança, desde o tempo em que eras pequenina.

Deixei-te sempre trabalhar, porque o trabalho fortifica o corpo e ennobrece o character das pessoas.

Mas, desejaria ver-te um pouco menos atarantada com as tuas obrigações.

Maria, ao ouvir essas palavras, ficou um pouco mais socegada e murmurou: — Mas o que hei de fazer? Não tenho quem me ajude!

A maravilhosa creatura tirou do lindo diadema que lhe adornava a fronte, dois raminhos de aigrettes, um maior e outro menor; entregou-os depois a Maria, dizendo: — Toma lá, estas vassourinhas magicas.

Quando quizeres varrer a casa pega na maior e dize: — Varre, varre, vassourinha, e o chão no mesmo instante ficará sem um grãozinho de pó.

Quando quizeres lavar a louça, o fogão, a mesa da cozinha, etc., pega na pequena e repete aquellas mesmas palavras. Verás que em dois minutos ficará tudo a brilhar.

Maria, a tremer de commoção, acceitou das mãos de sua protectora os dois ramos de aigrettes e ficou a examinal-os, com olhos arregalados de espanto.

Dahi a pouco murmurou: — Mas como poderei varrer a casa com uma vassoura tão pequena?

A linda fada respondeu: — Pega numa só de cada vez e dize as palavras magicas.

Maria, então, pôz um dos feixes de aigrettes por sobre a mesa e conservando na mão o maior, disse: — Varre, varre, vassourinha.

No mesmo instante, o feixe transformou-se numa verdadeira vassoura, que apenas guiada por Maria, sem o menor esforço, em dois segundos, pôz o chão da cozinha lustroso de limpo.

Maria, toda cheia de contentamento, olhou para a sua bemfeitora e falou: — Que maravilha! Como é facil fazer o serviço com o auxilio desta vassoura!

A fada retorquiou: — Pois a menor é a mesma coisa que esta. Guarda com amor os teus valiosos presentes.

E mais uma coisa tenho a dizer-te: Essas vassouras só obedecerão á tua voz. Si outra pessoa qualquer pretender servir-se dellas, receberão uma sova tremenda de pau.

Adeus, minha filha; procura conservar-te sempre delicada e pura, como tens sido até agora.

Maria olhou de novo para a creatura e viu que ella ia sumindo. Em seu logar, ficou a mariposa de antes, que esvoaçava ao redor da lampada por duas ou tres vezes, depois sahindo pela janella aberta, desapareceu na escuridão da noite.

Maria, quando voltou a si de sua enorme surpresa, recordou-se das palavras da fada e pôz-se a examinar as vassouras. A pia estava toda cheia de louças e panellas.

Pegou no ramo pequeno de aigrettes e disse: — Varre, varre, minha vassoura! Oh! Que

prodigio! Em dois minutos, pratos, pia, mesa, fogão, estavam a alumiar.

Depois, Maria lembrou-se de varrer o soalho da sala de jantar. Levou para lá a vassoura maior. Disse as palavras magicas e num instante estava tudo prompto.

A vida de Maria depois daquella noite, tornou-se mais folgada. Ella contou sómente a seu pae o segredo das vassouras magicas.

As crianças notavam que andava tudo a reluzir na casa, mas não viam a que horas sua mana fazia o serviço. Ella lhes dizia: — Eu me levanto agora muito cedo e faço a limpeza emquanto vocês estão ainda a dormir.

Mas as crianças não foram as unicas pessoas que notaram aquillo.

Maria tinha uma vizinha que era muito curiosa e importuna.

Começou a visitar a miudo a orphã, para ver si descobria como é que ella dava conta de tanto serviço.

Ao ser interrogada Maria dizia: — Acordo-me cedo e adeanto logo o meu trabalho.

Mas, a vizinha não se contentava com a resposta. Sabia que o tempo não dava para tanto, ainda mais que a mocinha preparava tambem o almoço.

Num dia de manhã, cedo, resolveu dar um pulinho, na casa da orphã, para espial-a a trabalhar.

Entrou pelo portão da casa de Maria sem bater e foi para os lados dos fundos. Quando ia pas-

sando rente a uma janella da sala de jantar que se achava entreaberta, ouviu uma vozinha a dizer: — Varre, varre, vassourinha. No mesmo instante percebeu o ruido de quem varre de mansinho.

A vizinha, que se chamava d. Santinha, ficou toda intrigada e pôz-se a espiar por detraz dos vidros, que eram guarnecidos de cortinas de panno commum.

Maria, tão entretida estava, que nem uma só vez olhou para o logar onde se achava a intrusa.

Dahi a pouco a orphã largou a vassoura e entrou na cozinha, que ficava contigua á sala de jantar.

A vizinha, de seu esconderijo, viu a menina pegar numa escova de cozinha e depois de repetir as mesmas palavras, pôz-se a fazer a limpeza de chicanas, fogão, etc. Ficou tudo prompto num abrir de olhos; depois Maria voltou á sala, pegou de novo na vassoura e disse: — Varre, varre, vassourinha. Dahi a pouco o chão da cozinha estava tambem varrido e lustroso.

D. Santinha mal podia reprimir o seu espanto. Com certeza ali havia algum feitiço; mas si Maria não havia dito coisa alguma, certamente seria porque não queria que soubessem daquillo.

Resolveu ficar quieta e procurar occasião de apoderar-se da vassoura e leval-a para sua casa.

O tempo foi-se passando.

Num certo dia, d. Santinha foi á casa da orphã. A menina estava muito aborrecida, porque seu irmãozinho tinha ferido o pé nuns espinhos e tinha ficado bem inflammado.

D. Santinha examinou a ferida e reprimindo um sorriso de alegria, disse logo: — Minha filha, é necessario que leves o teu maninho ao doutor. Olha que esse negocio de infecção no pé é perigoso.

Maria ficou muito afflicta e murmurou:— Como poderei sahir de casa? Não tenho quem tome conta dos outros pequenos.

—Oh! (disse a outra). Não te incomodes por causa disso. Eu virei tomar conta delles. Vae ao medico o mais cedo possivel.

A menina resolveu levar o pequeno ao consultorio de um medico edoso e amigo da familia. D. Santinha fez com que a menina accedesse algum dinheiro, pois ella não o tinha.

Maria vestiu-se e sahiu levando ao collo o seu irmão.

A vizinha, depois que ella sumiu de vista, entrou na casa e dando biscoitos aos pequenos, disse-lhes:—Agora, meus filhinhos, vão todos brincar no quintal; não é bom para a saude ficar muito dentro de casa.

As crianças obedeceram, roendo com satisfação as bolachas.

D. Santinha foi então á procura da vassoura. Não foi difficil encontrá-la.

A mulher examinou-a, cheia de curiosidade e murmurou: — Vou leval-a á minha casa; farei uma boa limpeza e depois voltarei a trazel-a, antes de chegar Maria.

D. Santinha sahiu bem quieta pela porta da frente e chegou logo á sua casa. Assim que en-

trou na sala de visitas, abriu as janellas e segurando no cabo da vassoura, murmurou: — Varre, varre, vassourinha!

Mas a vassoura, em vez de varrer, saltou das mãos de d. Santinha e começou a dar-lhe pancadas e mais pancadas.

A mulher, atordoada, pôz-se a gritar por socorro. Ajuntou logo gente, curiosa de saber o que tinha acontecido.

A mulher, que estava escondida atraz de um sofá, apontou para a vassoura que estava no chão e disse que ella era enfeitçada.

D. Santinha acalmou-se e as pessoas se retiraram dizendo que a mulher não parecia estar boa do juizo.

D. Santinha achou melhor voltar para a casa de Maria, para evitar suspeitas de sua parte. Mas, ella não pegaria mais na vassoura. Ai, ai!

Mandaria um dos pequenos buscál-a e lhe compraria o silencio por um ou dois tostões.

E a mulher com os ossos machucados e as carnes doloridas, foi á casa da orphã. Chamou um dos meninos, que de boa vontade foi buscar a vassoura magica.

Maria chegou mais tarde á casa e desfez-se em agradecimentos á sua vizinha pelo favor que lhe fizera, de tomar conta de seus irmãozinhos.

D. Santinha enguliu o despeito e a raiva; procurando sorrir, falou: —Oh! Isso não é nada. Quando precisar estou ás ordens. Agora, devo retirar-me; até loguinho.

Dahi a uns dias Maria ouvia falar na algazarra e ajuntamento em casa da vizinha. Ouviu tambem dizer que a mulher não estava boa do juizo, pois dissera que uma vassoura lhe tinha batido.

A joven ficou muito pensativa. Mais tarde chamou seus irmãozinhos e perguntou-lhes si tinham visto sahir d. Santinha no dia em que ella ficara tomando conta delles.

Aquelle que recebera o dinheiro chegou-se perto de sua mana e murmurou-lhe: — Olha, eu não devia contar, mas ella mandou-me levar a nossa vassoura á casa della e deu-me duzentos réis, para que eu não o contasse a pessoa alguma.

Maria teve então a certeza da verdade. A vizinha tinha descoberto o segredo da vassoura magica; levára-a para sua casa sem licença de ninguem e fôra duramente castigada.

A menina imaginou o susto da mulher e riu-se gostosamente.

Maria continuou a tratar da casa de seu pae e seus irmãozinhos e a sua vizinha aprendeu a não se incomodar com a vida dos outros.

ZE' DAS FAVAS

Era uma vez, um chacareiro portuguez, viuvo, muito bom e assiduo ao trabalho.

Elle tinha um filho, que não era de todo máu, porém tinha pouca intelligencia e não tinha geito para coisa alguma.

O pae empregou-o em diversos logares, para ver si aprendia a ganhar a vida decentemente, mas o rapaz era sempre despedido, por causa de ser tão desajeitado quão sem juizo.

Uma vez o chacareiro empregou-o num armazem perto de onde moravam e elle fez ali as maiores extravagancias. Quando media o arroz, deixava-o cahir pelo chão e não se incomodava de varrel-o depois.

Recebia dinheiro dos freguezes e deixava-o jogado por cima do balcão, no meio de copos sujos e garrafas vazias.

Quando despejava alguma bebida para os outros, era certo derramar um pouco num outro copo e bebel-o apressadamente.

Uma vez foi dar a um freguez um licor que continha umas fructinhas.

O rapaz, encheu outro calice para si e bebeu-o; estava ainda mastigando as fructinhas, quando o patrão veiu ao pé d'elle e ficou furioso: mandou-o immediatamente para casa, sem dar-lhe um vintem.

Seu pae ficou muito aborrecido e foi pedir ao dono do armazem que empregasse de novo o filho, mas o negociante recusou-se dizendo, que as tolices que o menino fazia eram tantas, que mais lucrava ficar sem empregado algum.

O chacareiro ficou muito triste e não teve outro remedio, sinão ficar com o filho em casa, para ajudar na plantação de verduras.

O rapaz, desde esse dia, começou a trabalhar na chacara e o seu serviço principal era semear favas.

Os pés de favas iam crescendo, crescendo e muito depressa chegaram ao ponto de serem colhidas.

O chacareiro notou com espanto, que eram tão viçosas e lindas, como nunca tinha visto em sua vida. O rapazinho foi ao mercado vendel-as ás carroças cheias e depois voltou para casa com os bolsos cheios de dinheiro.

Continuou a plantar, cheio de alegria e esperançoso de que a proxima colheita fosse de favas tão maravilhosas como as da primeira.

Quando chegou a época tão anciosamente esperada, teve a immensa felicidade de ver que as favas eram tão viçosas como as da primeira colheita.

Chamou seu pae, que cheio de entusiasmo lhe disse: Decididamente, estás de sorte, meu filho; si venderes estas favas pelo mesmo preço das primeiras, comprar-te-ei o terreno vizinho; poderás continuar a plantar, por tua propria con-

ta e poderás ajuntar algum dinheiro para quando casares.

O rapaz já era conhecido pela alcunha de Zé das Favas, em toda a freguezia.

Apromptou a carrocinha de novo, cheia de cestos contendo as favas maravilhosas e á sua espera, ás portas do mercado, estavam todos os negociantes, verdureiros, não só da cidade em que moravam, mas também alguns das cidades vizinhas, que desejavam comprar favas para plantações. O Zé tinha tanto que fazer para attender á sua numerosa freguezia, que ficava até atrapalhado. Quando viu que eram tão disputadas as cestas de favas, teve um raio luminoso de bom senso e tratou de augmentar-lhe os preços.

O Zé continuou por muitos annos com a mesma sorte e já tinha comprado uma linda chacara com o seu proprio dinheiro e mandou fazer uma casita para quando se casasse. Tinha além disso bastantes economias, porque ganhava muito e, como era de viver simples, gastava pouco.

Perto da casa do Zé, morava uma patriciazinha, cujos olhos negros fizeram virar a cabeça do rapaz.

Um dia, ao conversar com a menina, o rapaz perguntou-lhe si gostaria de se casar com elle. A mocinha, que se chamava Maria, achou a proposta muito boa, porque além della ter sympathia pelo chacareiro, sabia também que elle era o dono daquella propriedade e possuia algum dinheiro.

Zé das Favas, todo feliz, foi levar a seu

pae a noticia de seu proximo casamento com Maria.

O velho ficou muito alegre de ver que o seu filho finalmente tinha arranjado a vida e ia se casar.

O rapaz casou-se, mas Maria, sabendo que o marido tinha umas economias, começou a ter sonhos de grandeza e teve desejo de viajar.

Tanto fez que o Zé tambem ficou influido e resolveu fazer uma visita á santa terrinha de seus antepassados.

Contou a seu pae sua resolução, mas o velho disse: — Meu filho, toma cuidado, porque o dinheiro custa a ganhar, mas não custa a gastar. Quando se fica em casa socegado, elle dura, mas, quando começam os passeios e o luxo, vae-se mais depressa do que podes imaginar.

O Zé não quiz ouvir os bons conselhos do velho pae e resolveu embarcar para a Europa em companhia de sua esposa.

Primeiro que tudo foi á agencia de vapores, comprar as passagens e fez muita questão com os encarregados das vendas, por causa do preço dos bilhetes.

Vendo que não tinha outro remedio, resolveu pagar, e retirou-se.

Maria parecia que estava endoidecendo de tanta excitação. Corria para cá, corria para lá, a comprar vestidos, de côres diversas, chapéus e sapatos, como nunca tinha usado na sua vida. O pobre do Zé estava ficando um pouco assustado com as despesas que vinham fazendo e estava já

arrependido de não ter ouvido os conselhos de seu pae.

Embarcaram num trem de primeira classe e Maria sentiu-se mal vestida perto das outras senhoras. Ficou de mau humor com seu marido por toda a viagem. O pobre do Zé não tinha coragem de sentar-se naquellas cadeiras, que lhe pareciam tão luxuosas, comparadas com as que elle tinha em casa; quando o trem chegou ao fim da jornada, deu graças a Deus, porque estava cansado de supportar os olhares criticos daquella gente mais bem educada do que elle.

Depois de muita difficuldade, o modesto chacreiro e sua esposa chegaram a bordo de um lindo vapor inglez.

Tinham passagem de primeira classe, mas assim que se viram no meio daquella gente luxuosa e desembaraçada, comprehenderam que a viagem ia ser um martyrio, maior e mais longo que o da viagem do trem.

Os criados não lhe prestavam a minima attenção e não podiam achar coisa alguma de que precisavam a bordo.

As mocinhas que passeavam aos bandos pelos corredores do tombadilho, fitavam-nos, depois cahiam na gargalhada. Maria estava ficando muito desconsolada e disse para o Zé: Tu bem ves que se riem de nós, porque não estamos vestidos como elles. Quero que me compres um vestido como o daquella senhora e uns sapatinhos de setim preto para vestir ao jantar. Hás de vestir como aquelles cavalheiros, que têm cami-

sas de peito engommado e sapatos de verniz. Verás que depois ninguem mais rirá de nós.

O Zé dizia: Mas, minha filha, si formos gastar assim, quando chegarmos a Portugal, não teremos mais um vintem. Maria chorava e dizia que elle era um sovina e o pobre rapaz acabava sempre comprando dos negociantes de bordo, aquillo que Maria achava necessario para tornál-os elegantes.

O Zé pela primeira vez na vida procurou vestir camisa engommada e collarinho e como não estava acostumado, acabou de se preparar tão tarde, que quando chegou ao salão com a esposa, já não era mais hora de servirem o jantar. O pobre homem gritou e zangou-se com os garçons, mas elles polidamente lhe disseram:—Sentimos muito e virando-lhe as costas retiraram-se do salão de jantar.

O Zé foi ao quarto sem ter jantado. Maria que trazia um vestido novo comprado nesse mesmo dia, sentiu-se tão infeliz, que se atirou na cama e começou a chorar e a lembrar-se de sua pequena casa na chacara.

Cada dia que se passava, era mais um dia de humilhações.

Uma vez na hora de jantar, pediram uvas. O criado trouxe umas jarrinhas de prata muito bem trabalhadas, cheias de agua, para lavar-se a ponta dos dedos depois de comer as fructas. O Zé disse: Olá Maria, tu não tens umas tijellinhas tão bem trabalhadas como estas em casa, não? Porque será que ao fim do jantar, dão-nos agua

para beber em tijellinhas em vez de copos? Oh! já sei, decerto é a moda. E com grande escandalo de todos, na mesa, levou aos labios á tijellinha e bebeu a agua que ella continha.

Mais tarde, quando o Zé e a Maria perceberam que a agua das jarrinhas era para lavar os dedos e não para beber, ficaram tão envergonhados que quasi choraram.

Chegou finalmente o fim da viagem tão desagradavel para elles e tão dispendiosa: O chacareiro, notando que todos davam dinheiro aos criados, disse á sua esposa: Ora esta, os criados são independentes e atrevidos e além disso teremos que dar-lhes gorgetas? Ora, isso é que não! Maria disse: Os outros todos dão, Zé, é melhor que tu dêes tambem um pouco, sinão podem pensar que és um miseravel.

O Zé resolveu então dar e com revolta no coração chamou o primeiro criado e deu-lhe para gorgeta algumas moedas de cobre. O criado olhou para o Zé e disse-lhe: — Muito obrigado; e com um ar de grande superioridade, jogou as moedas para o mar.

O chacareiro mal poudo conter sua indignação e disse para a sua esposa:—Eu bem te falei que não valia a pena dar dinheiro a estes marotos. Tu me fizeste dar-lhe gorgetas. Não viste o que elle fez do meu rico dinheirinho?

Maria disse:—Vamos sahir o mais depressa possivel deste purgatorio, depressa Zé, vamos desembarcar.

Desembarcaram e mesmo depois de estarem bem longe, pareciam sentir, como si fossem flexas penetrantes, os olhares de sarcasmo, daquella gente tão sem piedade.

O pobre Zé das Favas, deu graças a Deus, quando chegou á aldeia humilde, onde morava a gente que era como a sua e que o recebeu e á sua esposa de braços abertos. Tinham nos labios palavras sinceras de boas vindas e nos corações ingenuos, um grande prazer em serem agradaveis aos filhos de sua raça que vinham de tão longe.

Pouco a pouco, o chacareiro foi percebendo que a sua fortuna estava bem minguada e não podia gastar muito mais. Disse á Maria que precisavam voltar logo ao Brasil; deviam viajar de terceira classe e nada de vestidos e chapéos dahi em diante.

Maria a principio ficou triste, mas depois consolou-se quando pensou, que ao menos estariam livres d'aquelle pessoal antipathico da primeira classe do vapor.

O Zé das Favas despediu-se dos amigos na velha aldeia portugueza e embarcou para o Brasil, muito triste e arrependido.

Já lhe restava pouco de sua regular fortuna.

Chegando ao porto de Santos, lá estava o velho á espera do filho, e quando afinal se abraçaram os dois choraram de emoção. O pae, contente de ver de novo o Zé, e este ao lembrar-se de que si tivesse ouvido o seu pae, não estaria agora sem dinheiro algum.

Maria tambem penava, porque voltara rai-vosa e desapontada.

Não achara a alegria que esperava na sua viagem e pensava que melhor seria si tivesse ficado em casa e guardado o seu dinheiro.

O chacareiro teve um desgosto enorme de saber que o filho gastara o que levava tantos annos para ajuntar. Tinha-lhe dado tantos conselhos!

O Zé foi morar na chacarazinha, que o velho tinha tratado com muito amor durante a sua ausencia.

O rapaz, na esperança de fazer fortuna como antes, começou de novo a plantar favas. Mas, oh! O tempo das vacca gordas já se tinha passado! As colheitas eram pobres e as favas não se pareciam com as de outros tempos.

Pobre Zé, quasi não lucrava nada e a Maria que quando se casou julgou que ia ter criadas e vestidos finos, a pobre Maria precisava cozinhar, lavar roupas e nunca tinha um vintem, para si mesma.

A's vezes ella estava na cozinha á fazer o almoço e se distrahia a pensar no tempo em que era uma grande senhora, e tinha criados para servir-a, etc. Começava a dansar ao lembrar-se daquellas lindas damas a bordo do navio. Quando o Zé entrava sujo de terra da chacara, onde estivera trabalhando, dizia: Maria, estás com a gordura a se queimar toda nas panellas, não vêes que isso nos fica muito dispendioso?

Maria respondia:—Oh! eu estava distrahida, pensando naquelles tempos, em que viajamos como grandes ricos, e até me esqueci das pannels.

O Zé continuava a trabalhar na chacara, mas nunca mais teve a sorte que tivera antes, e Maria não tinha outro remedio sinão conformar-se com a sua posição de esposa de um homem pobre.

Muitas vezes imaginavam como poderiam ter sido felizes, si ao menos tivessem ouvido os conselhos do velho pae, que tinha mais experiencia e mais idade!

E assim foram vivendo sempre, pobres e cheios de trabalho...

DIAS DE ESCOLA

Dois meninos frequentavam as aulas de um mesmo collegio. Um era immensamente rico. Andava muito bem vestido e julgava-se superior a todos os seus collegas.

O outro era pobre e estava nesse collegio por favor, pois sua mãe tinha ficado viúva e sem dinheiro.

O menino rico chamava-se Raymundo e o outro, Mario. O primeiro não estudava as lições porque sabia que o seu pae era rico; julgava que elle lhe deixaria algum dia uma grande fortuna.

O segundo agarrava-se aos livros, com a dedicação ansiosa de quem está de posse de um bem precioso, que poderá perder a qualquer hora.

Raymundo desprezava Mario, porque este andava ás vezes com os sapatos estragados e a roupa bastante velha e pequena para a sua idade.

Mario não se queixava a sua mãe, porque sabia que ella não podia dar-lhe melhor e ficaria ainda mais triste. Supportava com paciencia tudo e tornava-se cada vez mais retrahido e estudioso.

Os seus collegas adulavam muito ao Raymundo, porque elle sempre tinha dinheiro nos bolsos e sua mãe mandava-lhe bolos, chocolates e outras cousas boas, que elle repartia com os meninos que lhe agradavam.

Os professores tambem eram condescendentes para com Raymundo, por saberem que era tão rico e tratado com tantos mimos em casa de seus paes.

Raymundo não tinha mau coração, mas as facilidades da vida e o veneno perigoso das bajulações, iam pouco a pouco matando dentro de seu peito, as florinhas mimosas da ternura e da piedade, deixando em seu logar a herva damninha do orgulho e da preguiça.

Um dia, era na hora do recreio; alguns meninos entretinham-se ainda a devorar o seu lanche; outros dispunham-se a começar algum jogo e andavam á procura de parceiros.

Mario estava sentado sobre um banco, distrahido com um livro, a recordar a lição que deveria dar, na primeira aula, depois do recreio.

O seu bonnet estava no chão a seus pés. Era velho, feio, de uma fazenda xadrez, como os vestidos de riscado, que algumas creadas costumam usar.

Raymundo e outros meninos passavam perto de Mario, quando o primeiro viu o engraçado bonnet ali no chão e disse: — Olha o gato xadrez.

Vamos fazer uma bola de futebol?

Os outros meninos, que achavam sempre engraçadas as idéas do collega rico, deram uma risada e falaram:

—Vamos.

Raymundo então chegou-se perto de Mario, que estava ainda distrahido a estudar e falou:—

Empresta-me o teu bonnet xadrez? Quero fazer uma bola para jogar.

Mario levantou os olhos e percebeu que havia alguma cousa nos ares. Quando ouviu as palavras zombeteiras de Raymundo, corou até a raiz dos cabellos.

O collega não esperou pela resposta e erguendo o bonnet do chão levou-o comsigo, para o meio do pateo.

Os outros meninos seguiram-no. Raymundo ergueu uns papeis do chão com os quaes estufou o bonnet, formando uma bola. Amarrou-a com uns fios de barbante, depois atirou-a ao chão dizendo:—Quem quer jogar futebol?

Mario vira e ouvira tudo. Ondas de sangue, subiam-lhe á cabeça e lagrimas quentes de vergonha e odio cegavam-lhe a vista. Estava cansado de aturar as impertinencias de Raymundo. Levantou-se de repente, deixando cahir o livro ao solo.

Em dois minutos estava ao pé de seu collega insolente. Agarrou-se a elle numa furia tremenda e começou a dar-lhes soccos e mais soccos, nos olhos, no nariz, na bocca...

Os outros meninos apavorados com o imprevisto daquella scena, ficaram a um lado, a olhar sem dizer palavra!

O sangue começou a escorrer do nariz e da bocca de Raymundo.

Mario, ao ver aquillo, parou de repente de soccal-o e começou a realizar a situação. Elle pobre e desprotegido como era, tinha ferido, talvez

bastante o menino mais rico e adulado da escola.

Raymundo começou a apalpar o nariz e a boca, enchendo as mãos e as roupas de sangue.

Mario olhou para aquillo, olhou para a bola feita com o seu bonnet atirada ao chão e triste, humilhado, desatou a chorar convulsivamente.

Soou a campainha e os professores vieram ao pateo, dirigir a marcha dos alumnos ás salas de aula.

O mestre de Raymundo viu o estado em que elle se achava, percebeu o susto de Mario e dos outros meninos e indagou de que se tratava. Quando soube tudo, mandou Raymundo á enfermaria curar as suas feridas e Mario foi enviado ao gabinete do director para ser castigado convenientemente.

O director era um senhor meio edoso, chefe de grande familia. Era muito carinhoso para com os seus discipulos e fazia o possivel de não castigal-os injustamente.

Quando Mario se viu a sós com o director, ficou pallido de susto e vergonha.

O velho tinha uma grande admiração pelo seu protegido e tinha a certeza de que elle não era tão culpado como parecia.

Paternalmente severo, fez-lhe vêr que não devia perder a calma e ferir um seu collega assim. Perguntou-lhe a causa de sua ira. Mario com lagrimas nos olhos contou-lhe as humilhações por que o outro o fizera passar.

O coração do bondoso mestre encheu-se de piedade e depois de alguns segundos de silencio,

disse: — Olha, meu filho, fizeste mal de ferir tanto a Raymundo, mas elle foi tambem imprudente. Desta vez perdôo-te, mas toma cuidado, não batas em mais ninguem, numa hora de grande raiva.

O director chamou depois a Raymundo e reprehendeu-o por causa de ter zombado da pobreza de seu collega, dizendo: — Meu filho, não debes julgar-te superior a Mario só porque és mais rico do que elle. A riqueza é um dom muito incerto. De um dia para outro pode-se perdê-lo.

Na vida, todos nós devemos procurar adquirir os thesouros da formosura da alma e do cultivo intellectual, que são mais solidos e duraveis do que qualquer outro.

Quando foi no dia da sahida dos alumnos, a mãe de Raymundo veiu buscal-o no seu luxuoso auto.

Ao vel-o todo marcado ficou afflicta e perguntou-lhe: — O que foi isso Raymundo? Levas-te algum tombo?

O menino corou e não respondeu. Sua mãe ficou ainda mais desconfiada e perguntou: Cahiste? Tens alguma machucadura pelo corpo?

O menino respondeu: — Não: isso não é nada.

A pobre senhora achou melhor falar com o director, para saber o que tinha acontecido a seu filho.

Quando soube a verdade, ficou triste e envergonhada, porque tinha bom coração.

Voltando-se para o filho disse:

—Oh! Raymundo, sinto muito saber que maltrataste um menino mais pobre do que tu, e ainda mais orphão de pae. Desejo que sejas daqui em diante bom amiguinho desse menino. Si o sr. director o permittir, leval-o-ei a passar estes dois dias de folga, em minha casa.

O director ficou satisfeito de ter uma occasião de fazer alguma cousa por Mario e deu-lhe licença de sahir, em companhia de Raymundo e sua mãe.

Os dois meninos, ficaram completamente reconciliados e tornaram-se os melhores amigos deste mundo. Nunca tinha Mario em sua vida, passado uns dias de tanta alegria e fartura.

Quando voltou ao collegio, levou consigo, uma solida mala de couro, cheia de roupas e dentro do peito, um coraçãozinho muito grato e feliz.

O CAVALHEIRO JORGE

Num bairro pobre moravam diversos meninos. A maior parte delles eram insupportaveis. Ficavam de tarde em grupos á frente de suas casas, a molestar as pessoas que passavam e a fazer toda a especie de diabruras. Entre elles, porém, havia um que era muito ajuizado e bom para todos e chamava-se Jorge. Elle era estimado pelos outros, apesar de não concordar sempre com as suas brincadeiras.

Perto das casas desses meninos tinha um quartinho alugado, uma velha, feia, magra e toda capenga, por causa do rheumatismo.

Os meninos gostavam de atormental-a, quando ella passava. Jorge dizia-lhes: — Ora! Deixem socegada a pobre velha, ella não incommoda ninguém!

Mas os rapazes não se corrigiam. Cada vez que a mulher passava perto delles, riam-se e ás vezes até andavam atraz della, fingindo-se de mancos.

Jorge ficava aborrecido e falava:—Que malvadeza; vocês algum dia serão velhos talvez e poderão por castigo achar que lhes trate da mesma forma.

Os outros acalmavam um pouco o seu riso e falavam: — Ora, Jorge, você agora parece que nos está rogando praga.

O menino replicou: — Não, estão muito enganados. Mas sempre ouvi dizer que todo aquelle que maltratar uma pessoa edosa, será tratado da mesma forma nos dias de sua velhice.

Os rapazes calaram-se e ficaram a pensar. Mas eram garotos e logo se esqueceram das palavras de seu companheiro.

Num certo dia os meninos estavam á frente das casas, como de costume. Tinha chovido muito e os passeios estavam humidos e escorregadiços.

Dahi a pouco appareceu a velha, capenga seca, e embrulhada num chale escuro.

Os meninos começaram a cochichar: — Lá vem a coruja, lá vem! E começaram a rir.

A pobre mulher percebeu os gracejos e fez uma cara mais feia ainda, do que de costume.

Quando chegou proximo ao logar onde estavam os rapazes, escorregou com tanta infelicidade, que levou um tombo.

Os marotos divertiram-se então á grande. Jorge compadeceu-se da velha e correu em seu auxilio. Ajudou-a a levantar-se e ajuntou os seus chinellos que tinham sido atirados para longe.

A mulher, com lagrimas nos olhos, agradeceu muito a Jorge, murmurando: Deus te abençoe, meu filho. Tu és um pequeno cavalheiro; e já que possues tão bello coração, peço-te que venhas hoje á minha casa ao escurecer. Desejo muito falar contigo. Pede licença á tua mãe e vem. Garanto que não te arrependerás.

Jorge respondeu: — Está bem, irei.

A manquinha seguiu o seu caminho, Jorge falou com sua mãe que, de bom grado, consentiu que elle fosse á casa da velha.

Esta morava sózinha, num quartinho miseravel. O menino bateu á porta. A mulher veio abraçada. Mandou Jorge entrar e sentar-se junto a uma velha mesa. Ella tambem sentou e principiou a falar assim: — Meu filho, chamei-te hoje, não para solicitar de ti um favor como de costume, e sim recompensar-te pelo teu cavalheirismo e nobreza de sentimentos.

Eu não sou a velhinha miseravel que todos me julgam ser.

Estes andrajos, esta apparencia, são apenas um disfarce.

Eu sou a poderosa Fada Gentileza.

Ando assim no mundo para escolher com inteiro acerto os meus eleitos.

O menino ouvira tudo aquillo com os olhos arregalados de espanto.

A velha comprehendeu-o e lhe disse: — Não crês nas minhas palavras? Pois já vaes ficar convencido. Em seguida levantou-se da cadeira e dirigiu-se a um canto da sala, onde estava uma commoda antiga.

Destrancou uma de suas gavetas e retirou de dentro della, um lindo ramo de rosas prateadas.

Voltou para junto de Jorge e tocou na sua propria frente e nos hombros com o ramo de flores.

Os olhos maravilhados do rapaz, viram então á sua frente, não uma velha maltrapilha e feia

mas uma creatura admiravel que parecia uma princeza.

O seu vestido e seus sapatos eram prateados, e o seu rosto era de uma formosura sem par.

A creatura falou: Eu sou a Fada Gentileza. Por causa de teus bellos dotes de cavalheirismo, resolvi fazer-te um de meus favoritos.

A fada silenciou um pouco e levantando a mão direita, retirou do pescoço um cordão muito grosso de ouro, do qual pendia uma linda medalha toda cravejada de brilhantes.

A creatura collocou então o cordão ao redor do pescoço de seu novo afilhado, e mostrou-lhe o reverso da medalha, onde se lia: Jorge, cavalheiro da gentileza.

O menino ficou tão emocionado ao ler aquellas palavras, que não pôde falar, mas ajoelhou-se e beijou, reconhecido, as mãos da bella fada.

Esta fel-o erguer-se e disse ainda: — Jorge, deverás guardar este cordão com amor e zelo até que chegues á idade de vinte annos.

Então deverás collocal-o ao peito e poderás gosar da fortuna e das regalias que serão tuas por direito.

Não tornarás a ver-me sinão na vespera do grande dia.

Adeus. Vae Jorge, boa sorte te acompanhe.

Jorge beijou de novo as mãos de sua protectora e retirou-se sem ainda comprehender bem aquellas coisas.

Chegou á casa. Sua mãe notou logo no cordão

que elle trazia ao pescoço e perguntou-lhe o que era aquillo.

O rapaz contou-lhe a historia toda. A mulher ficou muito admirada e resolveu ir logo á casa da velhinha, para ver si de facto ella não estaria mais lá.

Foi e não a encontrou. Voltou e disse ao filho: — Jorge, penso que é verdade aquillo que ouviste. Ella desapareceu e ninguem a viu sahir.

Os annos se passaram, Jorge era querido por todos por causa de seu modo gentil e prazenteiro.

O cordão de ouro, sua mãe o tinha bem guardado.

Cada anno que se passava fazia-a sentir-se mais feliz porque chegava mais perto a data em que o seu querido filho havia de tornar-se um grande cavalheiro.

Afinal chegou a vespera do dia em que Jorge completaria vinte annos.

Sua mãe deu-lhe as boas noites e depois que entrou no quarto, rezou fervorosamente, pedindo a Deus que o protegesse e o fizesse feliz.

Jorge tambem fez as suas orações e deitando-se, adormeceu logo.

Mais tarde, acordou, julgando sentir alguem no quarto.

Abriu os olhos e viu ali ao pé do leito, envolta numa aureola de luz, a sua bondosa protectora.

Ella disse: — Jorge, vim como havia prometido, na vespera de teu anniversario.

Amanhã, deverás pôr ao pescoço o cordão de ouro.

Serás desde esse momento, o grande cavalleiro Jorge, rico e estimado.

Deverás sempre honrar o teu nome na pratica de boas acções e proteger os fracos e desherdados de fortuna. Sê gentil sempre para com as damas de qualquer idade. Adeus, cavalheiro Jorge!

Dizendo isso a linda creatura sumiu na penumbra do quarto.

Jorge, procurou adormecer, mas em vão. Estava tão agitado que não pôde conciliar o somno.

Levantou-se muito cedo. Sua mãe já estava de pé. Não pudera dormir bem. Assim que viu Jorge, abraçou-o com ternura.

Elle falou-lhe da visão que tivera e as palavras que ouvira.

Sua mãe beijou-lhe a fronte e disse: — Praza aos céos, não resta a menor duvida. Vou buscar o cordão.

A boa senhora abriu a mala e dahi a pouco voltou para junto de seu filho e entregou-lhe o precioso talisman.

Jorge, com mãos tremulas, collocou-o ao redor do pescoço.

Sua mãe, com os olhos que saltavam fóra das orbitas, viu nesse mesmo instante á sua frente, um formoso cavalheiro, vestido de velludo, calça curta, meias de seda e sapatinhos com fivellas.

Sobre o peito cahia-lhe a medalha cravejada de brilhantes.

Sua mãe, olhando extasiada para o moço, ajuntando as mãos falou: — Oh! Jorge, que lin-

do pareces agora! Nem posso acreditar que és o meu filho de verdade!

Jorge abraçou-a, dizendo: — Sou teu filho, sim, mãezinha, teu filho, nobre cavalheiro.

Depois o moço mirou-se ao espelho, dizendo: — Tens razão, pareço outro, completamente.

E notando o vestido simples de sua progenitora, falou: — Tu deverias também ter um fato lindo. E's a mãe de um grande personagem. Tomara que tu apparecesses toda vestida como uma grande senhora.

O desejo de Jorge foi immediatamente satisfeito.

Sua mãe viu-se de um momento para outro vestida com a elegancia e riqueza das senhoras mais notaveis da côrte.

Depois, achando a casa modesta, o cavalheiro pediu um grande castello; ordenou que lhe viessem creados, ricamente uniformisados, mesa luxuosamente posta, iguarias finas e tudo obteve.

Logo a fama da riqueza e a formosura de Jorge, correu pela cidade toda.

O filho do rei, viu-o na sua bella carruagem a fazer o corso e ficou deslumbrado pelo seu esplendor. Resolveu ir visitá-lo para conhecê-lo de perto.

A admiração que o principe sentiu pelo cavalheiro ao vê-lo na rua, tornou-se muito maior ao conhecê-lo em sua casa.

Jorge tinha o dom de encantar as pessoas que iam visitá-lo.

E sua mãe não era menos gentil para com os seus hospedes.

Dahi a uns dias o rei deu um grande baile em palacio

O nobre cavalleiro Jorge foi convidado e chegou á festa, maravilhando a toda gente, com o seu fausto, sua belleza e seu espirito.

Mas ninguem ficou tão encantado como a princeza, a filha do rei.

Nunca tinha visto um cavalleiro que tanto lhe agradasse.

No dia seguinte de manhã foi cumprimentar o seu pae.

Deu-lhe os bons dias e depois ficou triste e pensativa.

O rei notou que sua filha estava apprehensiva e perguntou-lhe o motivo. Ella abaixou a cabeça e disse que sentia-se realmente um pouco perturbada.

O soberano passou a mão por sobre os seus lindos cabellos e indagou: — Por que, minha filha?

Por acaso estarás apaixonada pelo cavalleiro Jorge que se faz querido de todos?

A joven respondeu: — Confesso meu pae e digo mais: si eu não me casar com elle, ficarei solteira para sempre.

O rei ficou em silencio por alguns instantes, depois disse:

Querida, trabalharei para conseguir a tua felicidade e acho que não poderias ter escolhido melhor.

Dahi em diante o cavalheiro Jorge foi convidado, frequentemente, a palacio e a princeza e seu irmão foram tambem á sua casa.

Dahi a algumas semanas annunciava-se o noivado de Jorge, o cavalheiro da gentileza e a filha do soberano.

A noticia causou grande jubilo entre o povo. A princeza era muito estimada pelos seus raros dotes de espirito e coração.

A mãe de Jorge foi agraciada pelo rei, com o titulo de duqueza.

Chegou afinal o dia das nupcias felizes. As festas que então se realizaram, tiveram uma imponencia que não se poderia descrever.

Jorge viveu até ficar bem velho, na companhia de sua affectuosa princezinha e de seus filhos.

O SACY

Era uma vez um menino muito medroso, que chamava-se Pedrinho, que habitara longo tempo no interior de S. Paulo, no meio da caipirada e tinha um pavor enorme de lobishomens, almas de outro mundo, sacys, etc.

Seu pae chamava-se João e mais tarde foi obrigado a mudar-se para perto da capital, juntamente com sua esposa e seu filho.

A mãe de Pedro chamava-se D. Iria.

Como o seu João arranhou um emprego em grandes construcções que se faziam por fóra da cidade, foi habitar com a sua familia numa casa pequena toda feita de madeira e coberta de folhas de zinco. Proximo á casa havia um mattinho, onde se reuniram de tarde os garotos do lugar a jogar cartas, moedas, bolinhas de vidro e mesmo fumar ás escondidas de seus paes.

Pedrinho logo entrou no meio delles e não tardou que descobrissem o seu fraco. Elles não acreditavam em sacys e lobishomens e riam-se da ingenuidade do outro.

Quanto ás almas do outro mundo elles não diziam muito: ainda no outro dia a mulher do vendeiro, tinha jurado por todos os santos ter visto no seu quarto um vulto todo de branco chegar ao pé do leito e depois sumir-se.

Um dia depois que Pedrinho tinha ido para a sua casa, os outros ficaram a caçoar delle.

Combinaram de fazer alguma arte para pregar-lhe um susto.

No dia seguinte começaram de proposito a falar de sacys, perto do medroso. Um delles disse: — Sabes Pedrinho? Aqui ás vezes apparece um daquelles diabinhos pretos.

O sertanejo arregalou muito os olhos e balbuciou: — E' mesmo verdade?

O outro respondeu: — Sim, senhor, pergunta aos outros si não é mesmo. Elle rodeia as casas, bate nas janellas, joga pedrinhas no telhado e ás vezes até apparece no quarto de dormir.

Pedro empallideceu, fez o signal da cruz e disse: Deus Nosso Senhor permitta que elle não appareça no meu.

Os outros que estavam se divertindo a custa do coitado, riram-se e disseram — Não sejas tolo, já estás com medo!

O rapaz deu uma risadinha amarella e respondeu: — Qual o que, medo nada!

Dahi a pouco o menino foi para casa. Começou a lembrar-se do que os outros lhe tinham dito. Sentiu um pavor immenso. Olhava para as janellas, para os cantos da salinha miseravel, illuminada apenas pela luz debil de um lampeãozinho de kerozene e tremia, tremia de nervoso. Levantou-se e foi á cozinha, onde sua mãe estava a passar um cafézinho.

Ficou a rodeal-a disfarçadamente até que ella foi á sala de jantar. Elle seguiu-a; depois a mulher foi ao quarto. Pedrinho foi tambem. Não tinha animo de ficar sózinho, nem um minuto.

A's vezes o vento fazia tremer a luz da lampada e Pedro já imaginava que era o sacy que a assoprava para que ella se apagasse.

Agarrava-se com tanta força á saia da mãe que ella se virava e perguntava-lhe cheia de espanto: — O que é que você tem, menino? Está com medo de alguma cousa?

Elle envergonhava-se e largava á saia da mãe, mas não ia para muito longe della.

Nessa tarde, depois que o rapaz tinha deixado os seus companheiros, estes ficaram a conferenciar em voz baixa, sobre a melhor maneira de pregar-lhe um susto. Um delles que era o mais esperto teve uma idéa; os outros acharam-na estupenda e resolveram pol-a em pratica, naquella mesma noite.

Assim que escureceu, pegaram num barbante muito comprido, amarraram á sua extremidade uma pedrinha e, mais em cima, dois pauzinhos de taquara em fórma de cruz. Sem fazer ruido, dirigiram-se ao lado mais escuro da casa de Pedro.

Para maior sorte, acharam encostada á parede uma escada que o seu pae tinha usado e esquecera de guardar.

O tal menino mais esperto, munuiu-se da pedrinha que estava atada ao fio de barbante e subiu os degráos da escada. A casa era baixinha e o rapaz podia facilmente alcançar a sua parte mais alta. A construcção era ligeira e mal feita e havia uma pequena abertura entre a parte superior das taboas da parede e a cobertura da casa.

O rapazinho passou a mão por cima da taboa

collocando a pedra ao lado de dentro e arrumando a cruzinha de taquara de maneira a evitar que a pedra passasse para o outro lado, quando se puxasse o barbante.

Depois, sempre tendo nas mãos o cordelzinho, foi para junto dos seus amigos, andando pela escuridão, até que chegaram ao mattinho ali perto.

Sentaram-se, formando um circulo, e dispuzeram-se a passar uma horinha bem divertida.

Seu João chegou em casa. Elle, sua mulher e seu filho jantaram. D. Iria acabou de lavar os pratos sujos e foi sentar-se na sala de jantar.

Pedro tinha somno, mas não tinha coragem de ir dormir. Cochilava sobre a mesa. Seu pae chamou-o e disse: — Vá para a cama, Pedro, não fique a cochilar por cima da mesa.

Pedrinho esfregou os olhos e disse: Eu não estou com somno, papae.

O homem falou:—Como não está com somno? Ande, vá já para a cama.

D. Iria olhou para elle e cheia de meiguice falou: — Vá, meu filho, que são horas.

Pedrinho, receioso de contrariar o pae, levantou-se e depois de beijal-o e á sua mãe retirou-se com as pernas bambas de medo.

Chegou á porta do quarto e olhou para todos os lados antes de entrar.

Por cima de uma pequena mesa, ardia uma lamparina.

Pedro olhou para os cantos, espiou por debaixo das camas e quando viu que não havia nada, resolveu despir-se. Ia já a puxar do hombro a tira

que segurava o seu calção de riscado quando, olhando para a janella, julgou ver atravez da vidraça a figurinha diabolica do negrinho feiticeiro a arreganhar os dentes para elle.

Pedrinho sentiu-se desfallecer de terror. Fechou os olhos para não ver mais. Dahi a pouco abriu-os de novo; olhou, olhou, mas não viu nada. Decerto o sacy tinha fugido.

Ainda a tremer, dispunha-se de novo a tirar a sua roupa, quando ouviu um barulhinho que parecia vir lá de cima: téc-téc-téc...

O pobre menino mal podia conter-se em pé. Decerto aquillo era o sacy, que se divertia a jogar pedrinhas no telhado da casa.

O ruido cessou. Pedro não tinha coragem nem de gritar, nem nada. Queria chamar sua mãe, mas tinha receio de tomar um grandissimo pito, por causa de ser medroso. Estava ali feito tôle no meio do quarto, sem forças para dar um passo, quando começou de novo o tal barulho: — Téc-téc, téc... começou a gritar: — Mamãe, mamãe, mamãe...

Sua progenitora ficou muito assustada ao ouvir aquelles brados e foi correndo ao quarto. Vendo o filho pallido e a tremer de susto, perguntou-lhe: — O que é Pedro, o que é? O menino a muito custo gaguejou: é sacy.

A boa senhora disse: sacy onde? Que sacy, qual nada! Logo vi que era medo que você tinha.

O menino apontou para o alto da parede e disse: é ali em cima; está jogando pedras no telhado, eu ouvi muito bem, duas vezes, duas...

A mãe ia dizer: — Não seja bobo, quando parou de repente e ficou tão pallida como o seu filho.

Ouvia tambem agora, perfeitamente o tal ruido.

Ella tambem, como toda a gente do interior, era supersticiosa e começou a pensar que seu filho tinha razão. Decerto, era sacy mesmo que estava ali.

Tratou de disfarçar o medo, perto do rapaz e com voz abafada, chamou o marido.

Este, intrigado, veio saber de que se tratava. Vendo as duas creaturas ali tremulas e de olhos arregalados de susto, falou: — O que é isto? Viram alguma alma do outro mundo?

A mulher envergonhada respondeu: Não, não é isso, mas aqui no quarto anda coisa.

Pedro gritou, porque ouviu duas vezes um barulhinho lá em cima; eu ralhei com elle, mas dahi a pouco tambem ouvi perfeitamente: — Téc-téc-téc.

O homem disse: — Vocês perderam o juizo, estão mas é com agua pingando no miolo.

No mesmo instante recommçou o ruido. O seu João olhou para o tecto, escutou um pouco e coçou a barba. Depois de alguns segundos falou:—Mulher, traga-me a mesinha dahi do canto e uma cadeira.

D. Iria, auxiliada pelo filho, trouxe para ali o que o seu marido lhe pedira.

Seu João collocou a cadeira por cima da mesa e depois trepou sobre ella. Ficou a examinar cui-

dadosamente a parede. Estava a olhar, quando principiou de novo — “Téc-téc-téc...”

Então poudes vêr perfeitamente a pedrinha. Alguem ao lado de fóra, com certeza, puxava o fio e ella batia de encontro á parede, fazendo aquelle ruido.

Os pedacinhos de taquara em fórmula de cruz, encalhando entre as taboas da parede e o tecto evitavam que a pedra corresse para o outro lado.

Seu João olhou, olhou, depois desceu da cadeira e pulou ao chão, e com um ar muito grave disse: — Já descobri o que é isso, é brincadeira de alguns marotos, que estão com vontade de se divertirem á nossa custa. Mas, nós é que vamos nos divertir á custa delles, esperem um pouco!

Darei uma boa lição áquelles malandros, para que nunca mais procurem perturbar o socego de gente pacifica e honesta.

Lá em cima está uma pedrinha, amarrada a um fio de barbante. Elles de fóra puxam a fieira e a pedrinha balança e bate na parede. Os damnados devem estar aqui pertinho do lado escuro da casa. Ai! Pobrezinhos delles!

Dizendo isso, o homem muniu-se de um chicote de cavallo que estava dependurado na parede e foi andando na direcção da porta.

Pedrinho e sua mãe seguiram-no a ver o que aconteceria.

Seu João, apesar de estar calçado com chinellos de lona, pisava com muito cuidado para fazer o menor ruido possivel. A mulher e o menino estavam descalços.

Chegando lá fóra, seu João começou a examinar o sitio; quando viu a escada ali encostada, disse baixinho: — Olha, eu não falei? Vamos ver si achamos o fio. Em seguida trepou na escada e dahi a pouco disse: — Olha, está aqui mesmo e corre para aquella direcção. Os engraçadinhos devem estar lá ainda.

Seu João desceu da escada e encaminhou-se para o mattinho, onde elle julgava encontrar os pandegos.

Sua esposa e filho iam a pequena distancia.

Dahi a pouco divisaram uns vultos que pareciam rapazes sentados no chão. Eram elles mesmos. Podia-se ouvir o que diziam: — “Coitado do Pedrinho, como ha de estar tremendo de medo!

Foi uma grande sorte sahir tudo direitinho. Imaginem, quando elle ouvir o barulho da pedra no telhado! Puxa o barbante, José, vá! Que pandega: Ah! Ah! Ah! E ficaram a rir gostosamente.

Seu João, que ficará escondido por traz de um arbusto a ouvir a conversa, disse comsigo:—Que pandega mesmo, vocês vão vêr como é engraçado!

Em dois ou tres pulos, estava no meio dos rapazes a dar chicotadas para cá, chicotadas para lá, sem poupar força nem actividade.

Os meninos, pilhados assim de surpresa, levaram um susto tão grande, como levou Pedrinho, ao ouvir o barulhinho da pedra no quarto.

Viraram-se repentinamente e sem nem olhar para ver quem seria o seu furioso algoz, foram engatinhando numa disparada e quando se viram

mais longe, puzeram-se de pé e foram correndo como loucos sem olhar para traz.

Emquanto isso, Pedro e sua mãe rebentavam quasi de tanto rir e diziam: — Bem feito, seus malvados, bem feito!

Depois seu João, sua esposa e Pedrinho, voltaram para casa.

O homem ia dizendo pelo caminho:—Agora, vejam si vocês criam vergonha. Por qualquer coisa ficam a morrer de medo. Sacy, vocês estão vendo o que é.

Pedrinho ficou quieto, mas sua mãe falou: — Ora tambem, qualquer um levaria susto si ouvisse um barulhinho daquelles no quarto de noite. Quem havia de adivinhar que era brincadeira?

Seu João trepou na escada, retirou lá de cima a pedra e atirou-a ao chão, dizendo á sua companheira que guardasse o barbante.

Pedrinho foi deitar-se mais socegado, mas não completamente convencido das palavras de seu pae. Dizia comsigo: — Isto não foi sacy, mas bem que ha sacy de verdade; papae não acredita em nada!

OS PRINCIPES ANÕEZINHOS

Ha annos passados, existia uma cidade muito interessante que ficava no alto de uma montanha e cujos habitantes eram todos anõezinhos.

Essa gente engraçada tinha um chefe, um rei, que era bastante respeitado por todos os outros.

O rei tinha dois filhos. Um dos filhos era quieto e tristonho, mas era muito bom; o outro era desembaraçado e vivo; sabia agradar, porém não tinha tão bons sentimentos como o primeiro.

O rei tinha predilecção pelo seu filho mais novo e não podia recusar-lhe coisa alguma por causa de seu genio vivaz e demonstrativo.

O tempo foi-se passando e o soberano cada vez deixava-se influenciar mais pelo seu predilecto, o qual foi se tornando despotico e mau; e sempre que podia abusava de seu irmão de genio mais docil e conformado.

O rei chamava-se Corulim de Corulau; o principe manso chamava-se Glen e o outro chamava-se Glau.

Os annos se passaram. O principe violento e egoista exercia tanta influencia no espirito de seu pae, que elle ás vezes commettia involuntariamente injustiças a seu filho Glen. Este ás vezes sentia-se desgostoso de imaginar que o pae ouvia mais

a seu irmão do que a elle, mas tinha bom coração e não deixava de ser um filho e um irmão dedicadissimo.

Os principes ficaram moços. O mau tornou-se mais egoista e despotico do que nunca.

O rei desgostava-se muito de perceber que não tinha força bastante para castigal-o como devia. Tinha consciencia de que não tratava o seu filho mais velho com inteira justiça.

Numa certa occasião os dois principes sahiram para dar um passeio, pelos bairros afastados da cidade; montavam uns burricos anõezinhos tambem e estavam vestidos á paisana, para que ninguem os conhecesse. Passaram por uma chacara, onde havia uma grande plantação de laranjas.

Um portãozinho de ferro separava a entrada da chacara do caminho publico.

Glau falou a seu irmão: — Vou entrar ali e tirar umas laranjas, Glen disse:—Toma cuidado, estás vestido á paisana e tomar-te-ão por um aventureiro qualquer.

Glau respondeu:—Irei, não importa, tirarei quantas fructas quizer.

O irmão tornou: — Seria bonito si descobrissem o filho do rei a pular os muros dos quintaes e a roubar fructas!

O principe mau respondeu: — E' inutil continuares a falar, quero ir e não me importa o que poderá acontecer. Dizendo isso, Glau desceu do burrico e encaminhou-se ao portão. Pulando-o, chegou ao outro lado da cerca; cachorrinhos vie-

ram correndo e começaram a latir furiosamente.

Glau foi andando sem se importar com os animaes, e quando chegou debaixo do primeiro pé de fructas, chegaram tambem diversos guardas anões, armados de bengalas grossas, e perguntaram ao intruso o que desejava.

Elle respondeu: — Eu vim colher laranjas para chupar.

Os guardas disseram: — Pois fica sabendo que daqui não has de tirar nem uma fructinha sequer.

O principe, furioso, disse: — Eu vos digo que vim colher laranjas e não sahirei daqui sem levar uma porção dellas.

Os anõezinhos disseram: — E nós te dizemos que si não escapares já daqui, levarás uma tremenda sova.

Os cachorros faziam ainda uma grande barulhada ao redor delles e o principe falou: — Dáe-me então a sova, e principiou a chicotear os guardas a torto e a direito.

Os anões ficaram meio tontos, mas ainda assim procuraram attingir com as bengalas o impertinente.

Glen ficára a olhar a scena e tornou-se apprehensivo pela sorte de seu irmão, sózinho a lutar contra tantos. Desceu do burrico e num segundo, tinha pulado as grades do portão e se achava ao pé de Glau. Começou tambem a chicotear energicamente os guardas para defender o imprudente.

A lucta era desigual e o principe mau vendo

que não podia vencer por meio do chicote, agarrou uma grande pedra que estava ali no chão e atirou-a ao meio dos guardas, um dos quaes cahiu logo gravemente ferido.

Nisso, a vizinhança attrahida pela gritaria, começou a se juntar ao redor para ver de que se tratava e sabendo que um homem estava ferido, chamou os policiaes da cidade dos anões.

Estes vieram e descobrindo que se tratava de crime de roubo e ameaça de morte, deram voz de prisão aos dois rapazes.

Quando Glau viu o homem cahido por terra feito morto, com sangue a escorrer-lhe da cabeça, começou a reflectir no horror de sua posição. Elle o filho do rei, preso como um criminoso qualquer!

O pobre Glen olhava para o seu irmão com ar consternado, sem saber o que fazer. O outro teve impetos de dizer quem elles eram mas teve vergonha e calou-se.

Foram conduzidos afinal, á presença do chefe de policia. Este, ao vel-os, levantou-se de sua cadeira e exclamou, cheio de espanto: — Os filhos do rei, os filhos do rei! Estes rapazes não podem ser os criminosos!

Os soldados disseram: — Elles estavam ainda a lutar, quando chegamos ao logar para dar-lhes voz de prisão.

O chefe de policia ficou muito pensativo, a coçar o queixo; depois perguntou aos rapazes:— E' verdade o que diz este guarda?

Os principes abaixaram a cabeça cheios de vergonha e fizeram signal affirmativo.

O chefe de policia ficou consternado por causa de ser obrigado a prendel-os. Não havia outro remedio, porque na cidade dos anõezinhos a justiça era igual para todos e elles não toleravam que uma pessoa de alta posição e fortuna, escapasse aos castigos que os pobres tinham quando attentavam contra a ordem e a justiça.

O rei ao saber da triste nova, transportou-se immediatamente ao edificio da policia para ver de que se tratava.

Interrogou os dois moços. Glau tinha vergonha de dizer a seu pae que tinha entrado na chacara para roubar e Glen não quiz dizer coisa alguma para não comprometter o seu irmão.

O rei ficou então sem saber qual era o verdadeiro culpado, embora desconfiasse que o seu filho Glau, o fosse mais do que o outro.

Depois de dirigir algumas palavras severas a seus filhos, por causa de envergonharem assim ao seu pae e á casa real, retirou-se, cheio de tristeza, sem procurar abrir-lhes as portas da prisão, porque isto seria motivo para sérias desavenças na cidade.

Quanto mais pensava no caso, mais remorsos sentia por não ter procurado deslindar perfeitamente tudo.

Tinha quasi certeza que o seu filho Glen era innocente, mas na sua fraqueza de espirito, não tinha coragem de procurar tiral-o da cadeia, receioso de causar desgosto ao seu favorito.

O anão que tinha sido ferido estava muito

mal e si por acaso elle viesse a morrer, o culpado seria condemnado á morte, como si fosse um outro cidadão qualquer.

Ninguem tinha certeza acerca de quem foi que arremessou a pedra, porque o principe Glen não deixava recahir sobre o irmão a culpa toda.

Glau soffria atrozmente. Não tivera a intenção de matar o anãozinho e dirigia a Deus preces fervorosas, nas quaes pedia a salvação do ferido. Fazia intenção de tornar-se melhor do que tinha sido até ali, si o homem escapasse á morte.

O rei deitou-se naquella noite, tendo o coração amargurado até mais não poder. Tinha certeza de que o principe Glen era innocente e procurava encobrir as faltas de seu irmão.

Cheio de remorsos por tel-o deixado na cadeia, adormeceu. Depois de algum tempo começou a sonhar.

Sonhou que uma fadazinha que era a protectora da cidade dos anões, debruçava-se sobre elle e dizia baixinho a seus ouvidos:

Corulim de Corulau

Solta o bom e prende o máu,

Corulim de Corulau

Solta o Glen e prende o Glau.

Nisso acordou muito assustado e começou a pensar de novo nas suas tristezas. Achou que a fadazinha tinha vindo dizer aquillo, para que elle tivesse a certeza da innocencia de Glen.

Pensou tanto que afinal adormeceu de novo e tornou a conhar. A fadazinha voltou e disse-lhe outra vez ao seu ouvido:

Corulim de Corulau
Solta o bom e prende o máu,
Corulim de Corulau
Solta o Glen e prende o Glau.

Nisso a fada sumiu e o rei acordou muito impressionado.

Já era de madrugada; não podendo mais dormir, resolveu levantar-se e dirigir-se imediatamente á policia.

Chegando ali, pediu para falar aos principes.

Glau tinha passado a noite em claro estendido sobre a cama, ralado de apprehensão e remorsos. O seu bom irmão tambem não tinha dormido; passara a noite sentado ao pé do leito do outro.

O rei entrou e ficou penalizado ao ver o desespero de seu filho impulsivo e imprudente, mas estava resolvido a não deixar soffrer o outro por sua causa.

Glen assim que viu entrar o pae levantou-se e cumprimentou-o com respeito.

O rei fitou-o demoradamente e disse-lhe:— Meu filho, tu não és culpado, não desejo que continues preso para encobrir as faltas do teu irmão.

Glen fitou o outro, abatido e cheio de magua e respondeu: — Estavamos juntos, meu pae, a culpa não foi só d'elle.

O rei, pela primeira vez na sua vida, comprehendeu toda a nobreza do character do seu filho

Glen. Abaixou a cabeça ao lembrar-se de que nunca o tinha tratado com inteira justiça.

Glau tambem ouvira a resposta que o seu irmão déra a seu pae e seus olhos encheram-se de lagrimas. De repente pulou do leito e pegando nas mãos do rei, cheio de emoção, falou:—Perdão, meu pae, pelo desgosto que te causei. Eu sou o culpado. Fui imprudente. Fui o causador de uma grande desordem e arremessei a pedra na cabeça daquelle homem. Glen procurou apenas defender-me quando me viu em perigo. Peço-te, meu pae, que procures libertar immediatamente ao meu irmão e quanto a mim, prometto mudar inteiramente de vida si Deus permittir que o ferido escape á morte.

O rei abraçou o filho mais novo e disse:— Deus ouça as tuas preces e te faça viver depois disso, uma vida mais util e regular, do que tens levado até aqui.

Depois o soberano abraçou ao seu filho Glen e disse:—Deus te abençoe e te recompense pelo teu dedicado affecto.

Farei o possivel de retirar-te da prisão hoje mesmo.

O rei dos anões foi ter com o chefe de policia e quando este ficou sabendo quem era o verdadeiro culpado, deu ordem de soltura ao principe Glen.

Este, porém, recusou-se a abandonar o irmão. Disse que preferia fazer-lhe companhia.

Depois de alguns dias de grande anciedade os principes tiveram a grata noticia de que o anãozinho ferido estava fóra de perigo.

A' vista disso, tornou-se facil, ao rei, obter a liberdade de Glau, o qual já tinha sido bastante castigado pela vergonha e pelo remorso.

O principe cumpriu o seu voto. Tornou-se ajuizado e estudioso e mais dedicado a seu pae e seu irmão do que tinha sido no passado.

A LAMPADA AZUL

Vivia ha annos passados, num paiz muito pobre, um rapaz chamado Jacques. Era orphão de pae e de mãe e luctava com serias difficuldades. Trabalhava desde a manhã até a noite e mal ganhava o sufficiente para não morrer de fome.

Como si não bastasse a miseria que assolava o seu torrão natal, veio a guerra.

Todos os homens validos foram chamados a defender a patria ameaçada.

Jacques disse adeus ao seu quartinho miseravel e foi juntar-se aos jovens que partiam, levando a esperança no coração.

Jacques sentiu-se triste quando viu as scenas de despedidas na estação. Aqui era a mãe dolorosa que abraçava a soluçar o filho que ella entregava á patria amada, mais além uma noiva chorava a despedir-se do seu futuro esposo; paes, tias e outras pessoas, agrupavam-se ao redor dos bravos rapazes, alguns dos quaes, talvez, nunca mais voltariam.

Elle não tinha ninguem. Sentia uma grande tristeza e lembrava-se de seu pae e de sua mãe.

Ao mesmo tempo consolava-se ao pensar que ao menos si elle morresse ninguem ficaria neste mundo chorando a sua falta.

Jacques foi sempre um bravo soldado. Tomou parte em diversas batalhas e teve sor-

te, porque recebeu por duas ou tres vezes ferimentos, mas não graves.

Afinal um dia, depois de muitas luctas e privações, os pobres soldados receberam a grata noticia da declaração do armisticio.

Jacques tomou o seu logar no comboio de volta e ao termo da viagem, viu-se tão sozinho como estivera ao embarcar.

Tinha feito camaradagem com diversos rapazes; mas, alguns tinham morrido, outros achavam-se ainda nos hospitaes de sangue e os que tinham voltado, na alegria de abraçar os entes queridos, esqueciam-se de tudo o mais.

Por sorte, achou o seu quartinho antigo desoccupado e nelle installou-se de novo.

Si a vida estava difficil antes da guerra, muito peor tornou-se depois.

A maior parte dos moços começaram a emigrar para outros paizes, onde poderiam, talvez, achar o trabalho e o conforto que na sua terra não podiam encontrar.

Jaques logo viu que para elle tambem não havia outra cousa a fazer. Deveria ir procurar serviço noutra parte si não quizesse morrer á mingua de recursos.

Resolveu partir e fixar residencia, num dos estados limitrophes.

Naquelle tempo, os pobres estavam habitua-dos a fazer caminhadas muito longas e como Jacques não tinha dinheiro, não teve a menor duvida em fazer a jornada a pé.

Arrumou numa trouxinha o que lhe era mais

necessario e partiu, triste por deixar a terra de sua infancia.

Andou por longo tempo e achou-se finalmente, numa das grandes estradas, que conduzia os viajantes para fóra das cidades.

Não perdeu tempo e continuou a andar. Era novo e cheio de vida e ao fim do dia já tinha percorrido grande parte de seu caminho.

Pareceu-lhe ver brilhar muito ao longe, na escuridão, uma luzinha. Tinha fome e sede. Resolveu não parar, até que chegasse lá.

Talvez fosse a luz de alguma estalagem.

Depois de algum tempo chegou mais perto e viu que a luz vinha de uma casa velha que tinha á frente da porta, uma grande taboleta, mas não pôde ler o que nella estava escripto.

Além desse casarão o moço viu diversas outras casas mais além, mas estavam cerradas e ás escuras.

Jacques percebeu que tinha chegado a uma villa atrazada.

Deu graças a Deus, porque necessitava de alimento e repouso, antes de continuar a jornada.

Chegou-se á porta e bateu timidamente. De dentro da casa ouviam-se vozes de homens a conversar.

Dahi a pouco a porta abriu-se e appareceu á frente de Jacques uma senhora gorda e rosada que lhe perguntou:—Que deseja o senhor? O moço descobriu-se respeitosamente e respondeu-lhe: — Desejo um pedaço de pão e um banco onde possa descansar um pouco.

A mulher então disse: — Póde entrar. Ali na mesa ao canto talvez haja um logarzinho para sentar.

Jacques dirigiu-se ao logar indicado, depôz ao chão o chapéo e a trouxinha de roupa e sentou-se á mesa onde estavam outros homens a comer e a beber. E esses homens eram tambem viajantes e quasi todos tinham lá fóra, animaes a descansar.

A mulher gorda tratava dos freguezes enquanto seu marido ao balcão servia as bebidas e tomava conta do dinheiro.

Jacques não podia gastar muito e pediu só um pedaço de pão com queijo e um copo de agua.

Os senhores que estavam á mesa pareciam bem humorados.

Um delles perguntou-lhe: — Estás a viajar? O moço respondeu-lhe: — Sim; e estou bastante fatigado.

Sahi de minha terra e tenciono atravessar as fronteiras a pé.

Conversa puxa conversa e os viajantes chegaram a saber que Jacques tinha sido um bravo soldado que se retirara de sua terra, á procura de melhor fortuna.

O homem que falara primeiro ao moço, disse: — Toma um gole de vinho comnosco. Jacques disse: — Obrigado, não estou habituado a tomar alcool e de mais a mais não gosto de beber com os outros quando não tenho dinheiro para ajudar a pagar.

Os homens não insistiram.

O primeiro que se tinha dirigido a elle perguntou-lhe: — Então viajas sem dinheiro?

O moço tirou algumas moedas do bolso e espalhando-as sobre a mesa disse: — Eis a minha fortuna.

Não é muita cousa, mas espero que Deus me ajudará a achar serviço.

O seu companheiro disse: — Oh! Isso não dá nem para pagar uma refeição boa.

Depois voltando-se para os outros homens que estavam á mesa, falou em voz alta: — Olá, rapazes, quem quererá dar um pouquinho de dinheiro para ajudar o nosso companheiro Jacques?

Cada homem, por sua vez, depôz sobre a madeira tosca da mesa, uma, duas, tres moedinhas.

O senhor que tinha sido tão amigoso, ajuntou as moedas e entregando-as ao moço disse: — Toma lá, camarada, uma lembrança dos teus novos amigos.

Jacques ficou a olhar o dinheiro sem saber o que dizer. Não estava acostumado a receber esmolas.

Mas, commovido pela amabilidade daquellas pessoas, que mal o conheciam, retrucou com os olhos razos de lagrimas:—Acceito o dinheiro, meus amigos. O tempo talvez dar-me-á occasião de mostrar-vos a minha gratidão.

O joven ficou ainda algum tempo a descansar.

Mais tarde, despediu-se dos outros e disse:— Companheiros, tenho necessidade de continuar a minha viagem. Despeço-me, grato pelo modo por

que me tratastes. Queira Deus que algum dia nos encontremos de novo.

Jacques sahio da hospedaria e viu-se como antes, sozinho a caminhar.

Foi passando pelas ruas desertas.

De vez em quando a escuridão era atenuada pela debil claridade de uma lampada a kerozene, installada na parede de alguma casa de esquina.

Jacques tinha atravessado a villa quasi toda. As casas iam-se tornando mais espaçadas.

De repente, a luz fraca de um daquelles lampeões rusticos, pareceu-lhe ver alguma cousa no chão, mais além.

Olhou, olhou, o que seria?

Chegou-se perto; era mesmo alguma novidade, um embrulho de roupas talvez; quem o deixaria ali?

Subito, empallideceu. Um chorinho abafado e triste, quebrou o silencio da noite avançada.

Depois de alguns segundos de cruel indecisão Jacques resolveu desvendar o mysterio. O choro sentido ecoou de novo, desta vez mais forte.

O moco abaixou-se e com mãos tremulas, remexeu o embrulho de cobertores e farrapos.

Os seus olhos abysmados viram então o seu conteúdo. Nada mais, nada menos que uma linda creancinha. Era certo de que tinha sido abandonada ali.

A julgar pelo seu tamanho poderia ter apenas mezes de idade.

Que fazer? Deixál-a ali para morrer talvez de fome e de frio, ou leval-a comsigo? Mas, para

onde? Elle mesmo não sabia para onde ia. Como poderia tambem, sem dinheiro e sem emprego, levar comsigo uma creancinha daquella idade? O melhor seria voltar para traz e entregal-a ás autoridades do logar.

Tomou-a cuidadosamente nos braços. A pequenita viu-o e sorriu-se para elle. Ao mesmo tempo levantou as mãozinhas alegremente e Jacques sentiu o contacto da pellezinha macia no seu rosto grosseiro e mal barbeado.

O seu coração, foi-se enchendo de ternura pela creancinha rejeitada. Elle tambem era tão sozinho no mundo!

Pençou, pensou e depois disse comsigo: — Deus m'a deu. Deus ha de ajudar-me a tomar conta della.

Depois de agazalhal-a bem, segurou-a de encontro ao peito e foi andando, distrahido, a reflectir sobre aquella extranha aventura.

A creancinha, ao contacto do calor, socegou e adormeceu.

Jacques sentia já nascer no peito uma grande affeição pela creaturinha que o destino lhe tinha posto no caminho. Sentia tambem sobre os hombros, o peso de uma nova responsabilidade.

Estava muito longe da cidade quando a pequena despertou e começou a choramingar... O moço pensou comsigo: — Terá fome a pobrezinha e foi caminhando ligeiro a ver si chegaria logo perto de algum logar onde pudesse pedir auxilio.

A creança chorava cada vez mais alto e por fim começou a berrar desesperadamente.

O pobre Jacques ficou todo desnortado. Parou e ficou a olhar para a criança. Depois lembrou-se de que tinha no bolso umas casquinhas de pão. Deu uma á creancinha que então ficou mais socegada; mas logo ficou de novo impaciente; achava falta do seio materno.

Felizmente o moço tinha chegado a um logar na estrada onde moravam alguns camponeses.

A' luz do luar viu uma casa pequena.

As portas e janellas davam para a rua e de um lado podia-se ver um cercado que rodeava a chacarazinha.

Era tarde da noite, quasi de madrugada. Os moradores da casa estavam todos a dormir. Mas que fazer? A creancinha estava morta de fome e quem sabe si naquella casa, haveria uma alma caridosa que se apiedasse della?

Resolveu arriscar e bater.

Ninguem respondeu. Bateu uma, duas, tres vezes. Finalmente ouviu lá dentro um ruido e mais logo ouviu-se uma voz grossa e impaciente a perguntar por de traz da porta: — Quem está ahi?

Jacques todo esperançoso respondeu: — E' um viajante acompanhado de uma creancinha que tem fome. Pelo amor de Deus abra a porta e dê-nos agazalho. Ao mesmo tempo a creancinha começou a gritar, como si quizesse confirmar o que o moço tinha dito.

Ouviu-se um ruido de barras de ferro que se desprendiam da porta e esta abrindo-se deixou ver

á luz de uma vela, um homem de apparencia forte, agasalhado num sobretudo velho.

Esse homem fitou por alguns instantes em silencio, a pessoa que lhe vinha perturbar o socego, áquellas horas da noite.

Jacques apressou-se a dizer: — Peço mil desculpas, pelo incommodo que lhe dou. Mas não é por mim que o faço, é por amor de uma pobre innocentinha que não tem o conforto do leite materno.

O homem viu a creancinha e julgou que sua mãe tivesse morrido. Era um homem bom e tinha muitos filhos. Teve pena de Jacques e falou: — Póde entrar.

Senta-te um pouco ahi, enquanto vou chamar a velha que entende mais de creanças do que eu.

O camponez retirou-se e dahi a pouco voltou acompanhado da pessoa a quem chamava de velha e que era a sua esposa.

Ella vinha dizendo: — Onde está a creancinha? Valha-me Deus, pobrezinha!

Jacques levantou-se, cumprimentou a boa senhora falando: — Está aqui, dona. Fui obrigado a bater aqui a estas horas, porque ella chorava desesperadamente de fome. Soceguou um pouco desde que viu brilhar a luz da vela.

A mulher chegou-se perto de Jacques e tomou-lhe dos braços a pequena dizendo: — Coitadinha, vou leval-a ao quarto para compor-lhe as roupas, depois tratarei de arranjar-lhe o alimento de que precisa.

Jacques contou a sua historia ao hospedeiro.

Este achou que o moço tinha sido muito caridoso em socorrer a pequena e não se arrependeu de o ter recolhido em casa.

Dahi a pouco a dona da casa voltou trazendo a criança toda embrulhadinha num chale de lã.

Parecia mais confortavel, mas principiou a choramingar de novo.

Jacques tomou-a ao collo, enquanto a mulher preparava a garrafa de leite.

Dahi a pouco a criança o tomava e a sua ancia desesperada de procurar matar a fome, trazia lagrimas aos olhos daquelles que a observavam.

Finalmente socegou e adormeceu.

A mulher disse a Jacques: — Vou deital-a ao pé do meu filhinho. Jacques murmurou:—Muito obrigado, não é necessario; não desejo incommodal-os mais. Poderei continuar a viagem, levando nos braços a pequena adormecida.

A dona da casa respondeu: — Oh! de certo que não. Ella precisa agora dormir muito socegadinha.

O senhor necessita de repouso tambem. Poderemos arranjar-lhe um colchão ali ao canto da sala.

O camponez tambem disse: E' verdade. Precisas descansar, antes de continuar a viagem.

O homem sahiu do quarto e dahi a pouco voltou trazendo nas costas um colchão pequeno, que atirou ao chão.

Jacques ajudou-o a arrumar tudo e dahi a meia hora a casa estava, de novo, no silencio e na escuridão.

O joven muito feliz de poder repousar sobre um colchão, pelo resto da noite, adormeceu num instantinho. Começou a sonhar.

Viu chegar-se ao pé d'elle um vulto todo vestido de claro. Era uma fada lindissima que veio chegando cada vez mais perto; tocou-lhe nos hombros com uma varinha magica e falou:—Jacques, eu sou a fada amiga e protectora das creancinhas abandonadas. Tu, pobre e sem lar, procuraste auxiliar a uma infeliz innocentinha.

Quero ajudar-te a achar um meio de tornar mais facil o teu encargo.

Jacques, a sonhar, ouvia as palavras da fada bôa e fitava-a cheio de espanto.

Ella continuou: — Quando sahires daqui, deverás ir caminhando até que chegues a uma estrada muito longa que vae dar lá nos morros. Seguirás por esse caminho e depois de muito andar, chegarás a um logar montanhoso e cheio de bosques maravilhosos. Tomarás á tua direita. Andarás ao redor dos morros até que avistes de longe uma luz suave e mysteriosa.

Deverás caminhar naquella direcção até que chegues ao templo sagrado da lampada azul.

Entrarás no templo. De joelhos prestarás homenagem á sacerdotisa. Esta, depois de dar-te a sua bençã, far-te-á presente de uma lampada azul em miniatura. Essa lampada livrar-te-á de todos os perigos na vida e far-te-á conseguir tudo o que desejares.

A visão do sonho disse ainda: — Ouve-me

e segue os meus conselhos. Depois disso, foi sumindo, sumindo na escuridão do quarto.

Jacques despertou e abriu os olhos muito espantado. Olhou, olhou, mas não viu nada. Compreendeu que estivera a sonhar. Ficou impressionado a pensar, até que adormeceu de novo.

Levantou-se muito cedo e depois de agradecer aos bons camponeses, pediu licença para retirar-se. A boa mulher preparou duas garrafas de leite e mandou Jacques leval-as para dar á creancinha quando tivesse fome.

O moço continuou a sua jornada e lembrando-se do sonho que tivera achou que nada perderia, si tomasse o caminho indicado pela fada.

Depois de muita canseira, chegou aos morros e tomou á direita. Dahi a pouco tempo avistou uma luzinha azulada.

Quasi louco de alegria murmurou: — Oh! Será possível que o meu sonho se torne em realidade? E creando novas forças, foi andando, andando, na direcção do lume azul.

Passou-se tudo como lhe tinha predito a visão nocturna.

Chegou a um templo, á cuja porta via-se uma grande lampada azul e mysteriosa que nunca se apagava. Entrou. Viu a sacerdotisa, num throno maravilhoso disposto ao centro do altar. Chegou-se perto della, ajoelhou-se e pediu-lhe a bençam. A creatura disse algumas palavras magicas e tocou nos hombros de Jacques, com um bastãozinho de prata.

Dahi a pouco, veio descendo do alto uma cor-

rente tendo na extremidade uma lampada azul igual á da porta do templo; mas em ponto pequeno. A sacerdotisa desprende-a da corrente e offereceu-a a Jacques.

O moço retirou-se do recinto sagrado, ebrio de felicidade.

Depois de mais alguns dias de caminhada, Jacques afinal chegou á cidade onde tencionava fixar residencia.

Devido ás virtudes magicas da lampada maravilhosa, poude installar-se confortavelmente no melhor hotel do logar. Tratou logo de arranjar uma pessoa competente para tratar de sua filha adoptiva.

Quando precisava de dinheiro bastava dizer: — Oh! minha lampada azul, faça com que os meus bolsos se encham de moedas e notas grossas. No mesmo instante via satisfeito o seu pedido. Mas elle não gostava de estar a vadiar e foi logo tratando de arranjar occupação.

A creancinha tornou-se uma linda menina e fazia o encanto da vida solitaria de Jacques. O moço não se esqueceu dos bons camponezes que o tinham acolhido, naquella triste noite de fadiga e incertezas e ia, ás vezes, fazer-lhe uma visita em companhia de sua filha.

Jacques tinha comprado uma bella vivenda toda cercada de flores e arvores, onde passou muitos annos de conforto e tranquillidade.

A BICYCLETA DE MARIO

Mario era um rapaz que morava, juntamente com seus paes, num bairro da cidade de São Paulo.

Os seus progenitores estimavam-no bastante e procuravam dar-lhe os confortos de uma vida simples e natural. Mario frequentava as aulas de um bom collegio e estudava sempre as lições.

Mas, apesar disso tudo, o menino não podia chamar-se feliz. Tinha um grande defeito physico. Era immensamente gordo. Os seus collegas não gostavam de convidal-o a tomar parte nos jogos porque elle era muito pesado e não corria bem. Quando passava pela rua, gente ao vel-o ria e murmurava: — Puxa, que menino gordo!

Sua mãe tinha-o levado ao medico por diversas vezes e, a seu conselho, Mario fazia dieta na comida. Mas, nada o fazia emmagrecer.

Num certo dia, dois de seus collegas resolveram formar um jogo de barra.

Tiraram a sorte e o mais feliz escolheu para o seu lado os melhores corredores. Depois o outro escolheu tambem os seus companheiros.

O pobre Mario estava ali a olhar. Tinha vontade de jogar, mas ninguem o queria para o seu lado.

Cheio de tédio afastou-se e foi sentar-se num banco a ler o livro de leitura.

De vez em quando levantava a cabeça e olhava com um pouco de inveja para os seus collegas, que se divertiam, fazendo grande algazarra.

Nesse dia chegou em casa, muito aborrecido. Sua mãe reparou nisso e perguntou-lhe o que tinha.

O rapaz disse: — Não é nada, minha mãe, mas eu queria emmagrecer para poder brincar com os outros meninos.

A boa senhora comprehendeu e ficou ainda triste.

Quando chegou a noite, Mario foi deitar-se ainda muito triste.

Um abat-jour velava quasi que inteiramente a luz da lampada. O menino ficou muito distraído a pensar na sua vida.

Gostaria de ser magrinho como alguns de seus collegas. Tinha tanto desgosto de ser tão pesado e sem geito! E os companheiros não tinham muita paciencia. Só um delles, o Martinho, é que o tratava um pouco melhor.

Esse menino era muito bom para todos.

E ter que passar uma vida assim aborrecida até que se fizesse homem!

Mario cobriu o rosto com os braços e duas lagrimas rolaram sobre o travesseiro.

Subito pareceu-lhe sentir um rumor no quarto. Ia a olhar ao redor de si quando viu ali, junto a seu leito, um joven muito curioso. Vestia uma tunica alva e trazia a tiracollo, uma faixa larga prateada que continha diversos bolsinhos.

Tinha azas pequenas na cabeça, nos hombros e nos pés.

Mario estava a olhar para a extranha creatura, com olhos arregalados de espanto, quando percebeu que ella falava. Dizia assim: — Não te assustes, ó Mario! Eu sou o mensageiro do genio da velocidade. Tens tanto desgosto de não poderes tomar parte nos folguedos ligeiros, que o meu supremo chefe teve piedade de ti e mandou-me entregar-te isto.

O mensageiro então retirou de um dos bolsinhos da faixa de prata, um pequeno estojo e deu-o a Mario.

O rapaz tomou-o entre as mãos e fitou-o sem poder comprehender.

O recém-chegado falou: — Abre-o.

Mario obedeceu e viu dentro da caixinha um par de pince-nez, com aros de borracha.

Todo espantado, murmurou: — Um par de olhos? De que me servirá isso?

O mensageiro do genio da velocidade retorquiu: — Ora, de muito! Quando quizeres ir a qualquer logar, tira-o da caixa e dize: — Oh! minha bicycleta, prepara-te para levar-me a tal logar.

No mesmo instante, verás entre as mãos uma soberba machina, com selim e tudo mais em perfeito estado.

No guidão encontrarás quatro botões que servirão para regularisar a velocidade; quando não quizeres mais andar, dize: — Oh! minha bicycleta, some-te para dentro do estojo.

Mario poz-se a examinar o par de pince-nez,

sem poder dizer uma palavra. Aquillo tudo parecia-lhe um sonho.

De repente ouviu de novo um ruido e levantou os olhos. Não viu mais ali o mensageiro da velocidade. Olhou ao redor do quarto. Não estava ninguém.

Fitou de novo o estojo que tinha nas mãos. Esfregou os olhos para certificar-se de que estava acordado.

Lembrou-se das palavras que ouvira. Resolveu provar a sua veracidade. Pulou da cama e cheio de emoção, tirou da caixinha o pince-nez e disse:—Minha bicycleta, prepara-te para dar um passeio.

No mesmo instante, Mario amparava um lindissimo aparelho, todo perfeito e luminoso.

O rapaz, quasi louco de alegria, ajoelhou-se ao chão e pôz-se a examinal-o todo, murmurando: — Oh! que felicidade! Que lindos passeios poderei dar!

Quiz contar tudo á sua mãe, mas ainda incredulo, achou melhor deixar isso para o dia seguinte.

Resolveu guardar a machina e murmurou: — Minha bicycleta, some-te para dentro do estojo.

No mesmo instante ella estava dentro da caixinha.

Mario, contentissimo, depôz o encantado mimo sob o travesseiro e procurou adormecer.

Na manhã seguinte, logo ao despertar, lembrou-se do que se passara na vespera. Ergueu o

travesseiro e teve o prazer de ver a caixinha ainda ali.

Levantou-se depressa e fez a sua "toilette". Depois tirou o pince-nez do estojo e disse: — Minha bicycleta, prepara-te para levar-me ás aulas.

No mesmo instante, Mario segurava entre as mãos a linda machina.

Todo jubiloso dirigiu-se á sala de jantar.

Sua mãe viu-o entrar, empurrando a bicycleta e toda espantada indagou: — Meu filho, onde arranjaste isso?

Mario, com a felicidade a brilhar nos olhos, respondeu: — Oh! mamãe, que sorte a minha; tu não és capaz de adivinhar o que me aconteceu.

Sua progenitora ainda mais surpreendida, disse: — O que foi, o que foi?

O rapaz contou-lhe a historia toda. A principio ella não quiz acreditar naquillo, mas depois começou a pensar: — E' muito curioso; Mario não sahiu de casa, hontem á noite, nem hoje de manhã.

O menino, para convencil-a, fez a bicycleta voltar á caixinha. Então a boa senhora acreditou e sentiu-se muito feliz ao ver a alegria de seu filho.

Mario despediu-se da mãe e levando a bicycleta, regulou a marcha e partiu. Dahi a pouco augmentou a velocidade e num minuto estava no collegio.

Como era ainda cedo resolveu dar algumas voltas pelas avenidas e jardins publicos.

Pôz a velocidade maxima. Coisa estupenda! A machina não corria, voava! E mais curioso ainda: passava rentinho aos outros vehiculos sem nem de leve tocal-os. Dir-se-ia um rapido phantasma a deslizar pelas ruas.

Toda a gente parava para olhal-a de longe, cheia de espanto.

Mario, ebrio de felicidade, dirigiu-se de novo ao collegio.

Ao chegar a uma rua deserta que ficava ali perto, disse:—Minha bicycleta, some-te para dentro da caixinha.

Mario nesse dia não falou coisa alguma a seus collegas.

No dia seguinte, porém, alguns se gabavam de sua habilidade no correr e escarneciam delle, falando: — Qual o que! O Mario é que é o campeão de corridas.

O rapaz então disse:—Vocês contam muita prosa, por causa de correr a pé. Mas, eu gostaria de apostar com voces, uma corrida de bicycleta. Garanto que nem um será capaz de me bater.

Os meninos riram-se da presumpção de Mario. Um delles respondeu: — Nenhum será capaz de batel-o o que! Eu tenho uma bella machina, comprada na casa tal! Não ha melhor em São Paulo.

Outro falou: — E eu? A minha, papae m'a trouxe da Europa no anno passado e não vi ainda outra tão perfeita.

E assim cada menino assegurava a superioridade de sua machina.

Mario então disse: — Garanto que ninguem tem uma tão veloz quanto a minha. Si quizerem, faremos uma aposta.

Os collegas acharam muito boa a idéa.

Cada um tinha certeza de vencer. Ficou decidido que no dia seguinte, feriado, partiriam do largo que ficava em frente ao collegio e correriam pela estrada que ia terminar na villa de Santo Amaro.

Mario seria um dos concorrentes. Alguns rapazes ficariam em certos pontos da estrada a vigiar e outros ficariam á espera dos cyclistas no termo final.

Um dos meninos ficou incumbido de guardar o dinheiro das apostas para entregal-o depois aos vencedores.

Mario nesse dia chegou em casa satisfeitissimo. Até que afinal ia chegar a hora delle bater os outros todos.

Deitou-se bem cedo, ancioso de ver chegar o grande dia.

Na manhã seguinte levantou-se e disse á sua mãe, que ia dar um passeio na sua bicycleta.

A boa senhora falou-lhe: — Vae, meu filho, mas toma bem cuidado no atravessar as ruas.

Mario respondeu-lhe: — Não ha perigo, mãe: — Póde estar socegada. Até logo.

Os outros meninos chegaram quasi á mesma hora ao largo.

Cada um ia mais entusiasmado do que o outro, confiado na efficiencia de sua machina.

Alinharam-se todos. O juiz deu o signal de partida.

Oito ou dez bicycletas debandaram ao mesmo tempo e sumiram logo de vista.

Mario, que ia em marcha regular, deu velocidade maxima ao apparelho.

Os rapazes que vigiavam as estradas, viram passar um vulto; não tinham bem certeza si era uma bicycleta, ou outra coisa qualquer.

Dahi a uns segundos, os juizes do ponto final viam, incredulos, chegar o primeiro ciclysta, o Mario.

Mas, como elle veiu assim tão depressa, é que elles não podiam entender.

Quando os outros chegaram, o seu collega gorducho já havia tomado um refresco e comido uns sandwicks no pequeno armazem da esquina.

Ninguem podia acreditar naquillo. Era assombroso. Os meninos todos puzeram-se a examinar a machina. Indagaram de Mario onde a havia adquirido.

O menino disse: — Oh! Ella foi um presente que me fez um amigo que não se acha mais aqui.

Os rapazes, afinal, voltaram ao ponto de partida e Mario durante o trajecto deu aos seus collegas amostras do valor de sua bicycleta.

O menino gorducho tornou-se o heróe, dentre os seus companheiros.

Todos o rodeavam, felicitavam-no e pediam licença para andar um pouco na curiosa machina.

Mario, quando chegou em casa, contou tudo á sua mãe. Ella assustada falou: — Mas, meu filho, arriscas a tua vida, a'fazer apostas assim. Imagina si dèsses de encontro a algum outro vehiculo?

O rapaz explicou á sua mãe que isso não aconteceria; a bicycleta magica, nas ruas de mais trafico, corria á vontade, sem esbarrar em cousa alguma pelo caminho.

Depois, Mario disse: — Imagina mamãe como tudo muda. Antes os meus collegas não faziam conta de mim, até procuravam evitar-me, agora todos me adulam por causa da bicycleta.

A boa senhora respondeu: — O mundo está cheio disso; mas os amigos, que só nos agradam por causa dos bens que possuímos, não são bons amigos, são interesseiros.

Bons amigos são aquelles que nos procuram sem interesse algum.

O rapaz, quando sua mãe falou assim, lembrou-se de Martinho. Elle sempre o tratara bem.

Por isso tambem Mario, por diversas vezes, convidou-o á sua casa e deixou-o aproveitar de sua maravilhosa bicycleta.

A CIDADE BRANCA

Cesar era um menino que morava, numa cidade poetica e socegada.

Não longe de sua casa, passava um rio; nas suas margens, estendia-se uma avenida de arvores, cujas sombras se reflectiam de noite, nas aguas prateadas pela lua.

O sitio era bello, mas nunca se via pessoa alguma ali ao escurecer. Segundo uma lenda antiga, á meia noite em ponto, apparecia sobre as aguas, uma barquinha mysteriosa que vinha de mansinho e parava, mas, não se via dentro della ninguem. Diziam que o sitio era encantado.

Cesar ouvia falar nisso e tinha muita vontade de ficar uma noite á beira do rio, para ver o que acontecia.

Resolveu satisfazer a sua curiosidade.

Uma noite, esperou que todos se acomodassem, e quando percebeu que a casa estava em completo silencio, vestiu-se e abriu a janella do quarto.

Ouviu o relógio da cathedral dar onze e meia.

Passou para o lado de fóra da janella e agarrando-se a um cano de agua, foi escorregando abaixo como um gato.

Depois dirigiu-se á beira do rio. Lá chegando, ficou a rondar pela avenida silenciosa, a espera de que chegasse a hora.

Dahi a pouco ouviu bater meia noite.

Cesar conservou-se immovel, a espreitar a superficie prateada do rio.

De repente julgou ouvir um ruido, ao longe.

Dahi a pouco, viu que se approximava uma barquinha.

Veio vindo devagarinho e parou não longe do logar onde estava Cesar.

Era muito linda, toda cercada de cortinas alvas, como o berço de uma creancinha.

Ao redor tinha adornos de fitas e cordões de rosas.

Cesar sahiu de seu esconderijo e foi andando até chegar pertinho da barca.

Afastou as cortinas. O interior era muito confortavel, todo forrado de pelles e ricas almofadas.

Estava a olhar, quando ouviu uma vozinha muito doce a falar: — Entra; vem dar um passeio. Cesar ficou surprehendido, pois não via ali ninguém.

Afinal disse: — Quem está ahi?

A vozinha respondeu: — Sou eu, uma fadazinha da Cidade Branca. Venho todas as noites dar um passeio ao longo do rio.

Não posso tornar-me visivel aqui. Si quizeres conhecer-me, entra na barca e acompanha-me até lá.

O rapaz pensou um pouco, depois resolveu arriscar-se a dar o extranho passeio.

Entrou e tomou logar entre as fôfas almofadas.

A barquinha virou de mansinho e foi desli-

sando graciosamente, por sobre as aguas caladas.

O luar era maravilhoso e a noite serena. Cesar imaginava que estava a sonhar um lindo sonho.

Depois de algum tempo atravessaram um logar onde havia muita sombra, devido á altura das arvores proximas.

Chegaram de novo á claridade. Cesar tinha a cabeça por fóra da janellinha e julgou ver casas e monumentos que pareciam todos cobertos de neve.

Ouviu então a vozinha a falar: — O que vês além, é a Cidade Branca, onde moro.

Levar-te-ei a visital-a. Poderás tambem conhecer as minhas companheiras, fadas como eu.

A barca foi deslizando, até chégar ao termo da jornada, onde havia uma escada larga, que terminava dentro das aguas. A canôa parou e Cesar viu nos degráos daquella escada uma creaturinha esbelta e mimosa.

Trazia um vestido muito alvo e um cordão de rosas pequenas á volta da cintura e ao redor da cabeça.

Cesar fitou-a e achou que nunca tinha visto, menina tão bonita. Ella disse: — Vem commigo, visitar a cidade.

O rapaz segurou a mão que ella lhe estendia e seguiu-a em silencio.

Parecia-lhe estar ainda a sonhar.

Que extranho logar aquelle! As casas eram muito altas e acabavam em torres de pontas finas.

A fadazinha notou o espanto de Cesar e per-

guntou-lhe: — Não achas maravilhosa a cidade? Elle, voltando a si, disse:— Oh! Muito, muito!

Depois reparando, num palacio bem maior que os outros indagou: — Que edificio é aquelle? As suas torres parecem tocar o céu!

A outra respondeu: — E' o Templo da Pureza; levar-te-ei lá primeiro, si quizeres.

Cesar consentiu e dahi a pouco, andavam sobre as pedras lustrosas da entrada ao templo.

A porta estava aberta. Cesar olhou e quedou-se em silencio, commovido. Oh! A belleza do interior daquella casa de orações!

As paredes eram de marmore alvissimo, artisticamente trabalhado.

O altar era de uma riqueza indescriptivel, todo em marfim.

O tecto, os assentos, o pulpito eram tambem alvos como a neve.

Cesar ouviu os sons de uma suave melodia, musica serena como decerto havia de ser a musica no paraizo.

A fada pequenina percebeu a sua distracção e tocando-lhe o braço disse: — Vamos entrar, daqui a pouco o sacerdote iniciará o serviço religioso.

Entraram e tomaram logar num assento de marfim ao fundo do templo.

Cesar sentiu-se contaminado pela atmospherica mystica e salutar e achou que as fadas que frequentavam essa casa, deviam ser creaturas muito puras e ideaes.

Pouco a pouco as lindas habitantes da cidade, foram enchendo o recinto.

Dahi a pouco entrou o sacerdote. Parecia um santo. Seu rosto era pallido e longas barbas brancas cahiam-lhe sobre o peito.

Uma aureola de luz circumdava-lhe a fronte.

Depois que entrou, quedou-se a orar por alguns instantes.

Em seguida levantou-se e fez um signal aos fieis.

Soaram então pelo templo, os canticos religiosos.

Cesar, sentiu-se tão commovido, que seus olhos encheram-se de lagrimas.

A musica foi morrendo, morrendo, até finalizar-se de todo.

O sacerdote subiu ao pulpito. A sua voz tinha o effeito de um balsamo suave para a alma.

Entre muitas cousas mais, disse:—Oh! Filhas da Cidade Branca! Lembrae-vos de que a innocencia e a pureza, constituem o symbolo da nossa terra. No dia em que o vicio, a vergonha, a maldade se aninharem no seio de sua gente, as torres prateadas dos palacios cahirão despedaçados ao solo; o templo, abandonado e esquecido, será entregue á ruina dos tempos; as aguas do rio, revoltar-se-ão inundando a cidade e a escuridão do lodo, encherá para sempre de nodoas horriveis a brancura de suas habitações.

O sacerdote falou outras cousas mais.

Quando elle terminou, a musica soou de novo pelas abobodas do templo.

O sacerdote sumiu e as fadas foram-se retirando em silencio.

Cesar fitava-as cheio de admiração e nem se lembrava de que devia também retirar-se.

A fadazinha a seu lado, tocou-lhe de leve nos hombros e disse:—Vamo-nos? O serviço já terminou.

O rapaz cahindo em si murmurou: — Oh! Sim, estava tão distraído, que nem me lembrava de nada!

A fada perguntou-lhe: — Que tal achaste aquillo? Elle respondeu“ — Encantador!

Sahiram enfim; á sahida do templo, Cesar voltou-se mais uma vez para admirar a belleza do palacio de marmore e marfim.

A pequena falou: — Vamos agora aos jardins onde se costumam reunir as minhas companheiras.

Cesar acompanhou-a e ficou de novo maravilhado.

Arvores soberbas, á luz do luar, punham sombras rendadas, sobre os caminhos de areia branca.

As fadazinhas vieram ao encontro dos dois. —A da barca falou: — Este rapaz chamado Cesar, veio fazer uma visita á Cidade Branca. Quero que o tratem muito bem.

As outras disseram: — Cesar, vem conosco. Vamos dar um passeio sobre o lago.

Ao centro do parque, havia um lago immenso em cujas aguas deslisavam grandes cysnes, lindos como o rapaz nunca tinha visto antes.

As fadas foram até uma velha arvore e de um esconderijo retiraram fitas de seda.

Deram uma a Cesar dizendo: — Põe esta

redeazinha ao pescoço de um cysne e vem passear.

Os cysnes que pareciam ensinados, vinham-se chegando á beira da margem e as fadas tomaram assento entre as suas azas enormes e usavam as fitas como redeas.

Cesar fez o mesmo. As aves deslisavam mansamente na superficie das aguas, onde o luar punha reflexos de prata.

O nosso heróe nunca tinha visto uma scena tão linda.

Após algum tempo, os cysnes voltaram de novo á margem e as fadas desembarcaram. Cesar imitou-as.

Depois se reuniram todas e uma disse: — Vamos agora brincar de cabra-céga? As outras responderam: — Vamos, vamos!

Formaram uma roda e vedando os olhos de Cesar, fizeram-no ficar ao centro.

Começaram o jogo. As fadazinhas pulavam como loucas ao redor de seu hospede, que depois de muito esforço, conseguiu aprisionar uma dellas.

Desvendaram-lhe os olhos. A prisioneira deveria tomar o seu logar ao centro da roda. Ella era justamente a da barca.

Ficaram nesse jogo por mais algum tempo, depois ella disse: — Agora devemos nos retirar.

Não posso ficar visivel quando vier a claridade.

Vou, porém, levar-te a ver a cidade, antes de voltares á barquinha. Cesar despediu-se das outras fadas e acompanhou a sua amiguinha.

Ella dava-lhe informações sobre todos os predios mais lindos que via.

Chegaram a uma loja que tinha na sua janella de amostras, uma infinidade de cousas appetitosas: bolos cobertos de creme assucarado, balas envoltas em fino papel prateado, assucar candy, confeitos e muito coisa mais...

A fadazinha disse a Cesar: — Vem commigo; entremos na loja; quero que leves alguns doces como lembrança.

A fadazinha chegou-se á creaturinha que estava a servir e falou-lhe: — Amiguinha, este rapaz é nosso hospede e vae-se embora daqui a pouco.

Gostaria de dar-lhe de presente alguns doces.

A outra disse: — Oh! Terei muito prazer em servil-o!

Depois fez um embrulho grande de bombons e outras gulodices e entregou-o a Cesar.

Elle e sua companheira, dirigiram-se então á beira do rio e entraram na barquinha.

Cesar olhou ao redor de si e com espanto notou que não havia pessoa alguma ali — dentro. Mas, nesse momento ouviu a vozinha falar: — Estou aqui, Cesar, mas não posso mais tornar-me visivel.

O rapaz ficou triste de não poder mais ver a fada pequenina.

A barca foi deslizando pela superficie macia das aguas, até que chegou ao lugar de onde havia partido.

Ali, Cesar ouviu a vozinha falar: — Boa noite, Cesar; não te esqueças das fadazinhas da

Cidade Branca e quando quizeres visital-as de novo, encontrar-me-ás neste logar.

Cesar, muito triste, respondeu: — Boa noite. Agradeço-te e ás tuas companheiras, pelas horas felizes que passei na vossa companhia e prometto voltar.

Cesar desceu da barca e ficou a olhal-a, a sumir... a sumir...

Depois, foi andando muito ligeiro para casa. Chegou ao jardim e subiu outra vez pelo canto da parede. Pulou a janella que estava apenas cerrada. Entrou na cama e dormiu. Sonhou que estava ainda a passear no lago dos jardins da Cidade Branca.

De manhã, sua mãe extranhou a sua demora a levantar-se. Entrou no quarto; seu filho estava ainda a dormir.

Chegando-se ao pé do leito, sacudiu-o a dizer: — Cesar, Cesar, acorda; o que é isso, tanta somneira hoje?

O joven entreabriu os olhos e vendo sua mãe ali, disse meio confuso ainda: — O que foi, que horas são?

A boa senhora respondeu-lhe: — Já são dez horas e tu ainda na cama; não te sentes bem?

Cesar já bem acordado falou: — Estou muito bem; levantar-me-ei já.

Sua mãe ia retirar-se do quarto, mas vendo o embrulho por cima das cobertas, indagou: — Cesar, o que é isso? Elle sorriu e disse com ar alegre: — abre o pacote e vê o que contém.

Sua progenitora fez o que elle lhe disse e

vendo os doces arregalou muito os olhos e murmurou: — Meu filho, onde arranjaste isso?

O rapaz contou a historia de seu passeio, mas a mãe não quiz acreditar-a.

Tanto Cesar fez para convencel-a que afinal ella começou a reflectir: — Quem sabe si elle teve na verdade alguma aventura mysteriosa? E aquelles doces? Eram differentes de quantos ella tinha visto.

Cesar disse: — Minha mãe, prometti voltar á Cidade Branca e si quizeres poderás ir comigo. Assim te convencerás da verdade.

A boa senhora falou: — Olha, meu filho, estou quasi a ir ver a tal barquinha; a historia fez-me ficar muito curiosa.

O rapaz alegrou-se e combinou de levar sua progenitora á margem do rio na noite seguinte.

A mulher retirou-se do quarto a pensar nas coisas extraordinarias que tinha ouvido.

Os irmãozinhos de Cesar ficaram satisfeitos com os bolos e bombons.

Na noite seguinte o rapaz e sua mãe foram ao logar combinado. Quando morreram as ultimas badaladas da meia noite, viram chegar a barca enfeitada de flores e fitas.

A mãe de Cesar olhava attonita. A canoazinha veio chegando e parou no mesmo logar que da outra vez.

Cesar disse: — Vem minha mãe, e ouvirás a voz da fadazinha.

Aquella senhora acompanhou-o até á beira das aguas; ahi pararam e ficaram em silencio.

Dahi a pouco ouviu-se alguem dizer: — Boa noite, Cesar, queres dar um passeio?

O rapaz voltou-se para sua mãe e perguntou-lhe: — Ouviste, minha mãe? Queres entrar na barca?

Aquella senhora disse: — Eu desejo apenas ver si ha alguem ali dentro.

Cesar falou: — Então vem, e ajudou sua mãe a entrar. Ella olhou ao redor de si e viu que effectivamente não havia ninguem. Mas ainda um pouco desconfiada, perguntou em voz alta: — Quem falou agora ha pouco?

—“Eu”, a fadazinha da Cidade Branca, respondeu a mesma voz.

Então a progenitora de Cesar, commovida, pegou nas mãos de seu filho, dizendo: — Tenho agora a plena certeza de que tu me disseste a verdade. Vae passear, eu voltarei á casa.

O rapaz falou: — Não, minha mãe, voltarei contigo. Darei um passeio, noutra occasião.

Depois, em voz mais alta: — Boa noite, fadazinha. Agradeço o teu amavel convite, mas preciso acompanhar minha mãe.

Cesar muitas vezes mais foi visitar a cidade maravilhosa e cada vez que via a sua companheira, ficava mais encantado. Pensava comsigo: —Gostaria de casar-me com ella, quando crescer. Uma vez até, creando mais coragem, contou á mimosa creatura os seus dourados sonhos.

A pequena disse: — Oh! Cesar, eu tambem gosto muito de ti; mas não poderei dar-te esperanza, sem primeiro consultar o supremo sacer-

dote. Si quizeres, iremos agora mesmo procural-o.

Cesar achou muito boa a idéa e juntos encaminharam-se ao templo.

Acharam o propheta mergulhado em seus estudos, numa salinha contigua ao altar.

A pequena ajoelhou-se e falou: — Mestre, o nosso hospede deseja consultal-o.

O sacerdote disse: — Fala, meu filho.

O rapaz, muito embaraçado, contou ao velho que estimava a fadazinha e tencionava desposal-a quando tivesse idade.

O sacerdote ouviu e respondeu: — O affecto que nutres pela minha ovelhinha é muito natural, pois que ella é um anjo de bondade e pureza. Mas, uma filha da Cidade Branca só poderá casar-se com um moço de alma cultivada e bella como a della.

Volta para a tua casa e procura viver uma vida nobre e edificante. Cultiva em teu coração as florinhas do singelo affecto e foge da maldade e dos vicios.

Depois vem consultar-me de novo; veremos então si terás merecido a suprema honra de tornar-te o noivo de tua predilecta.

Cesar beijou as mãos do sacerdote e disse: — Seguirei os teus conselhos. Procurarei tornar-me digno do amor da fadazinha.

O joven par sahiu do templo. Cesar voltou para casa; sentia-se feliz e esperançoso. Procurou dahi por deante cumprir com a promessa que fizera ao velho.

Foi se fazendo moço e cada dia que se pas-

sava, era mais um dia de victoria alcançada em favor de seu ideal. Elle tinha sempre a guiar-lhe os passos, a imagem da fada querida.

A progenitora de Cesar via com muita alegria a transformação por que passara o seu filho.

Afinal chegou o dia de falar ao sacerdote. Cesar e sua amiguinha foram procural-o. O velho recebeu-os com demonstrações de paternal affecto.

O rapaz disse-lhe que tinha feito o possivel para merecer a felicidade almejada.

O sacerdote falou: — Tens razão, meu filho. O espirito protector das fadas, tem estado a vigiar-te. E vejo que os teus olhos são limpidos e tua fronte serena.

O sacerdote da Cidade Branca tem o maior prazer em declarar-vos noivos.

Dizendo isso, o sacerdote deu a mão a beijar e os jovens retiraram-se muito felizes.

Combinaram realizar o casamento dahi a uma semana.

Cesar foi para casa e contou tudo a sua mãe. Ella ficou tambem satisfeitissima ao saber da ventura de seu filho.

Quando chegou o dia marcado, Cesar foi á Cidade Branca; assim que a barquinha chegou, a fadazinha noiva tornou-se visivel; estava admiravelmente linda, toda envolta em tulle alvissimo. Sobre a fronte trazia uma grinalda de flores de laranjeira. Suas companheiras estavam á sua espera e cobriram-na de petalas de rosa.

Dirigiram-se todos ao templo e aos pés da-

quelle altar immaculado, Cesar e sua noiva juraram um amor eterno e perfeito.

Depois dirigiram-se aos grandes jardins, onde se realizava uma festa de despedida.

O lago estava todo illuminado. Aos nubentes estava reservada uma gondola toda enfeitada de rosas e puxada por dois enormes cysnes.

A noiva estava um pouco triste, porque essa era a sua ultima noite junto de suas amiguinhas.

Mais tarde os jovens esposos, acompanhados pelo velho propheta e pelas fadas, dirigiram-se á beira do rio.

Depois de fazerem as suas despedidas, entraram para a barca que foi sumindo, sumindo...

A mãe de Cesar e seus irmãozinhos aguardavam a chegada do venturoso par. Assim que os noivos chegaram á porta da casa, cobriram-nos de arroz, muito arroz, para que tivessem fartura sempre.

A esposa de Cesar era muito carinhosa para os irmãozinhos de seu marido os quaes aprenderam a estimar-a mais do que si fosse irmã de verdade.

De vez em quando o feliz casal ia dar um passeio á mystica e poetica cidade, onde a fadazinha tinha passado os dias felizes de sua infancia.

O PHANTASMA

Sr. Cardosinho e sua esposa, andavam á procura de uma casa para alugar. Não tinham filhos; não era necessario ser muito grande o predio, mas desejavam-na num bairro socegado e rodeado de jardim.

Dando voltas pelos arrabaldes da cidade, viram uma cerca e mais para dentro uma casita, meio escondida pelo arvoredado em redor.

Junto ao portão havia uma placa de madeira onde podia-se lêr: — Aluga-se; trata-se á rua tal, numero tanto; as chaves, no armazem da esquina.

D. Celeste, enthusiasmada, dirigindo-se ao esposo, falou — Oh! era mesmo uma casa assim que eu ambicionava.

Mas talvez seja muito alto o aluguel. O terreno é grande e bem tratado.

O sr. Cardosinho disse: E' mesmo bonitinha. Em todo o caso, vamos á procura da chave.

Dirigiram-se ao armazem.

Ficaram espantados de descobrir-lhe o aluguel. D. Carlota, sempre desconfiada, pareceu notar que o vendeiro as fitou com um arzinho curioso. Talvez a casa por dentro não prestasse.

Emfim o casal certificar-se-ia de tudo, como era e como não era.

Depois que examinaram bem o predio e suas

dependencias, o sr. Cardoso e sua esposa ficaram ainda mais satisfeitos. Realmente, o preço era moderado.

A casa era confortavel e limpa.

Entregaram as chaves no armazem e trataram de ir falar com o proprietario.

Assignaram o contracto e dahi a uns dias estavam de mudança.

D. Celeste, estava muito enthusiasmada. Corria para cá e para lá, pondo em ordem a louçaria que a sua empregada ia tirando dos caixões.

Nessa noite deitou-se muito fatigada e dormiu como uma pedra.

Logo no dia seguinte de manhã cedo, a creada, com olhos muito arregalados veio dizer-lhe: Patroa, vou-me embora; não fico mais aqui.

D. Celeste, surprehendida, perguntou: — Você vae-se embora, mas porque?

A pretinha respondeu: — Credo, Deus me livre de ficar nesta casa.

Não dormi a noite toda de medo! Cruz!

A patroa, ainda mais intrigada, perguntou-lhe: — Medo? De que?

A empregada falou:—Sim senhora. Acordei de noite ouvindo barulho. Fiquei escutando, escutando, gelada de terror, pensando que talvez seria algum ladrão, que tinha entrado. Mas, patroa! Quando foi mais logo, vi passar pela frente de minha porta, um vulto! Ih! Patroa, não gosto nem de me lembrar! Um vulto branco, uma alma do outro mundo!

Vi duas vezes aquillo. Ai, que medo! Não

sei como não morri. Dei graças a Deus quando vi chegar a claridade da manhã. Logo cedinho levantei-me e abri as janellas para esquecer um pouco o meu pavor.

Dahi a pouco chegou o padeiro que o dono da venda tinha mandado. Contei-lhe o caso e elle me disse: — Não sei como os teus patrões se atreveram a alugar esta casa.

Dizem que é assombrada. Todo o mundo por aqui sabe disso.

D. Celeste sentiu gelar-se-lhe o sangue nas veias, mas procurou animar a creada dizendo: — Ora Maria não sejas tola; isso com certeza foi tudo imaginação.

Fica mais uma noite e verás que tenho razão.

A negrinha levantou as mãos ao coração e disse com ar muito convencido: Eu? Deus me livre e guarde de pousar mais uma noite aqui. Sinto muito deixar a senhora sozinha, mas por dinheiro algum neste mundo, eu me arriscaria a ver outra vez aquillo. A rapariga estava mesmo decidida. A dona da casa deu-lhe o seu ordenado e mais que depressa ella sahiu daquella casa.

D. Celeste sentou-se numa cadeira, nervosa e desolada.

Que azar! Perder a creada, quando tinha ainda tanta arrumação a fazer na casa! E si fosse verdade o que ella disse?

Mesmo que não, só uma fama daquellas seria o sufficiente para evitar qualquer empregada, de entrar ao seu serviço.

Nesse instante uma porta lá de dentro bateu,

com a força do vento. A pobre senhora, completamente a sós na casa, levou um susto tão grande que quasi perdeu os sentidos.

Passados alguns segundos, acalmou-se um pouco e pensou consigo:—estou nervosa. Que tolice, assustar-me tanto só por causa de uma porta. Resolveu fechar a janella que dava para o jardim.

Mas não estava ainda bem calma. Olhava para todos os lados, como si esperasse ver surgir de repente alguma cousa imprevista.

Cerrou a janella e creando coragem, poz-se a trabalhar com energia, para esquecer as contrariedades e os temores.

Quando chegou seu marido, contou-lhe a historia toda e depois disse: — Sabes de uma cousa? Agora terei medo de dormir aqui! Tomara eu pudesse mudar-me para outra casa, já.

Seu esposo reprehendeu-a, dizendo: — Com effeito, Celeste:—Pareces uma creança!

Agora vaes tambem deixar-te influenciar pela fala e as intrigas dessa gentinha por ahi? Não sejas tola. Si a casa é mesmo assombrada, garanto que hei de pegar a tal alma do outro mundo e dar-lhe uma boa lição.

D. Celeste estremeceu de horror, mas nada mais disse. Talvez aquillo tudo fosse apenas falatorio de pessoas ignorantes e amigas de implantar o desassocego, entre as creadas da vizinhança.

Nessa noite d. Celeste estava nervosa e custou um pouco a dormir. Qualquer ruido, fazia-lhe

pular o coração de medo, mas não dizia nada a seu esposo, para não incommodal-o.

Fatigada adormeceu afinal, mas não por muito tempo.

Acordou de repente por um motivo que não seria capaz de explicar. Veio-lhe logo o medo. Desconfiada, poz-se a escutar, a escutar...

Subito, agarrou nos braços de seu marido e começou a chamal-o pelo nome.

O homem meio a dormir, resmungou: O que é?

A mulher aterrorizada agarrou-se com mais força a elle e disse: — Acorda, acorda, ouvi um barulho.

O marido virou-se na cama e murmurou: E' desconfiança, Celeste, não ha barulho algum.

No mesmo instante a pobre senhora murmurou: — Olha, olha, o reflexo de luz no espelho!

O marido olhou e desta vez acreditou. Certamente havia alguem na casa.

De um pulo estava fora da cama. Agarrou no revolver que estava por cima do creado-mudo. Descalço e no escuro sahiu do quarto e entrou na sala de jantar. Oh! Sua mulher tinha razão.

Bem ao fundo da sala distinguiu um vulto. Segurava na mão uma lanterna pequena de luz azulada.

O sr. Cardoso, furioso, pensou comsigo: — Eu te arranjarei, espirito endemoninhado: Em seguida deu um tiro na direcção do logar onde estava o phantasma. Immediatamente elle desapareceu.

Havia um biombo ali perto. Certamente elle se refugiara por detraz delle.

D. Celeste ao ouvir o tiro deu um grito de terror.

Quem poderia dizer que o ferido não era o seu esposo?

Apertou o botão da luz electrica e pulou da cama.

Nesse instante o sr. Cardozinho acabava de accender tambem a luz da sala de jantar.

D. Celeste veio vindo, muito assustada, para ver o que tinha acontecido.

Seu marido disse-lhe baixinho. Não tenhas receio, já peguei o ladrão.

Dizendo isso, foi andando para o lado, onde estava o biombo. Sua mulher olhava espantada, sem comprehender bem ainda. Quando o sr. Cardosinho afastou o biombo e ella viu o que estava por detraz delle, poz a mão sobre o coração e quasi a desfallecer murmurou: Ai! O phantasma!

O dono da casa, de revolver em punho, chegou-se perto do falso espirito e gritou furioso:— Despe esses trapos, já neste instante, sinão atiro.

Com enorme surpresa de d. Celeste, o phantasma, deixou cahir as claras vestes, transformou-se num homem como qualquer outro.

Um pau de vassoura que elle segurava, sob os lençoes dava-lhe aquella altura exaggerada.

D. Celeste viu que era um homem e gritou assustada: Oh! E' um gatuno, um ladrão; e correndo á janella, gritou com toda a força de seus pulmões: — Soccorro! Soccorro! Ladrões!

O sr. Cardoso fez o malandro marchar dahi para fóra, sob ameaça de atirar sobre elle.

Guardas nocturnos e gente da vizinhança, ouviram os gritos e vieram indagar de que se tratava. D. Celeste vestiu um paletot e foi depressa abrir o portão.

Os guardas prenderam o vil perturbador do socego alheio e os outros, satisfeita a sua curiosidade, retiraram-se dali, a fazer commentarios sobre o caso.

Quando na policia, o delegado interrogou o preso, elle disse que fazia aquillo para desvalorisar a casa. Tinha sido seu proprietario e a perdera por causa de dividas. Não podia conformar-se; então resolveu usar de todos os meios possiveis para rehavel-a.

Possuia uma chave que dava para a porta da cozinha. Quando vinha um inquilino novo, entrava na casa sem fazer ruido e passeava pela sala de jantar, vestido de phantasma.

Geralmente ninguem de fóra o via e na manhã seguinte os inquilinos saham dali o mais depressa possivel.

Naturalmente a casa ficaria com fama de assombrada e ninguem havia de querer alugal-a nem compral-a. De forma que elle, o antigo proprietario poderia talvez adquiril-a por um preço muito baixo.

O delegado ao ouvir aquillo tudo falou: — Que malandro! Mas, desta vez as cousas não sahiram como o sr. esperava.

O homem cabisbaixo murmurou:—Infelizmente não; aquelle sujeito foi mais esperto do que eu.

O pseudo phantasma foi conduzido á sala dos prisioneiros e mais tarde condemnado por seu acto de velhacaria.

O sr. Cardoso muito satisfeito contava depois o caso aos seus amigos e falava: — Ora, eu sempre disse que essa historia de apparecer phantasmas para assustar a gente é tudo fita.

Os mortos não voltam ao mundo para incomodar os vivos.

O REI DOS CYSNES

Era uma vez um menino que morava num valle bellissimo, cercado de montanhas tão altas, que pareciam tocar o céu ao longe.

Nesse valle havia um lago tambem tão grande que parecia um pedaço do mar.

Suas aguas eram azues e tranquillias e davam a impressão de um grande espelho a reflectir o maravilhoso céu de anil.

O menino chamava-se Alexandre e tinha muito bom coração. Não seria capaz de matar por crueldade, nem um insecto por mais insignificante que fosse.

Os gatos e os cães da vizinhança, conheciam-no e eram todos seus amiguinhos, porque elle sempre os tratava com meiguice.

No lago azul, viviam a passear enormes cysnes graciosos e soberbos. Elles tambem conheciam o Alexandre, porque elle ia todas as tardes á beira da agua, dar-lhes migalhinhas de pão e de bolos appetitosos que elle guardava da mesa do chá.

Tinha um cysne que era o maior e o mais bonito de todos e esse era o favorito do menino.

Elle ficava longo tempo á beira do lago, perto de onde Alexandre vinha sentar-se e quando o menino conversava com elle, virava a cabecinha e olhava-o como quem entendia tudo perfeitamente.

Um dia Alexandre fitava distrahidamente os lindos cysnes brancos a deslisarem suavemente sobre as aguas e começou a imaginar: — Como ha de ser bom ser um cysne para poder boiar sobre as aguas assim. Quem me dera que um delles me carregasse nas costas e me levasse tambem a passear para longe.

Nisso, a grande ave branca, sua favorita, chegou-se ao pé d'elle e parou. Veiu para a beirinha da agua, olhou para Alexandre e bateu as azas delicadamente, como a convidal-o para sentar-se sobre as suas costas.

Alexandre então desceu de onde estava sentado e installou-se commodamente entre as azas do cysne amigo. A ave foi deslisando, devagarinho, por sobre a superficie do lago, até que ficaram muito longe, muito longe...

Foram indo assim até chegarem a uma praiazinha desconhecida. O cysne ia seguindo quando o menino disse:—Pára aqui cysne, quero descer e brincar um pouco.

O cysne parou e o menino desceu e começou a olhar ao redor de si.

O logar era maravilhoso de belleza. Tinha canteiros enormes, cheios de flores, as mais lindas que se podia imaginar. Mais além via-se um bosque de cujas arvores pendiam fructas saborosas de toda qualidade.

Alexandre disse ao cysne: — Fica ahi me esperando, enquanto vou passear um pouco. Depois elle encaminhou-se á floresta e saboreou gulo-

samente, pecegos, romãs, ameixas, laranjas, que ia encontrando, espalhados pelo chão. ✕

Depois Alexandre foi andando, andando, até que chegou a um morro muito alto, todo feito de pedra e lá em cima, viu uma casa muito bonita, quasi escondida entre arvores grandes.

Alexandre disse consigo: — Que linda casita, quem será que mora ali? Vou subir o morro e baterei á porta, para ver si consigo saber alguma coisa.

Assim fez. Foi subindo, subindo, pelos rochedos da encosta do morro, até chegar lá ao alto onde um jardimzinho bonito rodeava a casa.

Chegou-se ao terracinho e bateu á porta da frente. Depois de algum tempo, appareceu uma velhinha que ao vel-o disse surprehendida: — Oh! Meu filho, que vens fazer aqui? O menino disse: — Eu vi esta casa tão linda em cima do morro e fiquei com vontade de saber quem morava nella. A velha falou: — Estás arriscando a vida, meu filho; não devias ter vindo; aqui mora o rei dos cysnes que é muito orgulhoso e desconfiado e si te achar aqui, será capaz de arrancar-te os olhos, pensando que és algum espião.

O menino ficou muito assustado. Começou a tremer e disse: — Decerto, será melhor, retirar-me.

A velha disse: — Hoje é dia de recepção aqui e a toda hora chegam cysnes convidados. Poderás de encontrar alguns delles pelo caminho e talvez te castigue, pensando que és um intrujão.

E' melhor que entres e te escondas ali no

hall, debaixo do banco, até que os cysnes todos tenham chegado. Dizendo isso, ella pegou na mão de Alexandre que se deixou conduzir docilmente e levantou o assento de um banco todo inteiro de madeira e que tinha a fórmula de uma caixa comprida. Mandou Alexandre esconder-se ali dentro, depois abaixou a tampa outra vez.

O pobre pequeno ficou deitado ali dentro quietinho e a tremer de medo. Dahi a pouco começou a ouvir uns ruidos exquisitos, como si alguma ave estivesse a dar bicadas na porta. A porta abriu-se; elle ouviu o ruido de pezinhos no soalho da entrada, um bater alegre de azas e depois o ruido sumiu para o interior da casa.

Isso continuou por algum tempo. Alexandre ouviu do seu esconderijo, lá para dentro da casa, um barulho que o fazia imaginar que as aves estavam á mesa comendo e dando bicadas ruidosas nos pratos.

Mais logo, o ruido de afastar cadeiras e outra vez, patinhas a pisar sobre o soalho da entrada.

Alexandre percebeu que alguns cysnes, tinham pulado por cima do banco e davam bicadas insistentes na madeira. As aves tinham comido bem e estavam agora a divertir-se, pulando por toda a parte e fazendo uma grande barulheira. O pobre Alexandre, quando ouviu as bicadas no banco, pensou que os cysnes tinham descoberto que elle estava ali dentro escondido e

ficou gelado de terror, julgando que elles estavam procurando abrir a tampa para bicar-lhe os olhos e cegar-o. As bicadas continuavam e o pobre menino sentia-se desfallecer de medo.

Depois de algum tempo elle pôz-se a escutar e não ouviu mais nada. Com toda a certeza os cysnes tinham se retirado para alguma outra sala. Alexandre encheu-se de coragem e levantou um pouquinho a taboa do assento para espiar. Não vendo ali nem um cysne, sahiu cuidadosamente de dentro do seu esconderijo, atravessou o "hall" na ponta dos pés, e chegou-se á porta da entrada. Abriu-a cuidadosamente e sahiu.

Foi correndo para o jardim, tropeçando por cima das pedras, ferindo os joelhos e as mãos.

Chegou-se á beira do muro e foi descendo depressa, antes que algum cysne o visse.

Quando elle sahiu da casa, bateu a porta de mansinho, mas ella fez ruido, e o rei dos cysnes, ouvindo-o, chamou a velha que era a governante de sua casa e disse: — Quem está ahi? A velha falou: — Aqui não tem ninguem. O cysne zangou-se e perguntou: — Quem bateu agora mesmo a porta?

A velha disse: — Com toda a certeza deixei-a mal fechada e com o vento ella bateu. O cysne disse: — Mulher, está me parecendo que mentes; si deixaste entrar alguem aqui, cegar-te-ei a bicadas e arrancarei os olhos do intruso.

Depois o rei dos cysnes disse aos seus com-

panheiros: — Vamos ao jardim ver si anda alguém por aqui. E sahiu, farejando o ar, acompanhado pelos outros cysnes todos.

Andaram por todo o jardim e não encontraram novidade alguma.

Alexandre ia descendo o mais depressa que podia, pelos rochedos abaixo.

O rei dos cysnes, não achando ninguem no jardim, chegou-se á beira do morro e espiando para baixo, viu o pequeno a descer, a descer, muito ligeiro.

Chamou as outras aves e disse: — Ali está elle. Eu sabia que tinha estado alguém na casa. Vamos perseguil-o e obrigal-o a nos contar o que veiu aqui fazer.

Então o rei das bellas aves, foi descendo pela encosta do morro acompanhado pelos outros cysnes.

Alexandre viu aquillo e sentiu um pavor tão grande que os seus pés falsearam e elle cahiu de pequena altura. Antes que elle tivesse tido tempo para levantar-se os cysnes estavam ao redor d'elle, e o rei com modos ameaçadores chegou-se perto d'elle e disse: — O que vieste fazer aqui? Si vieste espiar a minha casa, cegar-te-ei já os olhos e os da minha parva governante que te deixou entrar em casa.

O menino ajoelhou-se e disse: — Oh! não me faça mal, eu não sabia quem morava lá em cima.

Eu passeava nas costas de um cysne do lago, que é muito meu amiguinho, quando cheguei

a este logar e achei-o tão lindo que desci e mandei o cysne esperar por mim, enquanto eu dava uns passeios por aqui.

Vi a floresta e depois o morro alto de pedra e a linda casa lá em cima. Subi, para vel-a de perto e descobrir si morava lá alguém. O rei dos cysnes disse: — Verei si o que dizes é verdade: leva-me e aos meus companheiros á beira do lago, onde ficcu o cysne que é teu amigo e te conduziu nas costas até aqui. Pobre de ti si estiveres a mentir. O menino disse: — Pois bem, acompanha-me e verás.

O menino foi descendo o morro até que chegou á sua base.

Atravessou os pomares, transpoz os jardins e chegou á praiazinha, sempre acompanhado pelas aves. Quando chegaram, ali, o menino disse: — Olha, ali está elle, o meu amiguinho cysne; pergunta a elle si não é verdade tudo o que eu disse.

O rei chegou-se perto do cysne do lago e perguntou-lhe sobre Alexandre.

O cysne do lago disse: — Oh! Alexandre é meu amigo e é um menino bem bomzinho. Elle vem todos os dias á beira do lago, jogar migalhinhas de pão e bolo á agua, para mim e os meus companheiros.

Todos os animaes o conhecem, porque elle tem muito bom coração.

O rei dos cysnes voltou-se para Alexandre e disse: — Vejo que me disseste a verdade. Perdoa-me si desconfiei de ti, mas agora que já

sei que és nosso amigo, não me opponho a que voltes comnosco.

Alexandre, que tinha passado por um susto muito grande, estava morto por se ver de novo junto com a sua mãe e disse: — Muito obrigado, mas preciso voltar para casa, está-se fazendo tarde. Virei qualquer outra occasião fazer-te uma visita.

Então elle disse adeus aos cysnes todos e sentou-se de novo nas costas da linda ave amiguinha e foi sumindo, sumindo, ao longe.

Quando chegaram ao outro lado, Alexandre pulou das costas do cysne e disse: — Muito obrigado, amiguinho. Gostei da viagem, mas passei por um grande susto. Nunca mais irei passear por logares desconhecidos, sozinho. Por causa da minha imprudente curiosidade, poderia a estas horas, estar sem a minha vista.

Dizendo isto, Alexandre despediu-se do cysne do lago e foi correndo para casa, a abraçar a sua mãezinha, que já começava a extranhar a sua demora.

O PEQUENO VENDEDOR DE JORNAES

Vivia ha alguns annos passados, na capital de S. Paulo, um garotinho muito miseravel. Elle não tinha pae nem mãe, nem outro parente qual-quer que o pudesse auxiliar.

Esse rapaz chamava-se Bepo e para não morrer de fome, vendia jornaes de manhã e de tarde. De noite pousava em casa de uma quitandeira, que era tambem muito pobre e tinha bastantes filhos.

Essa mulher não era má, porém, as grandes difficuldades da vida transtornaram o seu genio, fazendo com que ella ficasse um tanto irritavel e sovina.

Ella só dava alguma fructa da quitanda ao pequeno vendedor de jornaes, quando já estava estragada demais para vender.

Em troca de suas refeições o rapaz dava-lhe as moedas, que trazia para casa ao fim do dia.

Bepo luctava bastante para ganhar o seu dia. A's vezes, chovia, e o pobre menino corria para cá, corria para lá, a roupa miseravel a collar-se-lhe sobre o corpinho magro e mal nutrido. Subia nos estribos dos bondes em movimento, e os freguezes olhavam para aquelle pequenino rosto pallido e cansado e ás vezes compravam o jornal, sómente para agradal-o.

Em noites frias de junho, encolhia-se todo

dentro do seu paletozinho rasgado e ficava ás esquinas, a gritar: A Platéa, A Gazeta, Folha da Noite, etc., até que vendesse o seu ultimo jornal.

O garoto era estimado por todas as pessoas da vizinhança, do lugar onde morava, porque era bom e ajuizado. Queria muito bem aos filhos da quitandeira e não perdia occasião de fazer alguma cousa para tornar-se util aos outros.

A vendedora de fructas chamava-se Dna. Carmella. Seu marido era um homem rude e ganhava muito pouco no emprego. A's vezes antes de vir jantar, tomava pinga, no armazem da esquina, juntamente com os seus companheiros e quando chegava em casa arranjava pretexto para gritar com a mulher e bater nos filhos.

Outras vezes implicava injustamente por causa de faltar dinheiro em casa e dizia: O dinheiro não dá para nada por tua causa. E's uma toleirona; temos tantos filhos nossos para sustentar e ainda foste recolher aquelle pequeno vagabundo, para nos dar mais despesas.

A pobre mulher procurava acalmal-o falando: Giuseppe; o menino dorme aqui de noite, mas eu nunca lhe dei cousa alguma a comer, sem que elle m'o pagasse.

O homem ficava ainda mais furioso e berrava nomes feios e a mulher ficava quieta para evitar maiores disturbios.

Nos dias em que o seu marido a maltratava assim, Dna. Carmella ficava nervosa e desabafava a sua raiva no pobre orphão, quando elle chegava á casa.

Bepo já estava acostumado com aquillo tudo e soffria calado. Mas ás vezes elle se deitava muito triste e dizia comsigo: Por que será que Deus dá para algumas creanças, pae, mãe e dinheiro e para outras, miseria e orphandade?

Depois elle arrependia-se porque se lembrava dos dias felizes, em que a sua querida mãezinha ainda vivia e fazia-o ajoelhar-se e rezar antes de dormir.

Então começava a chorar e murmurava cheio de fervor: Oh! Pae do Céu, ajude este pobre orphãozinho e não deixe a Dna. Carmella tocal-o de sua casa!

Depois mais socegado adormecia e de madrugada já estava fóra de casa.

O tempo foi se passando assim.

Numa certa tarde desabou por sobre a cidade um terrivel aguaceiro, justamente á hora da saída dos jornaes.

A maior parte das pessoas que transitavam pelas ruas, procuravam abrigo nas portas das lojas ou dentro das confeitarias e cafés; os pequenos vendedores das folhas vespertinas, depois de muito tempo, ainda não tinham vendido os jornaes.

Bepo recebeu os seus, e sem importar-se com a chuva que vinha abaixo em torrentes, foi atravessar a praça correndo, quando escorregou e cahiu. Os seus jornaes espalharam-se pelo chão, enchendo alguns de lama e molhando a maior parte dos outros.

O pobre rapaz levantou-se e ficou a olhar com

ar desolado aquelles papeis que para elle tanto valiam, quasi todos inutilizados pela agua e pelo lodo.

Abaixou-se e começou a ajuntal-os.

Depois continuou o seu caminho, offerecendo os seus jornaes, mas poucos conseguia vender. Algumas pessoas diziam: Comprar um jornal assim molhado, para que? Não se pode lel-o.

Um ou outro ficava com pena do garotozinho e comprava-lhe um por favor.

Foi se fazendo tarde e Bepo ainda estava a rondar pelas esquinas. As suas vestes estavam todas molhadas e o pobrezinho tiritava de frio.

Sentia uma grande canceira; mal podia ter-se em pé e ás vezes uma especie de vertigem obrigava-o a ficar por alguns instantes encostado á parede.

Depois de algum tempo, sentiu-se tão mal que resolveu ir para casa, mesmo sem acabar de vender os jornaes.

Dna. Carmella viu-o chegar e perguntou-lhe: Olá Bepo, não fizeste muito negocio hoje, não?

O garoto respondeu muito tristemente, não, e foi sentar-se a um canto da lojinha, a tremer, a tremer...

A quitandeira notou que o menino tinha a roupa toda molhada e vendo-o assim desolado perguntou-lhe: Bepo o que tens? Não te sentes bem?

O garoto respondeu: Ai! Dna. Carmella, eu não sei o que tenho. Eu senti-me tão fraco na rua, que por diversas vezes, quasi tombei. Tenho tanto frio, tanto frio!

A quitandeira chegou-se ao pé d'elle, apalpou-lhe a testa e depois disse: — Tens um pouco de febre, pequeno: será melhor vestires uns trapos seccos e depois deitares. Dar-te-hei uma chicara de café bem quentinho e, talvez, amanhã estejas melhor.

A bôa mulher ajudou o garoto a trocar as roupas e depois arrumou-lhe o leito de trapos de aniagem, ali no chão. O menino deitou-se e a quitandeira foi buscar umas saias velhas suas para cobri-lo.

Bepo estava muito doente. Tinha tremores de frio e a febre punha rosas vivas nas suas faces, de ordinario tão pallidas.

Dna. Carmella estava apprehensiva. E si fosse uma doença contagiosa que passasse aos seus filhos? O marido já estava deitado e quando a viu passar pelo quarto, carregando a caneca cheia de café, perguntou-lhe:—Para quem é isso? A quitandeira respondeu:—E' para o Bepo que chegou todo molhado da chuva e parece ter-se constipado.

O homem respondeu:—Muito bonito, é só o que falta! Arranjar doença em casa para pegar nos nossos filhos?

Dna. Carmella deu o café a beber ao doente e disse-lhe: Dorme agora Bepo e amanhã ficarás bom.

O menino tinha apanhado uma influencia muito forte. Passou a noite ardendo em febre e quando foi quasi de madrugada, a quitandeira acordou, ouvindo os seus gemidos.

Apurou os ouvidos e percebeu que o rapaz estava variando. O seu coração de mulher mãe encheu-se de compaixão pela criança tão doente e tão só no mundo. Levantou-se evitando fazer ruído e foi á salinha. Chegou-se ao pé de Bepo e falou-lhe, mas elle não via nem ouvia cousa alguma.

Nos delirios da febre, julgava estar na rua a vender jornaes, quando lhe apparecia á frente um gigante horroroso, tendo sob um braço um grande pacote de jornaes e com outro braço comprido e musculoso, apontava-lhe o caminho. O garoto gemia e dizia alto: Não, não, não me bata, eu vou já. E fugia dali.

Depois o doente socegava um pouco, mas logo voltava o pesadello e lhe começava a gemer de novo.

A quitandeira estava bastante alarmada. Foi buscar um pouco de agua fria e amparando a cabeça de Bepo, fel-o beber um pouco. Depois molhou bem uns trapos e collocou-os sobre a fronte abrazada.

Quando foi de manhã cedinho, ella abriu a porta da frente da casa e começou a conversar com algumas visinhas que por acaso ahi passavam.

Veio tambem a mulher do vendeiro da esquina que se chamava Dna. Maria.

Dna. Carmella contou-lhe que o rapaz passara mal a noite. Estava afflicta porque elle necessitava de um medico e ella não tinha dinheiro para pagar a consulta.

As mulheres ficaram muito penalizadas e dis-

seram: Pobre Bepo, não vá elle morrer! Aquelle menino é bom de mais para este mundo.

No seu intimo, a Dna. Carmella tambem temia que o menino morresse e sentia remorsos, ao lembrar-se de que muitas vezes tinha sido injusta e sovina para com elle.

Enxugando o canto dos olhos, com a ponta do seu avental, a quitandeira disse: E' verdade; Bepo é muito bomzinho, e si elle morresse, eu e as creanças achariamos bastante falta delle.

Dna. Maria pensou um pouco e disse: Olha, Dna. Carmella, eu conheço um medico, que mora ali, ao virar a esquina. Elle é caridoso e nunca se recusa a visitar um doente pobre.

Irei já falar com elle. Até logo.

A quitandeira agradeceu á Dna. Maria e foi-se para dentro da casa.

Dahi a meia hora chegou o doutor e examinando Bepo disse:—O menino está muito mal e não poderá continuar deitado aqui no chão sem colchão, sem nada. E' necessario que elle seja removido para a Santa Casa.

Mandarei buscal-o hoje á tarde.

A quitandeira disse: Oh! Obrigado doutor! Deus ha de recompensal-o pelo beneficio feito a esse pobre orphão.

O medico retirou-se penalizado de ver tanta miseria.

Bepo foi transportado para o hospital.

No dia seguinte elle acalmou um pouco e quando abriu os olhos percebeu que estava num

leito, no meio de varios outros, num quarto muito grande.

Ahi perto estava uma irmã de caridade, a fital-o silenciosamente.

Quando elle virou a cabeça para olhar ao redor de si, a irmã chegou-se ao pé d'elle e tomou-lhe o pulso.

Bepo, admirado, perguntou-lhe: Onde estou?

A irmã respondeu: Estás na Santa Casa, meu filho. Tens estado muito doente, mas agora já estás um pouco melhor.

Bepo ficou espantado, pois não se lembrava de cousa alguma.

Dna. Carmella e Dna. Maria já tinham vindo saber noticias d'elle, mas não puderam vel-o. Disseram-lhes que a temperatura do rapaz já estava mais baixa, porém elle precisava ficar de cama por mais alguns dias.

Quando foi no dia das visitas para a enfermaria geral, as duas mulheres voltaram. Dna. Carmella trazia para o doente uns cachos de uvas brancas da quitanda e a Dna. Maria trazia uma lata de biscoitos finos.

Nem se pode descrever a alegria do pequeno vendedor de jornaes, ao ver de novo a quitandeira e a sua bôa vizinha.

E os presentes! Tão finos nunca os tinha recebido na sua vida!

Depois de ficarem por algum tempo na companhia de Bepo, Dna. Carmella e Dna. Maria retiraram-se satisfeitas de ver que o rapaz estava melhor.

A quitandeira começou a comprehender que tinha muita amizade ao menino e pedia a Deus que elle ficasse logo bom.

D. Maria ao ver quasi salvo o pequeno vendedor de jornaes, sentia no coração, aquella grande satisfação, que sentem sempre as pessoas que fazem um beneficio aos outros.

Bepo sarou enfim e voltou para a casa de Dna. Carmella. As creanças ficaram todas alegres de ver novamente entre ellas o seu amiguinho e mesmo o velho não lhe mostrou desagrado.

Bepo continuou com a venda de jornaes, até que ficou grande e começou a pensar em arranjar um outro emprego, qualquer, que tivesse mais futuro.

O vendeiro, marido de Dna. Maria, justamente nessa occasião andava á procura de um caxeiro.

A mulher, sabendo das intenções do vendedor de jornaes, falou a seu marido: Porque não tomas para teu empregado o Bepo? Elle quer arranjar agora um emprego no commercio. Elle é tão honesto e tão bom! Tenho a certeza de que daria um empregado exemplar.

O marido de Dna. Maria disse: Então o Bepo quer mesmo empregar-se? Acho que tens razão, mulher; elle talvez me serviria bem. Vae falar-lhe sobre isso, hoje á tarde e si elle quizer, poderá praticar no serviço por alguns dias, antes de deixar a venda dos jornaes.

Si elle achar que poderá se acostumar, então ficará sendo o nosso auxiliar.

Dna. Maria ficou muito satisfeita e quando, mais tarde, falou ao Bepo, este ficou mais contente ainda.

O rapaz entrou para o serviço do armazem da esquina e desde os primeiros dias, procurou fazer tudo o que podia para agradar aos seus patrões.

Levantava-se muito cedo e fazia a limpeza da loja; arrumava as prateleiras, lavava os copos, limpava os balcões e tudo o mais.

Quando o patrão mandava fazer a entrega de alguma encomenda a algum freguez, Bepo ia bem ligeiro e voltava logo para a loja.

Todas as pessoas que entravam no armazem, ficavam gostando do novo empregado, por causa do seu modo attencioso e gentil.

Bepo queria muito á quitandeira e aos seus filhos. Não se esquecia de que ella o tinha acolhido sob o seu tecto, no tempo em que elle era um pobrezinho sem lar e sem amigos.

Todas as tardes ia visitar as creanças e nunca levava as mãos vazias. Um dia, presenteava-as com balinhas e biscoitos. Outra vez levava á casa da quitandeira algumas fatias de queijo para o jantar, ou alguns docinhos em forma de peixinhos, etc., os quaes eram sempre muito apreciados pelos seus amiguinhos.

Bepo tinha aprendido a ler e a escrever, á custa de grande esforço proprio e algumas lições da boa Dna. Maria e sabia tomar conta dos livros do armazem, melhor, até, do que o seu dono.

A casa foi sempre prosperando e mais tarde o marido de Dna. Maria resolveu fazer de Bepo o seu socio.

O antigo vendedor de jornaes tornou-se um homem rico, devido ao seu trabalho e á sua perseverança.

LEÃO

Leão era um lindo cão, generoso e grande que pertencia a uma familia que morava num dos arrabaldes chics da cidade de S. Paulo. O animal era estimadissimo por todos da casa e seus patrões eram fartamente recompensados pelo affecto e os cuidados que lhe dedicavam. Leão era o melhor amigo e protector das tres crianças: Luiz, Eduardo e Mariazinha.

Quando em passeios pelos arredores, levavam-no comsigo e elle muito se alegrava com isso.

Quando por acaso saham de bonde ou automovel com sua mãe, Leão ia até o portão na esperanza de que o levassem tambem. Mas os meninos abraçavam-no e diziam-lhe por entre muitos affagos: — Hoje não podes ir, Leãozinho! Fica bem quietinho ahi a guardar a casa, ouviu? Até logo, até logo...

O animal ficava então a espiar pelas grades do portão com uns olhos muito fieis e muito tristes.

Depois que elles sumiam de vista, Leão ia deitar-se no terraço da frente, mas não dormia; ficava a cochilar, mas ao menor ruido levantava a cabeça e punha-se attento.

Os meninos ás vezes, levavam-no á beira do rio e divertiam-se a vel-o tomar banho, nadar e perseguir pedaços de madeira que atiravam á agua.

Leão queria a todos os filhos de seu patrão, mas parecia ter pelo mais velho o Luiz uma verdadeira adoração.

Quando o menino sentava-se no terraço a ler, o cão deitava-se a seus pés e rosnava mal humorado si alguma pessoa o viesse perturbar.

Numa certa ocasião os progenitores de Luiz passaram por um grande susto. O rapaz foi dar um passeio e tomou a alameda que ia terminar num campo que se via de sua casa.

Era de manhã e foi sózinho. O tempo estava fresco e Luiz foi longe sem perceber.

Andou pelo matto a fóra e afinal, cansado, resolveu voltar.

Tomou um dos caminhos que parecia aquelle por onde tinha vindo. Depois de andar por algum tempo, viu que tinha errado. Voltou atraz e tomou novo rumo. Ficou mais embaraçado ainda.

Emquanto isso, em casa, sua mãe desesperava.

Tinha chegado a hora do almoço e o menino sem voltar.

Cheia de afflicção tocou o telephone para casas de parentes e conhecidos para saber si o tinham visto naquelle dia. Mas, nada, nem o menor indício sobre o seu paradeiro.

Chegou o pae e ficou igualmente torturado, com receios de que lhe tivesse acontecido alguma cousa. Mandou creados a sua procura e solicitou o auxilio da policia.

O dia inteiro os paes de Luiz e demais pessoas da casa passaram naquella afflicção.

Iam já perdendo a esperança de achá-lo. Subitamente, sua mãe que estava no vestibulo ouviu alguém bater. Correu a abrir a porta e qual não foi a sua alegria ao ver ali o seu filho. Vinha pallido, abatido e quasi a desfallecer de cansaço.

Ella abraçou-o como louca, murmurando a chorar: — Meu filho, onde estiveste? Que susto nos pregaste! Estão todos a tua procura.

Luiz encostou a cabeça ao collo de sua mãe e disse tambem a chorar: — Eu não tive culpa, mamãe. Andei perdido; si não tivesse sido o pipoqueiro que me encontrou e me reconheceu, não poderia mais voltar.

Sua mãe indagou: — Elle ensinou-te o caminho?

O rapazinho falou: — Elle me disse que eu estava muito longe de casa. O melhor seria tomar um bonde que fosse até a cidade e de lá um outro que passasse pelo nosso bairro.

Eu estava muito afflicto, pois todas as pessoas a quem pedia informações sobre a direcção de nossa casa diziam: Não sei, não conheço esse logar.

A mãe de Luiz sentiu-se muito penalizada ao lembrar-se o quanto havia soffrido o menino, a andar, andar ao calor do dia, sem alimento, sem nada.

Luiz estava tão fatigado que foi deitar-se e mal teve coragem de levantar a cabeça para tomar um copo de leite quente que sua mãe lhe preparou.

Leão que andara o dia inteiro cabisbaixo pela

ausencia de seu amiguinho, teve uma alegria louca ao vel-o entrar.

Poz-se a ladrar e a lambar-lhe as mãos em signal de regosijo.

Depois que o menino se deitou o cachorro entrou no quarto sem que ninguem o visse e estendeu-se aos pés da cama.

Ao escurecer o pae de Luiz chegou e quiz entrar no aposento. Leão que a principio não o havia reconhecido, poz-se a rosar furioso, prompto a atacal-o. Não queria que pessoa alguma viesse perturbar o socego do menino.

Afinal, terminou aquelle dia de horriveis apprehensões.

Os annos se passaram. Leão ia ficando velho. Já não era brincalhão, como antes. Gostava mais de ficar deitado a cochilar no terraço do que acompanhar as creanças, nas suas correrias pelo jardim.

Um dia o chefe da familia disse: — Pobre do Leão, está ficando velho. Talvez não tenha muitos annos de vida.

As creanças ficaram tristes e responderam:— Que pena, coitado! Mariazinha exclamou: — Eu não quero que elle morra, papae!

Os olhos de Luiz encheram-se de lagrimas. Elle pensava na falta que Leão lhe havia de fazer.

Seu pae falou: — Precisamos tratar de arranjar um cachorro novinho para não ficarmos sem nenhum. Mariazinha e seus irmãos rejubilaram-se ao ouvir aquellas palavras e disseram: — Que bom, papae, arranja outro logo!

Dahi a uns tempos entrava na casa, cercado de mimos um cão policial, ainda novo. Era lindo. Tinha o pello marron e preto e macio como algodão.

Os meninos esqueceram-se completamente de seu velho e fiel companheiro de tanto tempo.

Todos os petiscos, todos os carinhos eram para o recémchegado.

Leão via tudo e tornava-se cada vez mais tristonho.

O pequeno era muito brincalhão. Chegava-se ao cachorro maior e procurava morder-lhe as orelhas, as patas. Leão deixava-o. Mesmo sabendo que soffria tudo por causa delle, não seria capaz de fazer-lhe mal.

O velho animal já não comia; não fazia festas ás pessoas da casa.

O pae das creanças um dia disse :— O cachorro está doente. Vou mandar amanhã aqui um veterinario para ver o que elle tem.

No dia seguinte veio o homem, examinou o cão e disse: O animal está um pouco edoso, mas doente não está. Parece muito desanimado. Não haverá alguma pessoa que o maltrate na casa?

A boa senhora respondeu-lhe: Não, que eu saiba. Nós arranjamos ha dias um outro cãozinho e desde essa data elle tem andado assim amoretado.

O doutor então ergueu as mãos e falou: — Oh! Então é isso mesmo. E' o que eu pensava.

O cão está morrendo, não de molestia, mas sim de tristeza, de ciúmes talvez.

A senhora comprehende, um animal destes tem o coração muito sensível e soffre ás vezes mais do que a gente.

A mãe das crianças disse: Acho que tem razão, doutor. Foi justamente depois que chegou o outro, que elle ficou assim.

O veterinario retirou-se e a mãe das crianças foi procural-as e disse-lhes: Pobre Leão! Sabeis o que o medico falou? O bicho está morrendo de tristeza, de ciúmes. Desde que o vosso pae trouxe a casa o outro, deixastes no maior abandono o Leão.

As crianças ao ouvirem aquellas palavras, ficaram muito pesarosas.

Sua progenitora disse mais ainda: — Meus filhos, nunca se deve deixar um amigo infeliz e velho por um outro mais novo e attrahente.

Dahi a pouco, Mariazinha e seus irmãos estavam ajoelhados no chão a encher de affagos o nobre animal.

Leão viveu ainda por muitos annos e o dia em que elle morreu, foi para todas as pessoas da casa, um dia de grande pesar.

Dahi a uns tempos via-se na parede da sala de jantar um novo quadro.

Era o retrato do saudoso cão e mais abaixo liam-se as seguintes palavras: “Leão, que foi em vida, o nosso maior amigo”.

A RAINHA DAS MADREPEROLAS

Morava num logar socegado a beira-mar uma jovem muito linda, muito linda!

Sua mãe era viuva de um dos pescadores mais importantes das cercanias. Esse homem ao morrer, deixara á familia a pequena casa em que habitava e meios que lhe permittiam viver modestamente.

A menina, quanto mais crescia, mais bella se tornava. Os seus cabellos eram como fios de ouro; os seus olhos eram azues como o céu á beira-mar e nas faces, tinha o velludo das rosas.

Toda a gente do logar chamava-a de Santinha, porque ella era tão bôa, quanto formosa.

Mas ninguem a amava tanto, como Leopoldo, o seu companheiro de infancia, a quem todos appellidavam de Léo. Esse rapaz era filho de um homem que possuia naquelle logar, uma officina para construcção de barcas e naviozinhos de vela.

Santinha e Léo desde pequenos, habituaram-se a andar juntos, ás vezes com os pés descalços na agua do mar, outras vezes, construindo castellos na areia da praia.

Em tardes lindas ficavam sentados por longo tempo sobre os rochedos, a fitar em silencio, as aguas do mar, ao longe, prateadas pelos ultimos reflexos do sol.

A's vezes Santinha perguntava ao seu companheiro: — Léo, o que pretendes fazer quando fores homem? Não queres ser pescador, pois não?

Leopoldo respondia: Não, eu acho que seguirei a profissão de meu pae. Desejo tornar-me um constructor de barcas.

Mas, porque me perguntas isso?

Santinha fitava-o com uns olhos muito grandes e dizia: — Eu não quero que sejas pescador. O meu pae morreu no mar e eu não quero que tu morras.

Léo sorrindo, respondia: -- Não tenhas medo; aprenderei a trabalhar bem com meu pae e, quando fizer bastante dinheiro, casar-me-ei contigo.

As duas crianças foram crescendo assim, unidas por um affecto muito grande e lindo.

A viuva do pescador era pobre, mas não podia chamar-se de infeliz.

A madrinha de Santinha era a poderosa rainha das madreperolas do mar. Essa creatura maravilhosa queria muito a sua linda afilhada e a sua progenitora e jamais lhes recusava o seu auxilio, quando lho solicitavam.

Os annos se passaram.

Santinha fez-se moça e mais linda que nunca. Léo amava-a tanto como nos dias felizes de sua infancia.

Elle tambem já era um moço e na doce esperanza de fazel-a sua esposa algum dia, passava todo o tempo a trabalhar nas officinas de seu pae e tornou-se um perito na sua profissão.

Os dois jovens viviam felizes, á espera de chegar o dia em que haviam de se casar.

Mas, uma nuvem muito negra veio nesse tempo toldar o céu azul de sua existencia.

Um dia de manhã, Santinha estava sentada como de costume, sobre as rochas, a fitar o mar de prata, quando percebeu ao longe um navio.

Toda surprehendida murmurou comsigo: — Que navio será esse?

O vapor foi chegando, cada vez mais perto. Mais logo, Santinha distinguiu a bordo, marinheiros e officiaes que andavam de um lado e outro no tombadilho.

Notou um grupo de homens que se achavam um pouco distante dos outros. Um delles vestia um uniforme escuro e por meio de um aparelho apropriado, entretinha-se a olhar a praiazinha ao longe.

Quando chegou á certa altura o vapor foi diminuindo a marcha e afinal parou. Santinha observava tudo aquillo.

Os marinheiros dali a pouco lançaram barcas ao mar. O homem de uniforme escuro e mais alguns outros, desceram por uma escadinha que ficava ao lado do navio e tomaram logares nos botes.

Santinha viu logo que elles se dirigiam para o local onde ella estava.

Cheia de curiosidade desceu das pedras e ficou na praia a vel-os chegar.

Notou que o homem de farda escura era baixo e muito gordo. Devia ser uma pessoa

importante a julgar pelos modos com que os outros o tratavam.

As barquinhas chegaram, afinal, á praia e os viajantes quedaram-se maravilhados a olhar para a linda menina que os fitava com uns olhos que eram tão azues e transparentes como as aguas do mar.

O sol brilhava nos cabellos louros de Santinha e a brisa que soprava de leve, fazia desenhar aavez dos vestidos, o seu busto perfeito de mulher nova.

O homem gordo foi o primeiro a descer e os outros fizeram o mesmo. Santinha notou que a sua vestimenta era muito rica e ouviu os outros chamarem-no de principe. Não podia acreditar no que via e ouvia. Imaginava comsigo: — Será mesmo um principe? O que um homem tão rico e importante viria fazer a um logar assim tão modesto? E que feio que era! Nos seus poeticos sonhos de creanças, imaginara sempre os principes, bellos e gentis, como na historia de Maria Borrallheira.

Olhou para o homem de escuro e estremeceu de horror. Baixo, gordo e carrancudo!

Emquanto isso elle se chegara junto á donzella e mostrando os dentes num riso amarello e sem graça, fez-lhe uma grande cortezia.

Santinha encheu-se de rubor, mas não disse uma palavra.

O homem notando o seu embaraço falou: — Tenho o prazer de saudar a donzella mais formosa

que tenho visto na minha vida. Poderei indagar o seu nome?

A jovem um pouco mais senhora de si, retribuiu-lhe a saudação e respondeu: — O meu nome é Santinha.

O viajante fitou-a de alto a baixo e procurando sorrir de novo disse: — Ora, muito bem; a menina parece mesmo uma santa; o nome vae bem á pessoa.

Santinha corou de novo e abaixou a cabeça. O olhar daquelle homem inspirava-lhe um não sei que de desagradavel; desconfiança, medo...

O principe continuou: — Seria imprudencia indagar onde reside?

Santinha murmurou: — Eu moro com minha mãe, ali, naquella casa pequena, cercada de palmeiras.

O homem olhou para o lado indicado e respondeu: — Bello recanto, parece o que é na verdade: o esconderijo de uma fadazinha.

Diga-me:—A menina poderá consentir que eu vá visitá-la hoje á noite? Não me recuse, por favor.

A pobre Santinha mais enleada ainda ficou. Seria possivel que o principe falasse a sério?

O gorducho veio em seu auxilio, dizendo: — Permite senhorinha? Poderei visitá-la?

A jovem sem saber o que dizia balbuciou, a tremer: — Póde.

O principe então despediu-se della todo jubiloso e foi ter com os seus companheiros.

O nobre personagem fazia uma viagem de re-

creio. Vendo a praiazinha e achando-a pittoresca quiz conhecê-la. Viu aquella jovem ingenua e formosa e resolveu conquistá-la, custasse o que custasse.

Santinha, depois que o principe se retirou foi depressa a sua casa. Estava nervosa e apprehensiva e desejava contar tudo á mãe. Aquella boa senhora ouviu e não comprehendeu cousa alguma a principio. Um principe vir á sua casa, mas porque?

Subito olhou para a filha.

A sua formosura pareceu-lhe mais radiante que nunca.

A pobre mulher ficou pensativa. Um sentimento de angustia, um presentimento doloroso apertou-lhe naquelle momento o coração.

E si o nobre cavalheiro fosse um homem sem escrupulos e sem consciencia? Quem poderia saber de suas intenções?

A jovem notou o desassocego de sua mãe e perguntou-lhe: — O que tens mamãezinha?

A viuva procurou sorrir e disse: — Não é nada minha filha, só que não me agrada muito vir a nossa casa, um tão rico senhor.

E tu dizes que elle é feio, horroroso?

A jovem respondeu: — Nem se fala, minha mãe; não gostei da cara d'elle, não sei porque!

A viuva ao ouvir essas palavras, tornou-se ainda mais apprehensiva, mas não deixou que a menina o percebesse.

Emfim não havia remedio sinão deixá-lo vir.

As duas puzeram-se a trabalhar na casa, para torná-la mais digna de receber tão ceremoniosa visita.

A velha fez bolos e tirou do armario uma das garrafas de vinho fino que estava guardando para a festa do casamento de sua filha.

Depois as duas vestiram os seus melhores vestidos e ficaram á espera do principe.

Não tardou muito e chegou á casa o noivo de Santinha.

Notou que ella trazia o seu vestido novo e tambem sua mãe.

Olhou ao redor de si e viu que a sala reluzia e tinha um ar festivo.

Surprehendido perguntou: — O que é isso? Ha alguma festa aqui hoje? Para que esses preparos?

Sua noiva convidou-o a sentar-se e depois contou-lhe a historia do seu encontro com o principe e o seu desejo de vir a casa.

O moço ao saber daquillo ficou a principio tambem admirado, mas depois olhando para o rosto angelico de Santinha, teve o mesmo receio, a mesma inquietação que a viuva havia sentido.

Terrivelmente pallido deitou a cabeça entre as mãos para ver si podia acalmar as idéas. Mas qual! Tornavam-se mais enlouquecedoras.

Oh! Si aquelle homem viesse ali, com o fito de roubar-lhe a noiva que elle amara desde pequeno! Estrangulava-o! Mas, como poderei elle tão pobre e humilde, se atrever a deitar as mãos num filho do rei?

Santinha ficou toda pezarosa ao ver a afflicção do moço e tomando-lhe as mãos perguntou-lhe: — O que tens Léo? Não vejo porque tu e mamãe se aborrecem tanto assim!

O moço fitou-a com olhos desvairados, mas não respondeu; deitou a cabeça de novo entre as mãos.

Santinha já nervosa e aborrecida por causa daquelle malfadado encontro, ao julgar que o seu noivo estava zangado, recostou a cabeça sobre as almofadas do sofá e pôz-se a soluçar. Léo arrependido de fazel-a chorar, procurou acalmal-a dizendo: — Perdôa-me, Santinha; fui tolo de aborrecer-te por causa de receios que talvez sejam infundados.

Mas, pobre moço! Mais tarde chegou o horroroso principe e pelas suas maneiras bem viu que os seus presentimentos tinham sido muito justificados.

O gentil homem teve para com Santinha e sua mãe, palavras de requintada polidez; mas quando a viuva lhe apresentou Léo dizendo:—Este moço é um amiguinho de infancia de Santinha, o principe fitou-o de alto a baixo com uns olhos muito frios e inclinou-se de leve sem dizer uma palavra.

Leopoldo comprehendeu o desprezo e corou até a raiz dos cabellos.

O principe acceitou a cadeira que lhe offerciam e com voz melosa, poz-se a conversar com as duas mulheres.

O jovem percebeu logo que o homem de sangue nobre fazia a côrte á sua noiva. Ella, pobrezinha,

não sabia o que fazer. Não tinha coragem de ofender o príncipe e soffria horrivelmente porque via estampado no rosto de Leopoldo o desespero que lhe ia n'alma.

Finalmente, não podendo mais aturar aquillo, o moço levantou-se e despediu-se de todos.

Santinha, notou que elle estava horrivelmente pallido e acompanhou-o ao terraço da frente da casa.

Lá fora ella procurou acalmal-o, dizendo:— Não te afflijas tanto, Léo; juro-te que será mais facil afogar-me nas aguas do mar, do que acceitar o amor desse homem.

Comtudo é preciso fazel-o desistir de seus intentos sem incorrer no seu odio. O que seria de nossa felicidade, si fôssemos perseguidos pelos grandes do paiz?

Léo, mais socegado, respondeu:—Tens razão, Santinha. Procurarei ter paciencia.

Leopoldo retirou-se, mas não ficou socegado. Ao contrario. Estava tão agitado que receiava enlouquecer.

Em vez de ir para casa, poz-se a caminhar á beira do mar; quando deu accordo de si, estava muito longe donde morava e era já bem tarde.

Depois que elle se retirou da casa da viuva, o príncipe redobrou as attensões com que tratava Santinha.

Disse mais que tinha ido visitál-a, porque a vira na praia e ficara deslumbrado com a sua belleza.

Desejava até fazel-a sua esposa.

As duas mulheres empallideceram mas não disseram cousa alguma.

O rosto do principe tornou-se mais feio ainda, quando elle falou:—Por accaso não lhes agradaria isso? Ficaram tão caladinhas!

A viuva recobrando o sangue frio disse: — Principe, bem póde imaginar que é motivo de grande surpresa para nós; um homem de origem nobre como o senhor, ter idéas de casar com uma jovem como Santinha, simples filha da plebe.

O principe sorriu e respondeu: — Oh! Mas a sua filha nasceu para ser rainha. Outra mais bella jamais se verá!

Mais tarde o homem retirou-se dizendo que voltaria no dia seguinte.

Assim que elle sahiu, a menina atirou-se ao collo de sua mãe e poz-se a chorar desesperadamente, murmurando:—Minha mãe, eu não posso casar-me com esse homem! Prefiro morrer! Serei esposa de Leopoldo, de nenhum outro.

A viuva procurou acalmar sua filha dizendo:—Socega, a situação é grave, mas não devemos desesperar. Sabes? Acho melhor irmos á Praia dos Rochedos para consultar a tua madrinha fada. Quem sabe si ella nos poderá auxiliar?

O rosto de Santinha illuminou-se todo e ella respondeu:—Acho bom, mamãe; é a minha unica esperança de salvação.

Mais tranquillias, dahi a pouco foram dormir.

No dia seguinte de manhã, conforme haviam combinado, levantaram-se cedinho e sahiram de casa.

Depois de muito andar, chegaram ao seu destino, num lugar socegado e poetico, onde os rochedos avançavam para dentro do mar.

A viuva e sua filha sentaram-se nas pedras que ficavam á beirinha das aguas e principiaram a cantar baixinho:

Oh! Rainha Preciosa
Das madreperolas do mar,
. . . Ouve o canto afflictivo
De quem te veio chamar!

Ficaram assim a cantarolar por algum tempo. Dahi a pouco sentiram um leve rumor e appareceu á tona dagua, uma concha enorme de madreperola. A sua tampa abriu-se. Dentro da concha, como numa barquinha, estava uma creatura admiravelmente bella, a sereia, rainha das madreperolas.

Quando a barca chegou bem perto dos rochedos, a fada sorriu e disse: — Bemvindas sejam queridas amiguinhas; mas porque é tão afflictivo o teu cantar?

A viuva do pescador contou á madrinha de sua filha, a historia do principe e as suas intenções.

Santinha poz-se a chorar e disse: —

Madrinha, salva-me das garras desse homem horrivel, pelo amor de Deus. O teu poder é a minha unica esperanza.

A rainha falou: — Não te apoquentes, minha filha. O caso não é tão complicado assim. Basta que desapareças do lugar durante

algum tempo, para te veres livre dessa perseguição.

As duas, mãe e filha indagaram a um tempo:—Mas como? A sereia retorquiou:—Olha, farei com que Santinha viva durante algumas semanas, dentro de uma concha, no fundo do mar.

Pessoa alguma poderá achá-la, por mais que a procure.

Quando o príncipe indagar sobre o paradeiro de Santinha, tu, minha comadre, dirás:—Não sei; de certo ella atirou-se ao mar.

Santinha e sua mãe ficaram muito satisfeitas e murmuraram: — Que idéa esplendida! A jovem pensou um pouco e perguntou á sereia:—Mas, depois, como poderei voltar a ser de novo o que eu era?

A fada respondeu:—O príncipe, a principio, ficará desesperado e raivoso. Mas com o tempo se convencerá de que não existes mais e num bello dia tomará a resolução de abalar destas praias e continuar a sua viagem.

Então, na certeza de que elle esteja longe, a minha comadre voltará a este mesmo sitio e o mar lhe restituirá a sua filha.

A sereia disse á Santinha:—Seria até bom que ficasses já no mar. Tua mãe voltará sozinha á casa, fingindo-se desesperada por causa do teu desaparecimento.

Santinha voltou-se para sua mãe e falou:—Mãezinha, poderei ficar já? Assim me verei livre daquelle horroroso príncipe.

Sua mãe beijou-lhe a fronte com amor e respondeu-lhe:—Fica si quizeres e Deus te abençoe.

A sereia, então, mandou entrar na barca a sua afilhada; esta despediu-se affectuosamente de sua mãe e obedeceu á sua madrinha.

Depois a tampa da concha foi descendo, descendo até que cerrou-se de todo, e desceu para o fundo do mar.

A viuva sentiu separar-se de sua filha, mas não lhe dava o menor cuidado a sua sorte.

Ella já conhecia o magico poder da rainha das madreperolas.

Depois que viu sumir a concha, apressou-se a voltar para casa.

Ao anoitecer o principe foi lá. Encontrou a viuva muito pallida e vestida de preto. Indagando o que havia, a pobre senhora disse:—Uma grande desgraça, meu senhor! A minha filha desapareceu.

O principe, como havia previsto a sereia, ficou a principio furioso e desconfiado, mas a viuva disse-lhe:—E' mais do que certo que ella se atirou ao mar. Ella me havia dito que ia fazer isso, mas não lhe dei credito, por certo.

Si o senhor não crê nas minhas palavras, mande procural-a por todos os recantos deste logar.

O homem, ao ouvir aquillo, serenou um pouco.

Ficou pensativo e depois murmurou:—Acho que tem razão.

Procural-a-ei por toda a parte e si estiver ainda viva, juro que hei de encontral-a.

Em seguida retirou-se cabisbaixo e mal humorado.

Nessa noite e no dia seguinte os auxiliares do nobre cavalheiro andaram por toda a parte na faina de encontrar a linda moça. Homens vigiaram sua casa para que ninguem pudesse entrar ou sair sem ser visto.

Os pescadores todos do logar, ouviram falar do desaparecimento de Santinha e ficaram desolados. Todos a estimavam tanto!

Puzeram-se tambem a trabalhar para ver si a encontravam.

Leopoldo estava como louco.

Não comia, não dormia, na ancia desesperada de descobrir o paradeiro de sua amiguinha de infancia. Mas a viuva que o deixára de proposito mostrar o seu desespero em publico, um dia murmurou-lhe aos ouvidos:—Socega, Léo, Santinha está escondida, para livrar-se do principe.

O moço olhou para a viuva com olhos arregalados de espanto; depois comprehendendo, ergueu as mãos para o céu murmurando:—Graças, oh! Deus de Bondade!

Os auxiliares do principe e os pescadores, procuraram a moça por toda a parte, mas em vão.

Todos se convenceram de que ella havia encontrado a morte nas profundezas do mar.

Tempos se passaram.

O principe afinal foi esquecendo o seu cruel desapontamento e tratou de sair daquelle logarejo, onde já nada havia a fazer.

Numa bella tarde, as familias dos pescadores, da praia viram o navio que ia sumindo, sumindo ao longe.

A mãe de Santinha e seu noivo se rejubilaram. Passados mais alguns dias resolveram ir á sua procura.

Numa linda manhã foram os dois á Praia dos Rochedos.

Chegando ao logar onde costumava apparecer a sereia, a viuva sentou-se nas pedras e começou a murmurar baixinho:

Oh! Rainha Preciosa
Das madreperolas do mar,
Venho pedir-te que deixes
Santinha voltar ao seu lar.

Dahi a pouco appareceu á tona dagua uma grande concha.

A tampa ergueu-se como um grande leque de velludo furta-côres e dentro della estava Santinha, mais bella e mimosa que nunca!

Vendo ali os dois entes queridos exclamou: — Mamãe, Léozinho! De um pulo, desceu da barca e foi cahir nos braços de sua progenitora. Ao saber que o principe havia partido, mostrou uma alegria louca. Parecia acordar de um terrivel pesadello.

Depois disse que sua madrinha não pudera acompanhá-la e pedia que a perdoassem.

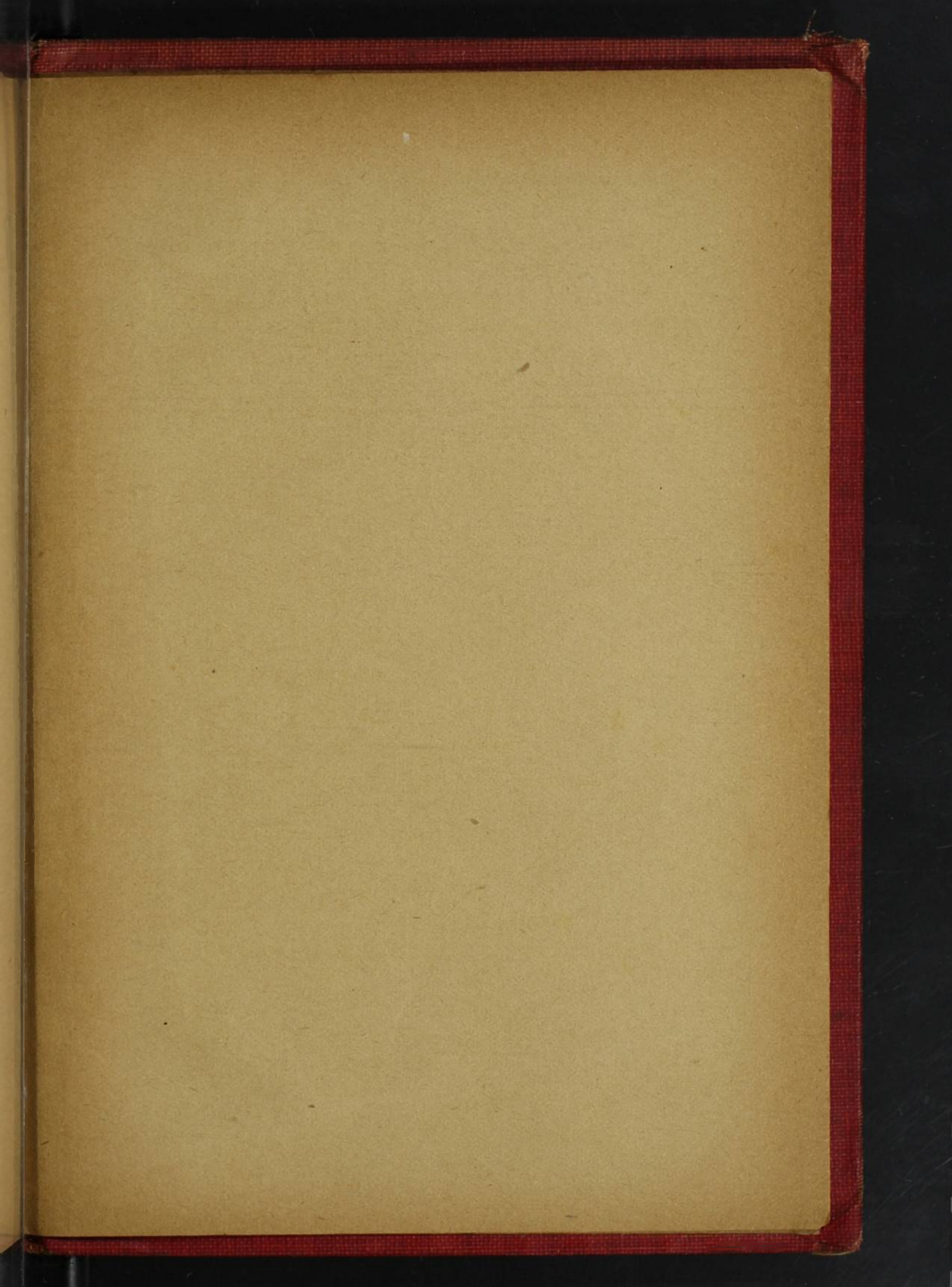
A tampa da concha desceu e ella afundou-se no mar.

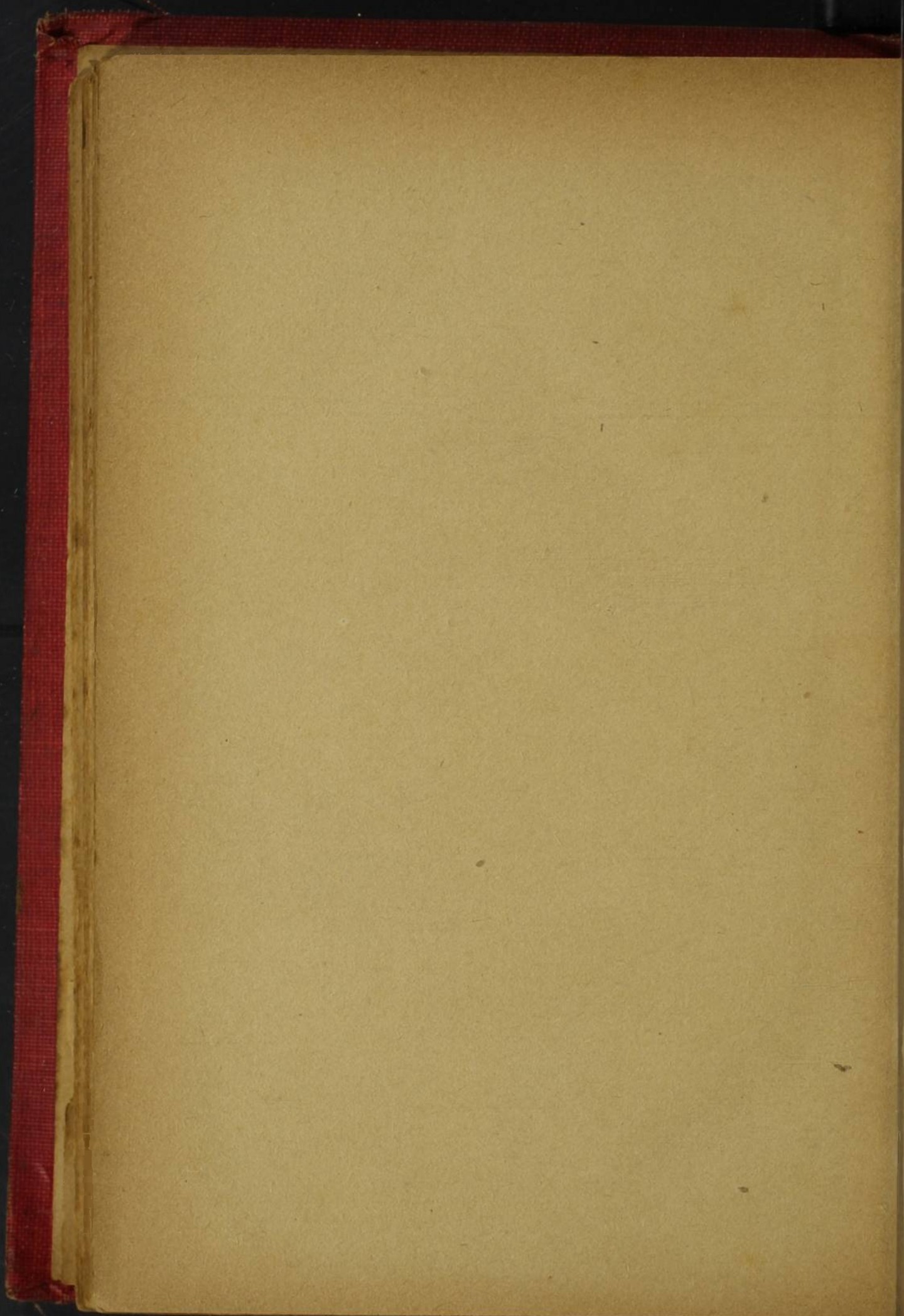
A viuva, sua filha e Leopoldo tomavam o caminho de volta.

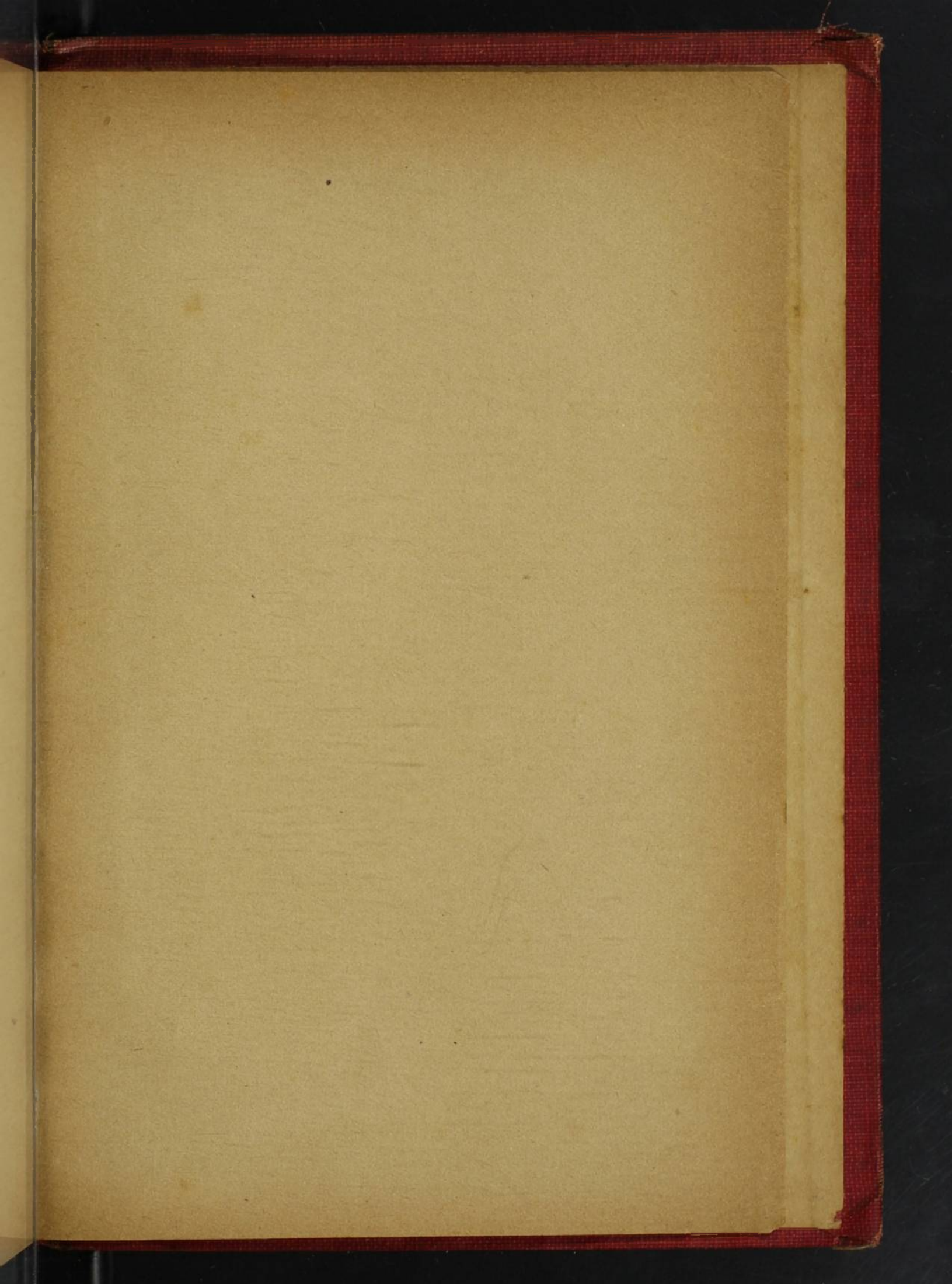
Houve grande jubilo na vizinhança toda a saber que a formosa menina, se achava sã e salva.

Depois de algumas semanas de feliz noivado, Leopoldo casou-se com Santinha.

O principe em novas aventuras amorosas, esqueceu-se da humilde filha do pescador.







36106

